

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM SOCIOLOGIA

Maria das Graças da Silva

FEIRA DE SÃO BENTO EM CASCAVEL - CE
(FESTA A CÉU ABERTO)

Dissertação de Mestrado

Fortaleza – CE
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FEIRA DE SÃO BENTO EM CASCAVEL - CE
(FESTA A CÉU ABERTO)

LINHA DE PESQUISA: Cidade, Movimentos Sociais e Práticas Culturais.

Fortaleza-Ceará
junho/2008

Universidade Federal do Ceará
Maria das Graças da Silva

Feira de São Bento em Cascavel – CE (Festa a Céu Aberto)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará, Mestrado em Sociologia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Peregrina Fátima Capelo Cavalcante

Fortaleza
2008

Maria das Graças da Silva

**FEIRA DE SÃO BENTO EM CASCAVEL-CE (FESTA A CÉU
ABERTO)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Ceará como requisito para obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Dissertação aprovada em ___/___/___

Conceito: _____

Orientador (a): _____

Prof^ª Dr^ª. Peregrina Fátima Capelo Cavalcante

1º. Examinador (a): _____

Prof^ª. Dr^ª. Maria Neuma Barreto Cavalcante

2º. Examinador (a) _____

Prof^ª. Dr^ª. Maria Neyára de Oliveira Araújo

3º. Examinador: _____

Prof. Dr. João Bosco Feitosa dos Santos

Coordenadora do Curso:

Prof^ª. Dr^ª. Maria Neyára de Oliveira Araújo

A Ricardo e aos nossos filhos: Raphaela Kharis, Ricardo Klaus e Karla Virginie; à minha mãe, Nivalda Cavalcante, incentivadora de minha educação e aos meus irmãos: Majô Silva, Said Silva e Marta Wilza.

AGRADECIMENTOS

Ao Ser Superior por tornar possível mais esta realização de minha existência; Aos meus professores: Linda Gondim, Alba Carvalho, Domingos, Lea Rodrigues, Neyára Araújo, Neuma Cavalcante, Irllys Barreira, Sulamita Vieira, Isabelle Peixoto; à minha orientadora Peregrina Capelo Cavalcante pela disponibilidade em todos os momentos e profícua orientação; a FUNCAP pelo apoio indispensável como incentivo ao conhecimento científico; aos meus colegas: Diogo Fontenele e Danielle Maia pelo companheirismo e apoio moral; aos funcionários da Pós-Graduação: Aimberê Botelho, Socorro Matias e Janyeire Menezes, pelos esclarecimentos e excelência no atendimento a mim dispensados sempre que necessitei; aos feirantes, lojistas e fregueses da feira de Cascavel; aos estudantes da Universidade Estadual Vale do Acaraú e aos coordenadores da TRINUS: Dra. Socorro Santos e Pe. Dourado; Ao Sr. Antônio Manuel de Sousa (Barão) e Antônio Carlos, pela importante colaboração e por acreditarem no meu trabalho; a todos aqueles que colaboraram direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa.

“A cada dia que vivo, mais me convenço de que o desperdício da vida está no amor que não damos, nas forças que não usamos, na prudência egoísta que nada arrisca, e que esquivando-se do sofrimento, perdemos também a nossa felicidade”

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

O presente trabalho versa sobre a Feira de São Bento na Cidade de Cascavel, a 60 Km de Fortaleza-Ce, por tratar-se de um mercado a céu aberto que atravessa os tempos com ares festivos durante as manhãs de sábado. O objetivo deste é conhecer as dinâmicas dessa manifestação cultural como parte da memória coletiva, avaliar o seu significado para as populações urbana e rural desse contexto econômico e afetivo, compreendendo relações socioeconômicas no mesmo espaço em que ocorrem os mais diversos tipos de sociabilidades. A proposta se desenvolve com base nos contatos com os agentes sociais, feirantes, comerciantes fixos e móveis, entendendo-se por estes os ambulantes, habitantes do lugar ou não e demais freqüentadores desse ambiente composto de misturas em que tecem uma rede de relações mediante suas particularidades das cartografias físicas e humanas. Entre os moradores desse centro urbano somam-se os habitantes dos distritos da área litorânea e do sertão, inclusive turistas nacionais e internacionais. Em um ambiente de tradição, pode-se dizer que nele são reafirmadas as relações entre campo e cidade em meio às necessidades dos indivíduos pobres, excluídos do mercado de trabalho formal, haja vista a baixa oferta de empregos, ocasionando a busca por meios de sobrevivência, sendo a feira o local de encontro dessas categorias que se “conformam” pelas vias da solidariedade.

PALAVRAS-CHAVE: Feira de São Bento, feirantes, barracas, produtos, fregueses.

RÉSUMÉ

Le Présent travail tourne sur la Foire de Saint Bento dans la Ville de Cascavel à 60 km de Fortaleza-Ce, s'agir d'un marché à ciel ouvert qui traverse les temps avec des airs de fête pendant les matins de samedi. L'objectif de celui-ci est connaître les dynamiques de cette manifestation culturelle comme partie de la mémoire collective, évaluer sa signification pour les populations urbaine et agricole de ce contexte économique et affectif, en comprenant des relations socioéconomiques dans le même espace où se produisent les plus divers types de sociabilités. La proposition se développe sur base des contacts avec les agents sociaux, forains, commerçants agencements et meubles, en se comprenant par les ces ambulatoires, les habitants de la place ou non et excessivement que arrive suivent a cet environnement composé de mélanges ils où tissent un filet de relations moyennant leurs particularités des cartographies physiques et humaines. Entre les habitants de ce centre urbain s'ajoutent les habitants des districts du secteur littoral et de l'arrière-pays, de même touristes nationaux et internationaux. Dans un environnement de tradition, il se peut dire que dans lui sont réaffirmées les relations entre champ et ville dans moyen aux nécessités des personnes pauvres, exclus du marché de travaille formel, aie vu basse offre d'emplois, en causant la recherche par des moyens de survie, en étant la foire le lieu de rencontre de ces catégories qui « se conforment » par les manières de la solidarité.

MOTS-CLÉ: Foire de Saint Bento, forains, tentes, produits, clients.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 METODOLOGIA	24
3 HISTÓRIA DA FEIRA - GENEALOGIA E TRANSFORMAÇÃO	30
3.1 Feira	31
3.2 Feira e Cidade: uma história de transformação	33
3.3 Serviço Público: as feiras regulamentadas pelo Poder Público	34
3.4 Feira de São Bento em Cascavel-CE	36
3.5 Formação do Município de Cascavel-CE	37
3.6 Posição geográfica do Município	39
4 A FEIRA DE SÃO BENTO E O RITUAL DA FESTA NO TEMPO E NO ESPAÇO	45
4.1 A feira como é	52
4.2 As cidades e suas feiras: diálogos e temporalidades	53
4.3 Aspecto da feira	58
4.4 Intensidades e movimentos dos que vão ou vêm da feira	64
4.5 Opiniões dos homens e das mulheres feirantes	65
4.6 O que é que a feira tem ?	66
4.7 Informações dos Srs. Antônio Barão e Antônio Carlos	71
4.7.1 Estrada Real: passagem de pessoas ilustres	72
4.8 Relações pacíficas e concorrência	73
4.9 A “Banda Podre” da Feira	73
5 DADOS ECONÔMICOS, ESTÉTICOS E ETNOGRÁFICOS DA GASTRONOMIA, MODA, PAQUERA E FORRÓ NA FEIRA	76
5.1 Economia do município	76
5.1.1 Cadastro dos feirantes	77
5.1.2 Pesquisa sobre o feirante	82

5.1.3 Feirantes: dados pessoais-----	84
5.1.4 Por que trabalhar na feira -----	86
5.1.5 Mercadorias, preços e negócios -----	88
5.1.6 O que os feirantes acham da feira. -----	92
5.1.7 Feira de móveis rústicos e animais -----	92
5.2 Quem são os fregueses-----	93
5.3 O significado da feira para os fregueses-----	95
5.4 Comerciantes fixos: opinião sobre a feira-----	96
5.5 Gastronomia da feira -----	98
5.6 Moda e paquera -----	102
5.7 O sertão está em todo lugar? -----	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	115
APÊNDICE - Questionários -----	121
ANEXOS -----	125

LISTA DAS FOTOS

Foto 1: Início da feira na rua Pref. Vitoriano Antunes-----	20
Foto 2: Localização do Mercado Público e da feira-----	36
Foto 3: Zona litorânea -----	37
Foto 4: Primeira capela de N. S. do Ó -----	38
Foto 5: Antigos barracões da rapadura e das frutas -----	53
Foto 6: Pesquisadora entrevistando um feirante -----	60
Foto 7: Carro dos ovos no início da feira -----	62
Foto 8: Lateral esquerda da av. Pref.Vitoriano Antunes c/ chanc. Edson Queiroz -----	63
Foto 9: Logradouro da feira bastante freqüentado -----	63
Foto 10: Sr. João do colorau-----	69
Foto 11: Feirante vendendo bananas -----	70
Foto 12: Sr. Antônio Barão e o filho Antônio Carlos -----	71
Foto 13: Galpão do Mercado para carnes -----	75
Foto 14: Artesanato de barro -----	78
Foto 15: Artesanato de palha -----	81
Foto 16: Trio “Forró de Cheiro” -----	106

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do estado do Ceará com destaque do município de Cascavel -----	39
Figura 2: Mapa de Cascavel -----	40

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Grau de escolaridade de feirantes pesquisados em percentuais -----85

Gráfico 2: Faixa etária dos fregueses-----94

LISTA DE QUADROS E TABELA

Quadro 1: Origem dos feirantes -----	78
Quadro 2: Categorias dos produtos -----	79
Tabela 1: Faixa etária dos feirantes -----	84

1 INTRODUÇÃO

Investigar o fenômeno da feira de Cascavel como prática sociológica entusiasmou-me por vários motivos, dentre eles o de conviver com as sociabilidades, em se tratando de uma tradição cultural e integradora dos indivíduos numa intensa relação de trocas, mediante um complexo câmbio de moedas e produtos de subsistência. O espaço é dividido com o artesanato rico e variado da região, como utensílios de barro (cerâmica), objetos de decoração, bijuterias de conchas marinhas, confecções, calçados, utensílios domésticos, instrumentos para o trabalho agrícola, ferragens em geral e móveis rústicos de cipós. Estes contrastam com a delicadeza das rendas de bilros confeccionadas pelas mulheres, muitas delas, esposas ou filhas de pescadores da área litorânea desse Município.

A minha afinidade com a feira decorre do fato de haver nascido no meio rural, precisamente num engenho, onde minha família produz rapadura para abastecer as feiras de Luís Gomes (RN) e Uiraúna (PB), pois o sítio Baixa Verde, local do engenho situa-se entre os dois Estados. Por muitos anos, vi meus parentes realizando negócios em casa ou verificando a cotação do mercado em ambas as feiras, que serviam também para demonstração dos produtos da cana-de-açúcar (mel, alfenins, batidas em menor quantidade). Os negócios podiam ser “bons” ou não, dependendo da época, como é próprio da lei do mercado (MARX, 1979, P. 25).

A cidade de Cascavel pulsa nas manhãs de sábado dia da feira, quando em suas artérias jorram transportes conduzindo mercadorias e pessoas vindas de várias partes, certamente em busca de realizar negócios, não importa a monta, mas o significado dessas transações comerciais ou afetivas para cada indivíduo, num contexto coletivo no que diz respeito a satisfação de suas necessidades imediatas. Também se deve considerar os que vêm oferecer ou prestar algum tipo de serviço e os que utilizam o espaço da feira não necessariamente para vender, mas, expor seus produtos como uma vitrine; chaveiros, bonecas de pano, “lembrancinhas” e outros artigos que são mostrados para serem confeccionados sob encomendas.

O tráfego fica interrompido desde as primeiras horas até o meio dia. No ar, o cheiro de peixe, frutas e verduras, entre outros alimentos, como lingüiça frita, queijo assado, milho cozido e assado, churrasquinhos (espetinho), carnes, aves, bem como os quitutes preparados

pelas permissionárias¹ do mercado, que oferecem ainda, sarrabulho, mão-de-vaca, panelada, cuscuz, tapioca, paçoca, café, sucos de frutas, entre outras iguarias regionais, aos que se fazem presentes a esse evento. Ao término, observa-se no local, detritos em decomposição, cujo odor forte chega a incomodar as pessoas que vivem nas proximidades do local da feira.

Nessa teia de relações, a feira torna-se um campo do mundo econômico em que seus agentes exteriorizam seus *habitus*², ao mesmo tempo em que competem pela dominação de um capital (BOURDIEU,1984, p.197). Compreende-se, portanto, que os agentes sociais se relacionam mediante as práticas econômicas de operações em uma economia de investimentos e de reprodução de capitais, enquanto efetuam outras práticas de uma economia simbólica. Com base nesse estudioso, “as formas de capitais são conversíveis umas nas outras, por exemplo, o capital econômico pode ser convertido em capital simbólico e vice-versa”.(id, p.114). Assim, acontecem interações do meio rural com o urbano numa relação de porosidades: o urbano não nega o rural nem o rural o urbano. Eles convivem em transversalidades das linhas que se tocam. Construindo uma cultura permeada dos dois mundos - rural e urbano - embora aparentemente díspares, se fundem no mesmo campo social. Sendo a feira um dos centros que congregam mercadorias de origens agrícola, industrial e artesanal, como se completasse o ciclo de uma construção e recriação da sociedade, penso, como Antonio Candido (1997, p. 23), que o evento da feira expressa a importância dos meios de vida como fator dinâmico, transparecendo sociabilidades e solidariedade que, em decorrência das necessidades humanas, se estabelecem entre o homem e a natureza, unificadas pela dinâmica de uma cartografia própria.

Para o mesmo autor:

[...] as necessidades têm um duplo caráter natural e social, pois se a sua manifestação primária são impulsos orgânicos, a satisfação destas se dá por meio de iniciativas humanas, que vão se complicando cada vez mais, e dependem do grupo para se configurar. Daí as próprias necessidades se complicarem e perderem em parte o caráter estritamente natural, para se tornarem produtos da sociedade. De tal modo a poderemos dizer que as sociedades se caracterizam, antes de mais nada, pela natureza das necessidades de seus grupos, e os recursos de que dispõem para satisfazê-los (CANDIDO, 1997, p. 23).

¹ Pessoas que obtêm a concessão para comercializar em Box no Mercado Público.

² Conhecimento adquirido, um haver, um capital – indica uma disposição incorporada, quase postural de um agente em ação (BOURDIEU,1998, p. 61).

As palavras desse estudioso evocam as lidas do homem do campo lavrando a terra, utilizando-se de meios rudimentares, como uma enxada, semeando e esperando que dali brotem os frutos garantidores de sua própria sobrevivência e de sua família, como um impulso orgânico pela preservação da vida. Na seqüência das necessidades orgânicas de caráter natural, dá-se outra necessidade que Antonio Candido (1997) chama de social, por se relacionar a iniciativas dos seres humanos, transcendendo do contexto estritamente natural para outra dimensão mais complexa, por entender que as necessidades não se limitam ao plano individual, mas se estende ao coletivo. Parte daí a busca pela satisfação das necessidades socialmente constituídas, devendo, portanto, obtê-las através dos recursos dos quais dispõem.

Compreendo que se deve lançar um olhar sociológico e antropológico sobre o fenômeno da feira com arrimo em um pensamento relacional como preconiza Bourdieu (1998. p.28). Assim, objetivando entender o que se encontra explícito ou implícito no aspecto festivo do ambiente da feira, assim como Vieira, (1980), para quem “a feira além de ser um lugar plausível, é um conjunto de relações econômicas, algumas vezes embotada por uma série de artifícios, o que pode levar, erroneamente, considerá-la como relações não econômicas” (P.13).

O objetivo desta pesquisa é conhecer a feira como esta é, sua tradição em conter gêneros de subsistência num centro de abastecimento como lugar de emprego, lazer e espaço de encontros entre amigos, familiares e vizinhos, cujos afetos se dão num clima de descontração em meio aos interesses subjetivos, coletivos e das sociabilidades, sempre com atenção ao rigor que se faz necessário em toda e qualquer investigação científica sem ser rígido quanto aos métodos ou mesmo aos conceitos teóricos (BOURDIEU, 1998, p. 25 - 26).

O interesse pelo estudo da feira surgiu por tratar-se de um dos principais eventos populares da cidade de Cascavel e por conviver com os efeitos dessa festa a céu aberto desde as primeiras horas do dia, aos sábados, quando os arrumadores de barracas e os carregadores de mercadorias invadem os espaços geofísicos do largo do Mercado Público Municipal na Praça Mal. Floriano Peixoto, em cuja fachada pintada de amarelo-claro e desbotada pelo tempo, se visualiza os anos de 1901, época da sua inauguração e 1993, quando sofreu uma reforma.

A idéia de conhecer o contexto feirante motivou-me como pesquisadora social e responsável pela produção de novos conhecimentos, ao lembrar Santos (1991, p.55) “[...], os cientistas sociais devem proceder a uma reflexão sobre seu próprio trabalho na sala de aula, na pesquisa de campo, nas ações comunitárias, nas diversas instituições e nos laboratórios de pesquisa”.

O aspecto festivo da feira, entre outras funções sociais exercidas por ela, como a política, por exemplo, é uma prática simbólica, tida como “instrumento de integração social: enquanto instrumento de conhecimento e de comunicação [...]”, esse fato desperta a curiosidade de quem se dedica ao estudo das relações entre os seres humanos onde quer que elas aconteçam. (BOURDIEU, 1998, p.10).

A feira é considerada como lugar de trabalho e lazer conforme relatos dos que quem a realizam, Assim, o ar festivo do seu ambiente se traduz num espaço atrativo de comércio e diversão, ora pela diversidade das mercadorias expostas à venda, outras vezes pelo fascínio produzido pelo capital cultural, demonstrado na gastronomia, artes, notadamente a literatura, a música, a moda, pelas peças de vestuário, os utensílios domésticos, instrumentos de trabalho, inclusive pelas próprias formas de concretizar negócios, podendo ser a vista ou a prazo, a varejo ou em grosso e até mesmo arcaicas forma de escambo, troca de um produto por outro.

Na atividade profissional do feirante, encontra-se a formação de uma categoria de trabalhadores que num determinado momento de suas vidas, passaram a se orientar por um *habitus*, ou seja, por “um conjunto sistemático de disposições interiorizadas que guia a ação” (BOURDIEU, 1992, p. 80-81). Neste sentido, os profissionais da feira integram-se numa atitude de solidariedade e pelos códigos socialmente construídos e repassados histórica e culturalmente, com o propósito de mantê-los coesos e, por conseguinte, assegurar a permanência do *status* e da instituição, bem como a sua finalidade que entre outras, se divide entre um meio de vida para uns e um lugar de aquisição de mercadorias diversas para outros.

Acredito que a prática dessa atividade se consolida numa identidade que intensifica os laços de amizade e afetividade intrínseca aos que fazem parte, enquanto se reproduz um sentimento de pertença e auto-afirmação, consciente ou não.

O pensamento de Bourdieu (Ibid.1992, p. 297) sugere que os grupos sociais se formam desde as influências do meio, das relações familiares em princípio. Embora estes grupos sejam autônomos para discernir sobre suas próprias ações, mesmo passando pelo processo de

socialização mediante “estruturas estruturadas e estruturantes feitas pelas instituições educacionais, enquanto sistema de disposições duráveis e transferíveis”, os mesmos são capazes de delimitar os meios de conceber e de sentir, tendo como fundamental a modelação, isto é, direcionar o comportamento dos indivíduos numa perspectiva estrutural-funcionalista na qual existem relações de dominação que desqualificam indivíduos ou grupos, isso demonstra que o poder depende da interdependência passível de benefícios para os dominantes e dominados, enquanto durar tal hierarquia.

Nesse contexto, penso nas relações entre feirantes e lojistas do Mercado Público Municipal, por serem todos comerciantes que convivem no mesmo espaço coexistindo possíveis disputas e sentimentos de pertença nos momentos reivindicatórios junto ao Poder Público, mas, de diferenciação quando competem pelos mesmos clientes. As representações sociais sobre os comerciantes da feira, no entanto, demonstram discriminação por parte dos lojistas estabelecidos nos pontos comerciais, esboçando comportamento diferenciado, aceito como “nômico³” pelas próprias condições de trabalho amparados pelas instituições que regulamentam o comércio lojista no espaço urbano, enquanto os outros são “anômicos⁴” não respeitam sequer as calçadas destinadas aos transeuntes.

A descrição que passo a fazer sobre os caminhos da feira apresenta a realidade vivenciada por habitantes e visitantes da cidade de Cascavel, assim como tem sido por mim, quando para lá me dirijo ao trabalho nas manhãs dos sábados.

Foto-1



Fonte: (feita pela própria autora) Início da feira na rua Pref. Vitoriano Antunes.

³ Respeito às normas estabelecidas para que as relações sociais se dêem de maneira harmônica.

⁴ O contrário de nômico, desrespeito às normas socialmente estabelecidas.

Por volta das seis e meia, como se vê na foto número 1, o evento promove um movimento considerável de pessoas que já transitam, bem cedo, nesse comércio a céu aberto que se realiza ao lado esquerdo da avenida Chanceler Edson Queiroz s/n entre as ruas P^e. Valdevino e Pref. Vitoriano Antunes, tendo aí o prédio do Banco do Brasil ao lado direito, no cruzamento com a av. Chanceler Edson Queiroz, à esquerda, e em frente, ladeada por diversos pontos comerciais, como camisarias, sapatarias, lanchonetes, loja de tecidos, salão de beleza, lojas de ferramentas e muitas outras mercadorias como vasilhas de alumínio, utensílios de plástico que são estendidas nas calçadas, pelo menos durante o momento da feira. O espaço ocupado estima ser uma área de 2.000 m². Não que esteja disposta de forma compacta e homogênea, mas se espalha, isto é, a maior parte das barracas se concentra nesse largo destinado a essa atividade, mas, como há muitas pessoas disputando os lugares, alguns ambulantes (sem barracas) tentam inserir-se no ambiente, instalando-se nos espaços próximos, nas alamedas, praças e becos que dão acesso à feira.

Ao tentar driblar o Poder Público Municipal, que estabelece critérios para a ocupação do espaço da feira, aqueles que nele se inserem sem a devida autorização contrariam as normas preestabelecidas pelo código de posturas⁵ do município que se destina a regulamentar a feira.

Essa demonstração de poder de uso do espaço físico, “poder de impor”, conta com a cumplicidade dos que integram o campo do comércio feirante. (BOURDIEU, 1998, p. 12).

A respeito do poder, Foucault (1979) discute a “mecânica do poder que se expande por toda a sociedade” a qual, mediante técnicas de dominação, atinge a realidade mais concreta dos indivíduos – isto é, o corpo na vida cotidiana, uma espécie de sub poder, a que o autor chamou de microfísica do poder, em razão do deslocamento de uma instância “maior” representada pelo Estado, para outra dimensão em forma de sub poder. Acontece, porém, semelhante controle minucioso do corpo, nos gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos.

Os poderes se exercem em níveis variados e em pontos diferentes da rede social e neste complexo os micropoderes existem integrados ou não ao Estado [...] o aparelho de Estado é um instrumento específico de um sistema de poderes que não se encontra unicamente nele localizado, mas o ultrapassa e complementa. (FOUCAULT, 1979, p. XIV).

⁵ Normas estabelecidas pela Prefeitura para organizar o evento da feira.

O poder percebido na ambiência da feira parte da premissa de sua subordinação ao poder constituído, portanto, político, público, representado pela Prefeitura Municipal de Cascavel que determina local, dia e horário de funcionamento da feira, bem como as condições das barracas, valor da taxa de contribuição, cadastro dos permissionários de dentro do Mercado Público Municipal e dos feirantes, apresentação estética deles de acordo com as normas de higiene adotadas pela Secretaria de Saúde que determina o uso de batas, aventais, galochas, toucas etc.

Embora os feirantes respeitem as regras, eles exercem outros poderes materiais intrínsecos aos seus corpos (micropoderes), pois, cada um pode optar por algum tipo de mercadoria que intenta negociar, como e onde vender, colocar sua barraca ou mesmo expor no seu próprio corpo e circular entre as barracas; estar sempre atento às variações do mercado e avaliar o preço de sua mercadoria, fazer seu *marketing*, gritar ou pagar pela propaganda eletrônica, contratar o carro de som ou bicicleta do tipo “radiadora” das que volteiam durante o tempo da feira e cobram por hora de trabalho. Conforme Foucault (1979), o poder não é uma coisa, mas algo que se exerce, práticas ou relações de poder. Por vezes, feirantes mais antigos na área tentam evitar que novatos venham a utilizar o mesmo local. Para não haver discórdia, com um pouco de conversa, os mesmos entram em acordo e passam a usufruir a mesma concessão. Penso que isto significa um exercício de poder sobre o espaço que, via de regra, não pertence a um indivíduo, mas à sociedade, por ser um espaço público, mas que se encontra sob uma dominação simbólica numa relação de força.

A feira oferece uma diversidade de comunicação, pois, tratando-se de um espaço urbano associado ao mercado nela desenvolvido, também é um centro afetivo com ampla possibilidade de atrair as donas-de-casa e favorecer o encontro de amigos e demais concidadãos. A exemplo da Ágora de Cerâmica, no tempo de Sólon,

Essa função social do espaço aberto persistiu nos países latinos: *Plaza, campo, piazza, gand-place*, descendem diretamente do Agora; pois é o espaço aberto, com seus cafês e restaurantes em volta, que os encontros, conversas, discussões face a face, bem como os encontros fortuitos têm lugar, não formalizados mesmo quando habituais.” (MUMFORD,1982, p. 168).

Desde a Antigüidade, a história do homem se encontra preñe de dados que apresentam a atividade de trocas de produtos desde o momento em que ocorre um excedente na produção. No desenvolver da atividade de troca aparece o comerciante e desde então se

inicia a divisão social do trabalho. Conforme Mumford (1982), em ambiente fechado ou aberto as feiras caracterizam-se como um lugar onde as trocas de mercadorias e artesanatos acontecem entre pessoas de lugares diferentes. Quase tudo acontece ali, em meio ao tráfego, com suas singularidades, pois se trata de um movimento de corpos em um fluxo entre idas, paradas (diante das barracas) e vindas mais lentas, diálogos, perguntas e respostas, negociações, convencimentos e os negócios se realizam muitas vezes entre sorrisos: sinal de que vendedor e comprador se entenderam?

Para interpretar o evento consoante assinala Geertz apud Rodrigues (1997, p.123), “se faz necessário captar o sentido do acontecimento para entender o ritual”. Nessa perspectiva, a discussão ora em pauta pretende compreender a feira como um aspecto do mundo social à luz dos teóricos: Pierre Bourdieu, Émile Durkheim, Clifford Geertz, Michel Foucault, entre outros que, certamente, estão inseridos no âmbito antropológico e sociológico.

Parto da hipótese de que a feira enquanto centro de abastecimentos do meio urbano, oferece principalmente, mercadorias em sua maioria, produzidas no próprio município, nesse caso, de Cascavel.

No primeiro capítulo – procurei compreender a origem e o significado da feira para as populações, buscando explicação na formação dos vilarejos engendrados no passado, quando as cidades, independentemente de suas dimensões e níveis de desenvolvimento, integram o mercado ambulante às suas dinâmicas urbanas.

No intuito de aprofundar o conhecimento sobre o tema proposto, a feira como (ela) é, no segundo capítulo, optei por enfatizar o ambiente da feira, situada no tempo e no espaço, parecendo uma festa a céu aberto, quando se evidenciam os movimentos dos corpos dos transeuntes, dos tipos de transportes, as falas das pessoas, os cheiros, o colorido e as diversidades de produtos, feirantes nas suas barracas e fregueses que circulam por todos os lados nas mais diversas direções.

Para o terceiro capítulo, fiz uma abordagem do aspecto estético e etnográfico dessa manifestação da cultura local, envolvendo, além da gastronomia, a moda, as artes, as sociabilidades nas paqueras e forró, a alegria estampada nas faces dos feirantes, e a importância do fator econômico para o Município, no que diz respeito à ocupação e renda dos que se inserem nesse contexto socioeconômico e cultural.

2 METODOLOGIA

Inspirada em Pierre Bourdieu (1998), procurei compreender o real nas suas relações com o processo histórico que sustenta a feira como uma manifestação da cultura e tradição popular, sendo também uma das identidades de Cascavel.

A pesquisa de campo realiza-se com base em observações, entrevistas estruturadas e aplicação de questionários aos feirantes, fregueses e comerciantes do Mercado Público, por estarem dividindo o mesmo espaço de comercialização. Entendo que a fotoetnografia⁶ tenha sido de grande valia para reflexão e interpretação dos dados.

Empreguei a pesquisa qualitativa por meio de investigações bibliográficas, documentais, bem como a oralidade tentando compreender a fala do povo pela observação direta no ambiente feirante, nas proximidades e fora dele e demais métodos que se fizeram necessários, para análise das relações sociais (individuais e grupais). Na pesquisa quantitativa, por meio dos instrumentos operacionais estatísticos (no caso, apliquei questionários) em amostragem não probabilística, no intuito de traçar um perfil desses agentes sociais atuantes na feira.

As pessoas envolvidas na pesquisa são os negociantes e freqüentadores da Feira de São Bento. Embora os relatos orais tendam a constituir memórias⁷, isto evoca a perspectiva teórica de Geertz (1989, p.17), segundo o qual o cientista social deve realizar uma descrição densa, buscar o significado das ações humanas, portanto, procurei dar densidade a descrição da feira para tentar desvendar o que pode estar atrás das aparências. As investigações se efetivaram na feira, aos sábados, duas vezes por mês, durante dois anos, sem contar com

⁶ Os recursos imagéticos são utilizados como recurso metodológico nas investigações antropológicas e sociológicas nos centros acadêmicos do país.

⁷ O fenômeno da lembrança – *souvenir* – na língua francesa, significa *sous-venir* – “vir” de baixo: vir à tona o que estava submerso. O ato de lembrar o passado através de um processo corporal e presente de percepção em que se evocam imagens adquiridas pela experiência. Bosi, (1994, p.46) cita Henri Bergson – ‘a memória se atribui uma função decisiva no processo psicológico total: a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações’. (Bérgson – *Matière et Memoire*). Maurice Halbwachs apud Bosi, na teoria psicossocial, estudioso das relações entre memória e história pública em duas obras: *Les Cadres Sociaux de la Mémoire* e *La Mémoire Collective*, parte do “fato social” de Durkheim enquanto “sistema social” para compreender o predomínio do social sobre o indivíduo o que altera o enfoque dos fenômenos psicológicos com a percepção, a consciência e a memória (IBID. p.53). “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo – (instituições formadoras do sujeito).

outras pesquisas realizadas em fase exploratória anteriormente, como consumidora e pesquisadora, quando despertei para a importância da feira nesse Município.

Como professora, procurei estimular os alunos a buscarem uma maneira de aprofundar seus conhecimentos por meio da aula de campo, recaindo a escolha na feira de Cascavel. Para isso, elaboramos um questionário, cujo objeto de investigação foi o mundo do comércio ambulante⁸, suas causas e efeitos sociais.

Entendo que este trabalho servirá para despertar nos estudantes, especialmente nos universitários da região, a realização de outras pesquisas científicas em suas futuras salas de aula, por ser esta uma das preocupações das Universidades, no sentido de desenvolver o conhecimento científico, o que certamente levará ao crescimento intelectual, prosperidade e bem-estar social.

Espero que os resultados desta investigação sobre os aspectos culturais da feira possam apresentar dados relevantes para os estudantes dos cursos de Administração de Pequenas e Médias Empresas e Turismo, servindo também, de embasamento para cursos sequenciais nas áreas de Agronomia e Piscicultura, para educadores, investidores e empreendedores nacionais e internacionais que têm investido recursos na região e ao público em geral.

Além disso, ao ampliar os conhecimentos sobre o sentido da feira e suas “implicações” (benefícios), outros possam buscar alternativas para a produção e circulação de bens e mercadorias, prestação de serviço, empregos diretos e indiretos, podendo a feira ser explorada com melhor aproveitamento de suas potencialidades numa perfeita interação do homem com o seu meio.

Em relação à pesca, há queixas de que essa atividade vem sendo prejudicada devido à falta de mão-de-obra, ocorrendo a opção para outras profissões. Muitos pescadores da zona praiana vêm abandonando a pesca marítima para se tornarem caseiros das mansões construídas por estrangeiros para suas temporadas de verão, em troca de salário e carteira assinada; às vezes recebem seus proventos em moeda estrangeira. Talvez não sejam as condições de trabalho oferecidas mais vantajosas que os atraem, mas, a ausência de

⁸ Vendedor itinerante- vindo de outros lugares ou não, para vender na feira.

incentivos, de políticas públicas que venham viabilizar a produção do setor pesqueiro na região.

O resultado dessa transformação no âmbito profissional do lugar é expresso na progressiva falta de alimentos oriundos da pesca marítima no mercado local, sendo necessário adquiri-los em outras localidades do Estado, nem sempre com a mesma qualidade ou preferência dos consumidores que falam da insatisfação e do descaso das autoridades para com o setor.

Ao ingressar no curso de Pós-Graduação – Mestrado de Sociologia - Universidade Federal do Ceará, providenciei um diário de campo onde registrei as observações empíricas e as idéias com suporte nos conhecimentos teóricos e encaixes dos fragmentos cognitivos nas percepções que me ocorriam, como partes de um quebra-cabeças auxiliada pelas imagens que consegui produzir por meio dos recursos fotográficos.

Assim, fui desvendando camadas da feira para outras realidades a ponto de mudar algumas perspectivas minhas no fazer sociológico, no sentido de enxergar verdades ainda não reveladas como o estabelecimento do *habitus* feirante.

Só podemos produzir a verdade do interesse se aceitarmos questionar o interesse pela verdade e se estivermos dispostos a pôr em risco a ciência e a respeitabilidade científica fazendo da ciência o instrumento do seu próprio pôr-se-em-causa. (BOURDIEU, 1998, p. 106)

Para conhecer com profundidade esse complexo intercâmbio de sociabilidades, tomei embasamento nas teorias, conceitos e metodologias dos autores retrocitados, como instrumentos de reflexão para compreender em que condições é possível encontrar a verdade, sem, no entanto, esquecer de buscar questionamentos.

Minha aproximação com o ambiente da feira, especialmente com os trabalhadores que a fazem, só foi possível depois de várias incursões. No início, encostei-me numa barraca de calçados menos visitada onde uma vendedora forneceu algumas informações; uma pergunta aqui, outra ali, noutras, provei o queijo de um, a rapadura de outro, comprei goma fresca para fazer tapioca, perguntei de onde vem, como é produzida e vamos conversando entre um freguês que pergunta e outro que compra. Caminhei mais e encontrei alunos que são

fregueses, depois, outros que são feirantes. Dessa forma, fui conseguindo a convivência deles para realizar essa pesquisa.

Dentre outras pretensões já apresentadas anteriormente busquei compreender a formação do *habitus* comerciante dos feirantes como são chamados os vendedores itinerantes da feira de Cascavel, com base na sua história, na qual conseguem produzir um duplo evento: o comércio e a festa a céu aberto.

Na ação de comercializar mercadorias na feira, tentei compreender as relações sociais desse ambiente, se é de respeito mútuo, se há hostilidades por parte de uma ou de ambas as partes, se há conflitos explícitos ou não, qual (is) o (s) motivo (s) e que mudanças esperam que se concretize. Qual dos grupos detém o poder de exclusão do outro? Que ideologia alimenta a permanência do equilíbrio do domínio? Que resposta obter no sentido de evitar abalos ou mesmo a perda do poder de dominação nesta figuração que, em geral, se caracteriza pelo conflito e pela interdependência? Sabe-se que a feira atrai uma quantidade significativa de fregueses, o que é válido para os comerciantes lojistas das proximidades num espaço onde ambos se beneficiam.

Neste percurso que fiz entre os apertados corredores ladeados por barracas, me esforcei tremendamente ao transitar em meio a multidão para alcançar o outro lado, as outras tantas barracas que se avista, na busca incessante de responder questões tão instigantes.

Tomei também a imagem como recurso metodológico nas ciências sociais, pois,

A fotografia começa a encontrar o seu lugar como meio de interpretação, preenchendo o espaço em branco na área das ciências humanas e, mais especialmente, no âmbito da Antropologia. É chegada a hora da conquista e da legitimação de um espaço para que a fotografia possa ser aceita como mais um meio de produção das idéias, produção de sentido, para contar o cotidiano do Homem e a vida do mundo contemporâneo (ACHUTTI, 2004,p.72).

Desde os primeiros contatos com a feira de São Bento, percebi o fascínio que ela produz pela visualização das cores naquele ambiente somado aos odores que o homem pode assimilar nas experiências adquiridas pela socialização; assim como a mistura das vozes, as entonações das falas, as expressões das faces e os gestos, a utilização das mãos, a postura dos corpos daqueles que operam seus ofícios na feira, interagindo com os fregueses que também se “divertem”. Percebe-se um clima festivo, no qual se integram trabalho e lazer para todos.

Com tais considerações, compreendi que os sentidos se aguçam na tentativa de apreender toda essa complexidade de informações. Na pretensão de captar ao máximo o que acontece na feira, tentando ao mesmo tempo evitar que algo passe despercebido, senti a necessidade de um saber iconográfico.

Para o observador que tenta de todas as formas formular uma narrativa desse momento único, irreversível, pode-se contar com um aliado especial, tanto para captar imagens “congeladas,” como a fotografia ou o vídeo, que possibilita a animação. Esses meios imagéticos dão condições de se ver com acuidade determinados recortes e, por conseguinte, analisá-los melhor.

No intuito de situar este trabalho como passível da utilização das artes “fotocinegráficas”, ou melhor, através da fotografia (ACHUTTI, 2004, p.113), no campo teórico-metodológico busquei direcionar a perspectiva, isto é, centrar as atenções no objeto de pesquisa para obter resultados significativos, na crença de que os recursos imagéticos auxiliem a interpretação dos dados apreendidos na pesquisa de campo, de coisas não vistas, nem ouvidas ou não compreendidas no instante em que ocorreu o episódio, onde o presente se torna passado.

Ao conhecer a importância das imagens para a história do Brasil colonial, especialmente as obras de Debret, Rugendas e Chamberlain, fotógrafos, pintores e escritores, profissionais ou amadores, conhecidos ou anônimos, entendi que muitos deram sua valiosa colaboração, deixando um rico legado dos registros realizados, reconhecidamente de grande significado para os estudos antropológico e sociológico, assim como para outras ciências. As artes citadas podem ser encontradas nas formas de aquarelas, estampas, literaturas e demais expressões gráficas, materializando os aspectos culturais no tempo e no espaço, especialmente dos centros urbanos da época.

Vale lembrar que o processo pedagógico nesse contexto de interdependência e sociabilidade se faz notar pela inculcação das normas e valores a serem assimilados pelos feirantes e fregueses. Dentre as regras de convivência, encontra-se o horário previsto para início às 7 horas e término ao meio dia, em único dia da semana, a ser definido pelas autoridades locais. Enfim, limites e liberdade contracenando no âmbito das relações sociais.

Como instrumento de narração, a fotoetnografia compôs o estudo da feira por acreditar que ela seria uma aliada de longo alcance, auxiliando na decifração de códigos, na interpretação da linguagem visual e, com este respaldo, descrever dados relevantes para esta pesquisa. Como anota Feldman-Bianco (2004, p.40), “Longe de ser um objeto neutro, a fotografia acolhe significados muito diferentes, que interfere na codificação e nas possíveis decodificações da mensagem transmitida”. Penso que a fotografia antropológica em geral registra determinada situação da realidade como um recorte de um universo, sendo de um instante da vida humana em que tanto o fato fotografado como o profissional (cientista ou não) interagem.

O que merece ser retratado certamente é o que está contido no jogo social que o pesquisador olha, objetivando adquirir uma prova, uma memória a ser investigada à luz das ciências sociais para não limitar ao campo da Antropologia ou da Sociologia, mas que seja útil como objeto de análise; que essa imagem auxilie; em síntese um conteúdo histórico, cultural daquele momento, naquele lugar e que semelhança ou diferença pode haver, até onde pode se relativizar (DAMATTA, 1987), tal contexto desse fazer humano?

O que parece interessante para a antropologia é a utilização da fotografia para trabalhar além das aparências, pois, no que diz respeito à pesquisa, o que mais conta não é o simples registro dos fatos, mas o que está fora do campo de visão, a construção do sentido graças à imagem; isso para tornar um meio de restituição, uma outra forma de narrar nosso olhar sobre o Outro. (FELDMAN-BIANCO, 2004, p. 87).

Como se sabe, a feira como espaço de concentração popular, onde se efetuam trocas econômicas e simbólicas, também se encarrega de contar a sua história e de preservar a memória coletiva pela conservação dos gêneros alimentícios cultivados rudimentarmente na região ou, mesmo que tenham passado por alguma transformação na forma de produzir estes bens no setor agrícola, como é o caso da farinha de mandioca e da rapadura (cana-de-açúcar). Verifica-se que ambos os produtos são hoje industrializados por meio de técnicas modernas através de máquinas movidas a óleo diesel ou energia elétrica, substituindo as antigas almanjarras movidas por tração animal. O importante é que os mesmos permanecem no mercado.

3 HISTÓRIA DA FEIRA – GENEALOGIA E TRANSFORMAÇÃO

Para compreender a feira, procurei a origem desse fenômeno por meio de sua história, buscando na genealogia explicações para as transformações ocorridas no tempo e no espaço. Como referência, utilizei o conceito (genealogia) usado por Michel Foucault nas pesquisas por ele desenvolvidas em 1961 – “A História da Loucura”, sobre a loucura e os métodos utilizados pela Medicina tratados na sua obra “O Nascimento da Clínica,” em 1963. Tomei o passado como instrumento de informação para possibilitar uma análise histórica, fundamental para a pesquisa,

[...] se Foucault não invalida o passado [...] parte da arqueologia, procurando estabelecer, a constituição dos saberes privilegiando as inter-relações discursivas e sua articulação com as instituições, respondia a como os saberes apareciam e se transformavam.” (MACHADO, 1979, p. X).

No intuito de encontrar o porquê do labor feirante, procurei estabelecer um retorno aos primórdios dessa atividade, para compreender suas transformações no âmbito não só comercial, mas também de outras linhas dos afetos, um vínculo entre os que participam direta ou indiretamente, isto é, produzindo, vendendo ou comprando, aqueles que convivem com o evento, sem, contudo, estar inserido no fazer feirante, como os que apenas passam pela feira, quando se dirigem a outro lugar, tendo este caminho como via preferencial de acesso.

A exemplo de Foucault, busquei a genealogia desse porquê da feira, para extrair dela as singularidades de sua natureza, como as necessidades humanas a tornaram possível.

No conceito de arqueologia foucaulteano, está a genialidade do que se pode chamar de uma estratégia metodológica que retorna ao ponto ínfimo, indo aprioristicamente ao passado mais longínquo possível e retornar num meticuloso passo a passo, tentando na constituição dos saberes e nas inter-relações, compor um retrato fidedigno de uma dada realidade. Conforme Roberto Machado (Introdução - FOUCAULT, 1979), ao partir-se de uma arqueologia⁹ dos saberes, o que mais importa é ir ao encontro da genealogia – do nascimento e permanência de tais saberes, o que implica na efetivação de determinada ação humana.

⁹ Busca no passado a constituição dos saberes onde as inter-relações discursivas articuladas com as instituições possam explicar como os saberes surgiram e se transformaram. (MACHADO, 1979, p. X).

Para dar conta do estudo da feira, os conceitos retrocitados forneceram base para a investigação, dando-se numa análise histórica, que, evidentemente, se constitui de vários fatores sócio-antropológicos, econômico e cultural, que têm origens nas necessidades de sobrevivência dos seres humanos em todas as épocas e lugares onde quer que existam.

Dentre as práticas culturais da sociedade urbana, destaca-se a feira como evento que atravessa o tempo com ares festivos, enquanto pode ocultar conflitos e dificuldades, dadas condições inerentes ao modo de produção capitalista que, por sua vez, interfere nas transações comerciais e na própria dinâmica da circulação de mercadorias nos setores interno e externo. A atividade de troca está relacionada à própria história do homem a partir do momento em que a vida sedentária se consolida mediante a produção de bens, de então, o excedente viabilizou transações de um produto por outro entre pessoas das mais diversas localidades, originando, portanto, a feira. Desde sua origem, ela exerce um poder de atração tanto pela oferta de produtos naturais, mercadorias de primeira necessidade, utensílios rústicos, de barro e de ferro, artesanatos em geral, como pela aproximação entre as pessoas.

3.1 Feira

A feira é uma atividade comercial em local público no qual se expõem e vendem mercadorias. O vocábulo também complementa os cinco dias úteis da semana: segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira e sexta-feira. Como evento recreativo, considera-se feira, uma exposição ou parque de diversões em local e época determinados. A título de informação, *feria* (latim) significa dia santo que não se deveria trabalhar, criado por Martinho de Dume para a liturgia católica no período da Páscoa.

Na história da humanidade encontram-se inúmeras referências às feiras. Existem informações de que em 500 a. C. se praticavam feiras em Tiro no Médio Oriente. De caráter comercial, desde os primeiros relatos, as feiras se relacionavam às festividades religiosas por ocasião dos dias santos. Nesse ambiente, mercadores de várias partes reuniam-se para efetuarem as trocas de seus produtos. Percebe-se, portanto, que a religião se insere nesse contexto, pois o termo *feria*-feriado, é o mesmo que deu origem a “feira” na língua portuguesa; *feria* na espanhola e *fair*, na inglesa. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Feira>. 2007)

Consta que as feiras medievais impulsionaram o comércio europeu no final do século XI após a decadência do Império Romano, quando a Europa saía do feudalismo, onde as pessoas produziam em espaços limitados, para o próprio abastecimento e trocavam com as outras o que faltava.

Atribuem-se às Cruzadas, o importante papel de reabrir vias de acesso pelo Mar Mediterrâneo ensejando novas relações com o Oriente na busca de produtos raros para os europeus fazendo com que o dinheiro circulasse. Esses produtos eram oferecidos nas novas cidades chamadas “burgos” por serem muradas e seus habitantes tornaram-se burgueses¹⁰.

Durante as realizações das feiras medievais a segurança era redobrada, interrompiam-se as guerras no intuito de que a paz fosse assegurada aos feirantes e aos freqüentadores – compradores.(Ibid. 2007. p.1)

Com a transição do feudalismo para o capitalismo, as feiras se estabelecem de forma mais organizada intensificando-se, como foi citado, com o advento das Cruzadas, pela necessidade de suprir as carências dos viajantes, assim, os praticantes das trocas comerciais (os comerciantes) sistematizaram feiras itinerantes por força das circunstâncias. Historiadores dão conta de que a feira foi o ponto de convergência para a formação das cidades; como a Ágora fora o centro dinâmico da cidade grega sendo ela um espaço aberto, de domínio público, cercado por construções e monumentos, inclusive de barracas, indicando o dia de feira (MUMFORD,1982, p.167).

Acredita-se que as feiras se constituem como prática de trocas comerciais muito antigas, constando nos arquivos sumerianos a existência de um ideograma em forma de “Y”que indica o mercado:

[...] possivelmente seria a indicação de um local de mercado como ponto de junção das rotas de comércio já conhecida àquela época [...] o mercado surgiu para regular a troca local, muito antes que qualquer ‘economia de mercado’ [...] lucro e acumulação de capital privado viesse a existir.(IBID. 1982, p. 85)

O desenvolvimento de Cascavel também se inscreve nesse contexto das rotas comerciais. Assim, o ambiente urbano começa a se desenhar, caracterizando-se pelas

¹⁰ Termo aplicado posteriormente aos comerciantes que enriqueceram por praticar a atividade comercial.

construções habitacionais, monumentos e edificações destinadas a cumprir suas funções econômicas, religiosas e sociais.

3.2 Feira e Cidade: uma história de transformação

As formas clássicas de mercado consolidaram-se pelo excedente da produção disponível para o consumo, porém, da falta de algum produto, poderia encontrá-lo em outros produtores e vice-versa, dando-se, portanto, o intercâmbio de mercadorias entre grupos. A feira se institucionaliza como exigência de um ambiente que carece de muitos produtos, servindo para seu estabelecimento o espaço geofísico, um largo que passa progressivamente a ser esquadrinhado, oferecendo uma estética possível de um centro urbano (FOUCAULT, 1979). Entendendo por esquadrinhar uma condição do uso organizado do espaço citadino para poder adequar o evento à necessidade que ele deve suprir; isto é, possibilitar que pessoas interessadas realizem trocas de produtos que por algum motivo não foi possível produzir.

Surge então duas formas clássicas de mercado: a praça aberta e o bazar coberto, a rua de barracas ou de lojas possivelmente já haviam encontrado sua configuração no meio urbano por volta de 2000 a.C. no mais tardar. Mas, pode ser que fossem precedidas pela forma mais antiga de supermercado, dentro do recinto do templo. (MUMFORD, 1982, p. 85).

Em virtude de implicações de ordem pública, foram estabelecidas regras de funcionamento garantidas e controladas pelo Estado. E a feira passa a desempenhar papel importante, a partir da chamada Revolução Comercial, no século XI. Atribui-se, portanto, à Idade Média a consolidação das feiras, pois, na época dos faraós como período escravagista, e na fase do feudalismo, a produção destinava-se somente ao consumo, pois os faraós não tinham interesse de comercializar, nem os senhores feudais (ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA - 1995, vol. 8, p. 502).

De acordo com Souto Maior (1978), as feiras tiveram sua efetivação provavelmente, na Idade Média,

As influências das atividades comerciais de Bizâncio foram vis não somente para a Idade Média, mas até para a Idade Moderna, pois, o renovado contacto comercial com o Oriente foi uma das causas principais do aparecimento de muitas cidades do Ocidente europeu e a concorrência comercial estimulou os descobrimentos e a expansão da civilização européia no século XVI.

Com vistas a estimular a expansão comercial por meio dos produtos adquiridos no Extremo Oriente, distribuídos através do Mediterrâneo com lucratividade considerável, especialmente com especiarias, perfumes, sedas, jóias, entre outras mercadorias de luxo aceitas no mercado, essas relações com o Oriente fizeram com que se abrissem os grandes comércios nas cidades de Veneza, Gênova e Pisa, aumentando a concorrência entre os aventureiros e comerciantes dedicados à compra e venda de produtos necessários ou não nos mais longínquos lugares do mundo.

A importância das feiras se evidencia na Idade Média com o registro de uma solicitação da população de Poix ao rei para funcionamento de um mercado e de duas feiras semanais, obtendo a seguinte resposta do rei:

Recebemos a humilde petição de nosso querido e bem amado Jeham de Créquy, Senhor de Canaples e de Poix [...] informando-nos que a mencionada cidade e arredores de Poix estão localizados em terreno bom e fértil, e a mencionada cidade e arredores são bem construídos e providos de casas, povo, mercadores, habitantes, e outros, e também lá afluem, passam e tornam a passar, muitos mercadores e mercadorias da vizinhanças e outras regiões, e isto é requisito, e necessário à realização das duas feiras anuais e um mercado cada semana [...] Por essa razão é que nós [...] criamos, organizamos estabelecemos para a mencionada cidade de Poix [...] duas feiras por ano e um mercado por semana. (SOUTO MAIOR, 1978, p. 190)

O advento da feira existe inclusive nos relatos bíblicos, quando da chegada de Jesus Cristo em Jerusalém, pois, encontrando o templo repleto de comerciantes, os expulsou, dizendo que aquele era lugar de oração e não de feiras livres (BÍBLIA SAGRADA, c11, v17, 1974).

A cidade, conhecida na atualidade, é fruto da idealização e do trabalho articulado de muitos seres humanos. Citando Raquel Rolnik (1988, p. 8), “[...] é uma obra coletiva que desafia a natureza”, nascida de um processo de sedentarização, sendo esta uma forma inusitada de relação do homem com a natureza e uma nova ordem organizacional, projeto de uma vida social e da produção coletiva.

3.3 Serviço público: as feiras regulamentadas pelo Poder Público

A iniciativa de regulamentar o evento da feira, preestabelecendo local, dia e horário, disposição das bancas enfileiradas, exposição das frutas e legumes e demais mercadorias sob as lonas coloridas, além de delimitar o espaço, impor regras, ao ar livre, com a claridade do sol, todo esse visual pode ter concorrido para atrair o público em detrimento do mercado público por possuir cobertura, construído com a mesma finalidade econômica e de oferecer mais um lugar de transações e sociabilidades para os mais abastados.

Desde o final do século XVII, as feiras das cidades brasileiras tornaram-se instituições regulamentadas pelo Poder Público, no sentido de organizar o comércio de produtos excedentes da agricultura, da pecuária, incluindo outros artigos manufaturados artesanalmente por pessoas no âmbito familiar. Esta maneira certamente foi a melhor forma de oferecer aos feirantes um lugar determinado para a comercialização dos seus produtos ao mesmo tempo em que a construção do Mercado Público oferecia condições de armazenamento, higiene e sistematização de horários estabelecidos para que a população urbana pudesse freqüentar e adquirir o que lhe aprouvesse, uma espécie de “shopping center” de alimentos e demais apetrechos a preços módicos.

A feira brasileira é um fator de distribuição, além de um dinamizador econômico, sobretudo no Nordeste, onde estão profundamente envolvidas nos sistemas de mercado regional, reagindo às mudanças que ocorrem no campo político e econômico do país. (CLEPS, 1997).

As feiras no Nordeste já aconteciam pelas necessidades da população urbana e rural. Consta na história da cidade de Cascavel que sua origem se deveu em parte aos encontros dos comerciantes que passavam por essas terras, pela Estrada Real¹¹, onde se formou o lugarejo e posteriormente evoluiu para cidade. Sua localização numa área litorânea favoreceu as relações comerciais, por facilitar o transbordo, a troca e a armazenagem.

Historicamente a feira exerceu importante papel, sobretudo no desenvolvimento econômico. Sendo um lugar de trocas comerciais e afetivas (amizade ou aversão), desenvolvendo-se e expandindo-se nas comunidades a ponto de sua dinâmica permanecer até hoje, ela esboça características do passado, associadas às mudanças do presente, como se pretendesse ajustar-se às demandas da freguesia. Nela se encontram mercadorias industrializadas como roupas e calçados, que não faziam parte do acervo no passado. A venda de CDs, DVDs, por exemplo, permeia o cenário de articulações entre pessoas de faixas etárias

¹¹ Caminho que ligava Fortaleza a Aracati e Mossoró-RN.

diversas, sobretudo os jovens, o que torna o ambiente mais alegre e festivo ao som de músicas de forró das mais variadas “bandas” do agrado cearense.

A feira constitui-se em um lugar de encontro regular, que proporciona uma integração social mais efetiva da população rural vizinha. Nela a dominância urbana se manifesta, proporcionando uma vigorosa demonstração de dependência rural, face às instituições e à economia da cidade [...] (VIEIRA [2] apud NASCIMENTO, 1999, p. 28)

Capaz de agradar ao público e efetivar negócios, ao mesmo tempo em que promove o encontro de categorias sociais que parecem separadas no senso comum, o meio rural e o urbano se integram pela feira numa estrutura indissociável. Enquanto um oferece produtos agrícolas, pecuários e derivados, matérias-primas para abastecer o meio urbano, inclusive o artesanato rico e variado produzido como meio de ocupação e renda, o outro fornece produtos industrializados numa intensa criação e recriação da cultura.

3.4 Feira de São Bento em Cascavel – CE

Foto - 2



Fonte: Google Earth. Localização do Mercado Público onde acontece a Feira em Cascavel.

A feira de São Bento é também conhecida como Feira Velha, por ser considerada uma das mais antigas e disputadas do Estado e uma das melhores da região Norte-Leste como dizem os cascavelenses.

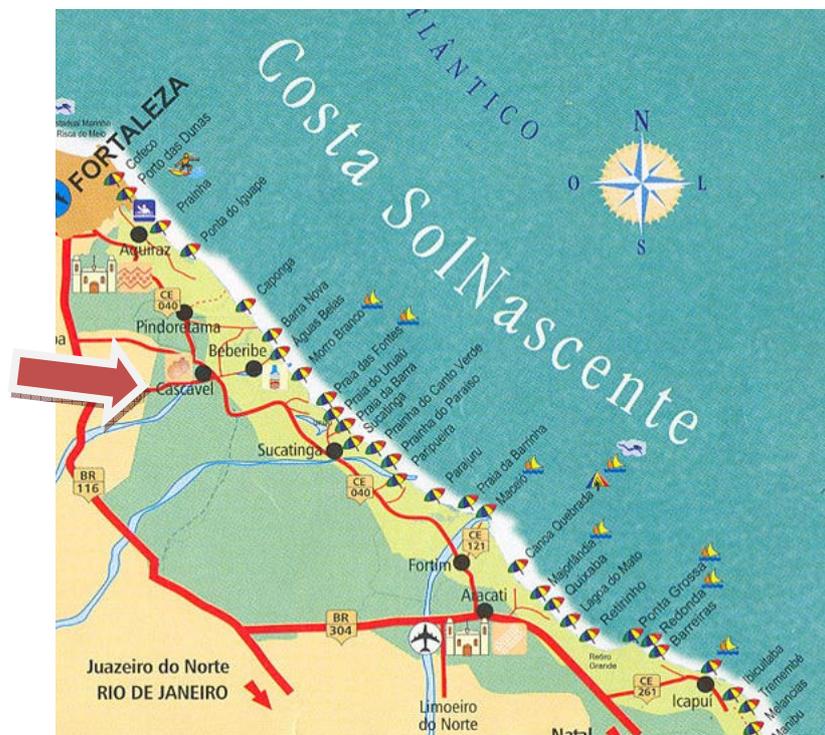
Procurei conhecer o seu significado no universo desse mercado para os feirantes e fregueses e as relações “socioeconômicas”, por entender que a feira pode estar carregada de

laços de amizade, afeição e solidariedade, pois, empiricamente, é um ambiente atrativo para as pessoas de várias classes sociais como os turistas que se misturam aos habitantes do município. Há facilidade de “entendimento” entre os que oferecem e os que procuram produtos de “qualidade”, inclusive a barganha nos preços que variam de acordo com o horário, sendo mais reduzidos no final das atividades ao meio dia do sábado.

Ao pesquisar essa manifestação cultural que é a feira, como fenômeno antropológico, inspirei-me também em Geertz (1989), pois, para ele, “a cultura é o meio pelo qual as gerações aprendem os sentidos e os significados dos valores, das normas do meio ao qual se insere”. Quanto às conseqüências dessa comercialização, tentei compreender os seus efeitos, para os que fazem da feira seu meio de vida, à luz da Sociologia.

3.5 Formação do Município de Cascavel-CE

Foto: 3



Fonte: http://www.vianovabrasil.com.br/upload/arquivo/00000083_MapaCeara Download.jpg

O Município de Cascavel-Ce, conforme Bessa et al. (2001), localizado em zona litorânea, atualmente intitulada Costa do Sol Nascente, é uma área de turismo e pesca. Os

autores citam que o assentamento dos colonizadores, datado de 25 de fevereiro de 1694, por Domingos Paes Botão e seu cunhado João da Fonseca Ferreira, que a receberam como sesmária e a denominam Sítio Cascavel, concessão efetivada pelo capitão-mor Fernão Carrilho, como transcreve o autor “[...] era uma paragem à mão direita da estrada dos que iam do Siará ao Choró; ficava na terra do ajudante Manoel Rodrigo Bulhões que, como outros, em 1690, conseguiram sesmarias do fim da várzea do Goiaí, Choró baixo”, onde foi construída a capela de Nossa Senhora do Ó em 1710, por Manoel Rodrigues da Costa e sua esposa, Francisca Ferreira Pessoa o que muito contribuiu para o estabelecimento da população.

Foto 4



.Fonte: Cascavel Didática. Capela de N. S. do Ó, construída em 1710 atual matriz de N S. da Conceição.

O topônimo “Cascavel”, segundo a lenda contada por antigos e idosos moradores, foi sugerido por viajantes ou comboieiros em travessias do Aracati para Aquiraz, Fortaleza e vice-versa. Ao arrancharem-se sob os cajueiros, mesmo antes dos colonizadores citados, teriam encontrado algumas cobras cascavéis, dando o nome de “passagem da cascavel” como referência para os encontros, topônimo adotado até os dias atuais. Por tratar-se de uma cobra venenosa, os moradores tentaram substituir pelo nome do santo protetor contra picadas do ofídio – segundo a crença, São Bento. Diante da impossibilidade de atendimento, restou à feira ser conhecida como Feira de São Bento.

A formação urbana de Cascavel se iniciou com os encontros entre viajantes, mercadores, agricultores, missionários, comboieiros, aventureiros, e todos que habitaram e que, de alguma forma contribuíram para a construção e transformação do lugar.

Os produtos como farinha e goma de mandioca, couro de gado, rapadura e mel de engenho e as frutas tropicais de sítios próximos à Estrada Real saíam para Pernambuco e Maranhão. O porto de Barra Nova, chamado pelos mercadores como “porto cozinha” na foz do rio Choro, escoava a produção local e desembarcava sal, peixe seco e outras tantas mercadorias, vindas de várias regiões. Comboieiros e mercadores utilizavam muares para o transporte destes produtos para o sertão.

Elevada à categoria de vila em 6 de maio de 1833, por deliberação do Conselho Providencial, sob a presidência de José Mariano d’Albuquerque Cavalcanti, presidente da Província, Cascavel desmembrou-se de Aquiraz e de Aracati e foi elevada à categoria de cidade em 02/11/1883 – Lei 2.039.

3.6 Posição geográfica do Município



Figura 1. Mapa do Estado do Ceará – Destaque do Munic.de Cascavel (http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Ceara_Municip_Cascavel.svg).

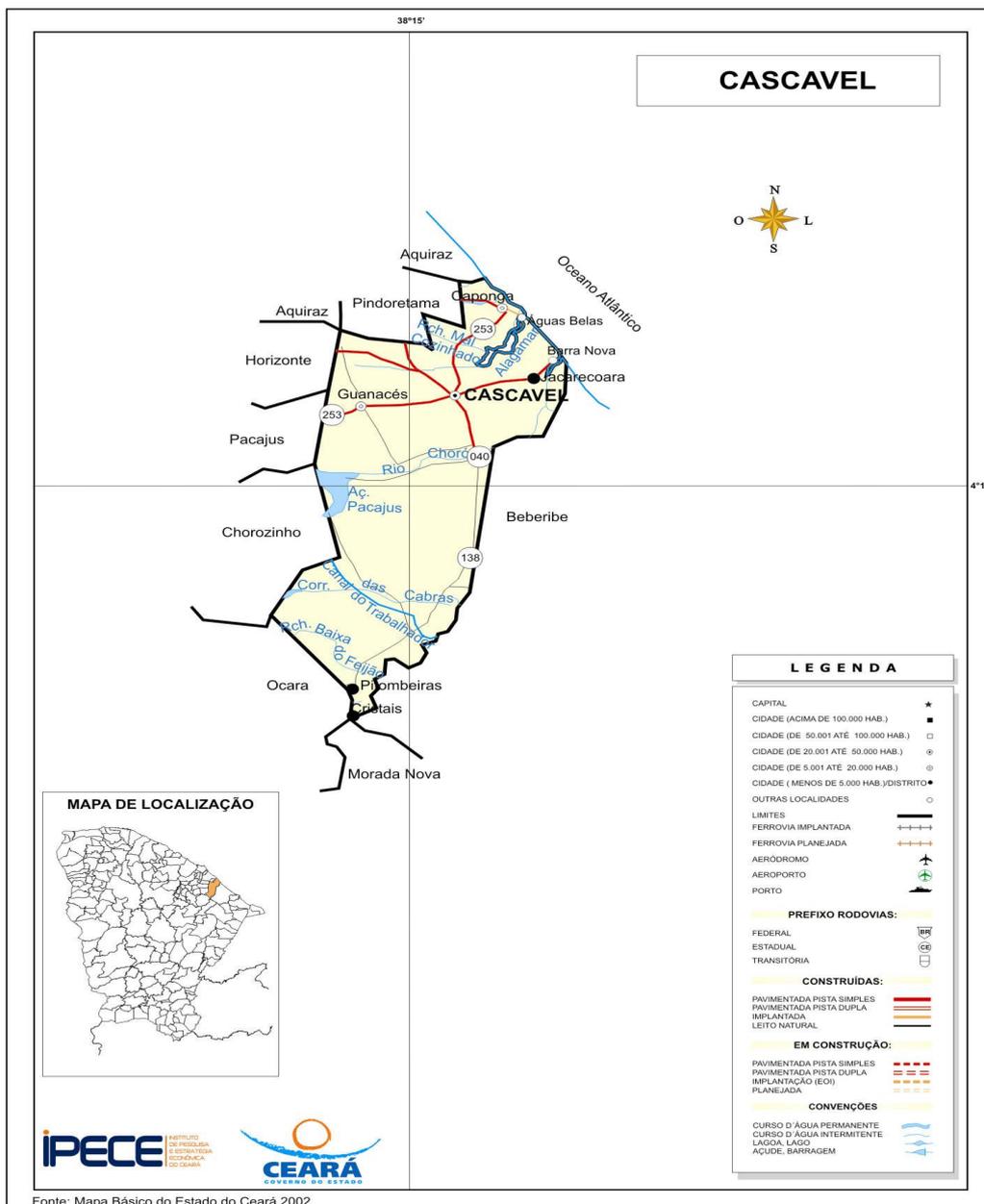


Figura 2

O Município de Cascavel possui 837,97 km² o clima é tropical, quente, semi-árido brando com chuvas de janeiro a maio, com precipitação 1.331,7mm (média histórica). Relevo: planície litorânea e tabuleiros pré-litorâneos dissecados em interflúvios tabulares. Limita-se ao norte com o oceano Atlântico (com 18 km de litoral da foz do rio Malcozinhado à praia de Balbino), Aquiraz e Pindoretama; ao sul com Ocara; a leste com Beberibe; a oeste com Pacajus, Horizonte e Chorozinho. Faz parte da Região Administrativa 09-RA 09 – do Estado do Ceará (Lei Complementar no. 1 de 1º./jun/1955). Conta com uma população estimada em 63.170 habitantes (IBGE/2005); pelo censo de 2000, 57.129. Destes, 47.453 urbanos

(75,10%) e 9.676 rurais (15,5%). Tem densidade de 59,7 hab/km², distando da Capital cearense 60 km pela Ce-040. Clima varia entre 26 e 31 graus Celsius. Divide-se em seis distritos: a Sede, Caponga, Guanacés, Jacarecoara, Pitombeiras e Cristais.

Localizada entre as cidades de Pindoretama, Pacajus, Aracati e Beberibe, conta ainda com os povoados de Batoque, Barra Nova e Águas Belas, todos em zonas de praias, bastante habitadas por nativos pescadores e rendeiras, perplexos com a especulação imobiliária que surpreende a todos com o avanço das construções de modernas habitações, substituindo as antigas e rústicas moradias da gente simples do lugar, destinadas aos que vêm veranejar nos fins de semana e nos períodos de férias (alta estação). A localização da cidade faz dela um dos centros urbanos mais movimentados, tanto pelos habitantes circunvizinhos como por visitantes de outros estados da federação assim como por estrangeiros de vários países.

Associados à origem da feira de São Bento encontram-se outros fatores relevantes para a compreensão desta. Sabe-se que o povoamento do Ceará – século XVII (1637-1654) deveu-se em parte à pecuária extensiva e, pela precariedade das atividades comerciais, o gado vacum era negociado nas feiras de Olinda e Igarassú (PE) e em Feira de Santana (BA). Este dado coincide com a ocupação de Pernambuco pelos holandeses (1624 a 1634) conforme citado por Vieira (1980), “tendo como principais mercadorias o gado e os artigos importados trazidos para Pernambuco”.

Ao lado da pecuária e da cultura da cana-de-açúcar no século XVIII, a agricultura de subsistência era incentivada pelas autoridades obrigando os pequenos produtores a plantarem mandioca, feijão e milho, criar gado “miúdo”, ovelhas e cabras para alimentação da família, pois até meados do século XIX a pecuária era a principal atividade econômica da Província. Na segunda metade desse século, a agricultura começa a se desenvolver para suprir a escassez de alimentos de que se ressentia todo o País, especialmente as populações mais pobres. Alguns municípios do Ceará legislavam para essa finalidade: “em 1837 a Câmara de Aracati sanciona a Lei 68 contendo no seu art. 67 a obrigatoriedade para que cada lavrador plante quatrocentas covas de dois pés de mandioca por ano sob pena de ser multado em dez mil réis para as despesas da Câmara ou quatro dias de prisão”. (VIEIRA, 1980, p.17-22).

Pelo trânsito histórico que se faz do período colonial até aqui, e pelas datas registradas em documentos consultados, acredita-se que a introdução da feira como centro de comercialização de produtos alimentícios no interior do Ceará ocorreu por volta da segunda

metade do século XIX. Quando em 1856 a Lei 761 art. 1, Câmara de Maria Pereira, criava nesta vila uma feira no dia de sábado das seis horas da manhã até às quatro da tarde. Mais tarde, em 1859, a Lei 893 art. 1º. cria três feiras de gado, uma na cidade de Baturité, uma na vila Maranguape, e uma na povoação de Pacatuba. Sobre a feira de Cascavel, consta o seguinte:

Feira dos domingos para as quintas-feiras”; na sessão do Conselho de Intendência de 27 de agosto de 1891, ‘um abaixo assinado do corpo commercial desta praça pedindo para ser criada uma postura no sentido de ser transferidas para os sábados as feiras de gêneros e mandando conservar fechados os estabelecimentos commerciaes nos domingos e dias santificados. Attendendo a justa reclamação do corpo commercial, o Conselho de Intendência Municipal desta Cidade resolve:

Art.1º. fica proibido abrir lojas, tavernas, armarinhos, etc. em que se venderem gêneros nacionaes e estrangeiros, fazendas molhados ou outro qualquer artigo de negocio nos dias de Domingos e santificados das oito da manhã as quatro da tarde.

Art 2º. Fica designado o dia de quinta-feira de cada semana para a feira de gêneros.

§ Único, quando porém, o dia designado para a feira for santificado será o da feira o dia anterior. Os contraventores serão multados em dez mil réis e duplo na reincidência; cujos artigos de posturas serão remetidos ao General Governador do Estado, para serem sancionados e publicados como lei.’ (BESSA, 2001:280). Mais adiante, a ‘Lei no. 63 de 20 de outubro de 1924 resolve sobre a mudança da feira do dia de Domingo para o Sábado’ o texto menciona o fato do Domingo ser dia para descanso e práticas religiosas para muitas pessoas em quase todas as cidades, villas e povoações do Brazil, não se trabalha aos Domingos. Sendo as feiras inconvenientes para o descanso. ‘Preocupando não só os commerciantes como também os agricultores que vêm expor os seus productos a venda nesse dias; - Considerando que o dia de Sabbado se adapta perfeitamente bem para as feiras, não havendo nenhum prejuízo para o commercio e nem para os agricultores;

RESOLVE: - Art.1º. – Que o dia destinado para as feiras seria o dia de Sabbado;’ nos oito artigos seguintes que regulamentam a prática da feira, definem que o primeiro dia de feira será no primeiro sábado do mês de janeiro de 1925” (BESSA et ali, 2001, p. 292).

Conforme a citação, está clara a influência de forças, poder econômico e políticas que, em conjunto com o Estado visa controlar as manifestações culturais, na interdição do tempo da realização da feira, e nos dias designados ao culto religioso que não devem ser objeto de nenhuma interferência, ou seja, as práticas religiosas aos domingos e dias santos como são datas sagradas, devam ser efetivamente respeitadas pelos fiéis. Assim, suspendem-se as práticas comerciais culturalmente desenvolvidas na localidade como são o comércio fixo e a feira. Percebe-se, dessa forma, que a Igreja ordena essa atividade sendo uma situação que só

a sociedade pode resolver segundo suas crenças e ritos. Como ensina Durkheim (2000, p.327),

[...] a vida religiosa e a profana não podem coexistir nas mesmas unidades de tempo. Portanto, é necessário reservar à primeira dias ou períodos determinados dos quais todas as ocupações profanas sejam retiradas. Foi assim que surgiram as festas. Não há religião nem, conseqüentemente, sociedade que não tenha conhecido e praticado essa divisão de tempo em duas partes definidas que se alternam segundo uma lei variável com os povos e as civilizações [...]

Do ponto de vista religioso, conforme a citação, entendo que Durkheim pensou em ritos nos quais as atividades humanas sejam divididas no tempo e organizadas de maneira que o sagrado seja separado do profano onde um não interfira no outro.

Compreendo que esse tempo não se define por uma vontade individual, mas, coletiva. “Não é meu tempo que está assim organizado; é o tempo tal como é objetivamente pensado por todos os homens de uma mesma civilização”. (IBID. 2000, p. XVII).

Na seqüência das leis sobre o Código de Posturas de Cascavel, encontra-se a Lei 64, de 22 de outubro de 1925 que resolve mudar a feira do sábado para o domingo com o seguinte texto:

A Câmara Municipal de Cascavel, - considerando que a mudança das feiras para os dias de Sabbado não têm correspondido á expectativa de seus munícipes; - Considerando que as mesmas feiras têm dado sensível prejuizo ao Commercio, a Agricultura, contribuindo por isso mesmo para o decrecimento das finanças municipais; - [...] as missas aos Domingos têm pouco frequentados, por aquelles que moram fora da área urbana e suburbana da Cidade; - Considerando que as novas feiras Dominicais da exVilla de Guarany do vizinho município de Aquiras têm influído poderosamente sobre as nossas desviando para ali grande massa de comboieiros que vão abastecer-se dos nossos principais productos agrícolas – farinha e rapaduras. (BESSA et ali. 2001, p.292)

O texto expressa grande preocupação com os interesses do Município do ponto de vista econômico e financeiro e revoga a Lei no. 63, contrariando o Código anterior, restabelece a feira aos domingos a partir do dia 1º. de novembro do ano de 1925. Isto porque à época, as pessoas que moravam no meio rural vinham à cidade para assistir à missa aos domingos e fazer a feira. Assim, conciliavam a devoção com a obrigação. Quando a realização da feira foi determinada aos sábados, os fregueses se dirigiram para as localidades

que unificaram missa e feira aos domingos. Essa situação afastou a freguesia enfraquecendo o comércio de Cascavel de maneira geral. Tal fato gerou insatisfação aos comerciantes fixos e feirantes fazendo com que as autoridades locais retrocedessem, restabelecendo a feira aos domingos por algum tempo. Essa é também uma preocupação existente com a feira de Pedras em relação à feira de Capela - PE, acerca do enfraquecimento da primeira e o fortalecimento da última conforme Meyer (1979, p. 41). Não por causa da missa, mas, por fatores relacionados a transportes e variedade de mercadorias.

Observa-se que os produtos expostos na feira de Cascavel provêm da agricultura para abastecer a população local e outras vizinhas, competindo com o próprio mercado local e disputando com as feiras do município próximo. É uma situação vexatória para o poder público de Cascavel, que não quer perder os benefícios e os recursos oriundos desse comércio. Atualmente, a feira acontece aos sábados conforme o Código de Posturas vigente, contando com 639 feirantes cadastrados na Secretaria de Turismo do Município. Empiricamente percebe-se que há outro tanto sem autorização. Considerada pelos cascavelenses como a 2ª. maior feira do Nordeste, sua ocupação e exploração se realiza por pessoas de Cascavel, da zona rural, comerciantes de Fortaleza, da zona jaguaribana e do Rio Grande do Norte. (dados da Prefeitura Municipal).

Enquanto a feira se realiza aos sábados das 6h às 12 horas, o Mercado abre diariamente das 4h e 30 às 18 horas, inclusive aos domingos. No total, há aproximadamente 1000 pontos de vendas, entre boxes e barracas com produtos de inúmeras espécies (dados informados pela Secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal de Cascavel). Atualmente o logradouro conta com espaço especial para a comercialização de peixes com a instalação adequada para essa finalidade. No momento um dos galpões passa por reforma para melhorias nas condições de trabalho.

4 A FEIRA DE SÃO BENTO E O RITUAL DA FESTA NO TEMPO E NO ESPAÇO

Pretendo compreender a realização da feira como um fenômeno social de relevância, também dotado de autonomia e de todo um ritual festivo e refletir sobre a dinâmica dela no tempo e no espaço.

À luz das afirmações de Genep (1977, p.12), em seus estudos em “ritos de passagem”, Roberto Da Matta inspira-se nele e afirma na apresentação desta obra que,

[...]falar em vida social é falar em ritualização, donde minhas preocupações com o fenômeno da transformação e passagem do gesto rotineiro ao ato ritual e também, minhas reflexões sobre os movimentos sociais coletivos, quando todo o sistema passa por um período especial, invertendo, neutralizando ou reforçando a realidade cotidiana.

O ritual da feira de São Bento começa na noite de sexta-feira, quando caminhões carregados de tábuas, estacas, cordas, ferros, varas, também carrinhos-de-mão carregados de barracas semi-armadas, chamadas tripé, começam a estacionar nas ruas onde se realizará a feira e, com eles, os armadores das barracas, os chamados barraqueiros, contratados para este trabalho, iniciam a tarefa se esmerando para organizá-las nos locais preestabelecidos, de acordo com as determinações da Prefeitura Municipal de Cascavel a qual destina um fiscal que controla os locais de venda e cobra taxa pela ocupação, de acordo com o tamanho da barraca. Por exemplo, uma barraca que mede 4m² paga taxa de R\$ 20,00 (vinte reais) e uma barraca que mede 2m²x 1,5m² são cobrados R\$ 2,00 (dois reais) por feira.

Em uma das ocasiões que observei, vi descer de um caminhão um jovem de 25 anos, medindo aproximadamente 1,70m, com peso de uns 75kg. Era moreno, talvez queimado do sol, cabelos negros, olhos puxados, rosto redondo, lábios grossos, expressão fechada, porém, demonstrando serenidade.

Laban (1978), para quem “a extraordinária estrutura do corpo, bem como as surpreendentes ações que é capaz de executar, são alguns dos maiores milagres da existência”, compreendo que a própria estrutura física do ser humano reflete no exterior o que se encontra

no interior do indivíduo; um ator no palco procura transmitir esse interior para a platéia mediante os recursos dos quais dispõe, tais como: movimentos coordenados do tronco, membros superiores e inferiores (mãos e pés), a cabeça e órgãos dos sentidos como o olhar, os ouvidos, a voz e suas tonalidades, a ênfase na palavra ou frase daquilo que se deseja reforçar faz toda a diferença na comunicação verbal contando ainda com o auxílio dos gestos (mímicas) que completam o ato em si. Parto dessa observação teórica para tentar compreender os movimentos físicos do barraqueiro que ora descarrega o caminhão juntamente com outros auxiliares que, de dentro da carroceria, vão descendo todo o material segurando as tábuas com as mãos, inclinando-as para os que esperam no solo em meio aos gritos, “lá vai, segura, cuidado...” e jogam as estacas, lonas, cordas e vai se formando amontoados de materiais.

Para observar o barraqueiro que recebia parte do material para dar início aos trabalhos de armações das barracas, aproximei-me do mesmo um pouco inibida por causa da hora e por estar “na rua” pois, fora de casa, no centro da cidade, sendo uma mulher em meio a vários homens com funções bem definidas, seria necessário me identificar para não ser confundida com outro tipo de profissão.

Parafrazeando DaMatta (1997, p.55), em *A Casa e a Rua*, o espaço da rua é público, profano, individual. No que diz respeito às duas categorias sociológicas, há oposições e gradações. Portanto, é importante saber lidar com suas nuances, com leis que regulamentam as relações nesse espaço em oposição com a casa na qual as relações acontecem no plano de intimidade, sagrado, respeitoso, coletivo. Após minha apresentação, solicitei-lhe permissão para permanecer no local por algum tempo enquanto ele armava as barracas, garanti não atrapalhá-lo. Também lhe pedi para responder algumas perguntas, e o rapaz aquiesceu. Primeiro, descarregou o caminhão o que demorou exatamente 45 minutos. As peças a serem montadas já iam sendo dispostas aos montes, separadamente. Em seguida, tomou uma picareta e uma ferramenta conhecida como pé-de-cabra, que alternava nas escavações onde seriam fíncadas as estacas numa profundidade de 20cm.

Os esforços repetitivos com as mãos unidas, segurando e forçando o instrumento para baixo, o deixava numa posição curva, flexionada para frente, num movimento de idas e vindas, soltando o corpo como se tudo auxiliasse a ação. O tempo passava e o barraqueiro se esmerava para concluir os trabalhos. Ao cabo de duas horas, já demonstrava sinais de cansaço, muito suor lhe escorria pelo rosto e na camisa, estampada com a foto de um vereador da última campanha eleitoral, molhada, exalava forte odor. Durante as colocações das tábuas,

perguntei os tamanhos das barracas e por que ficavam daquele lado do largo e muito próximas umas das outras. Ele respondeu apenas que eram dos homens que vendiam frutas, verduras, peixes e que eram maiores porque precisavam espalhá-las para apreciação dos fregueses.

Continuei perguntando:

- Quantas barracas faltam para montar?
- “Falta seis, mais agora vai mais ligero”. (Deveria montar dez barracas ao todo)
- Você é empregado de quem?
- “De ninguém não, quem me paga é os dono das barraca.”
- Quanto o senhor cobra pelo serviço?
- “Só dois real por cada uma.”

A partir da proposta de Geertz (1989, p. 40), entendo que numa “descrição densa” vale sempre

[...] olhar as dimensões simbólicas da ação social – arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum – não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não-emocionalizadas; é mergulhar no meio delas. A vocação essencial da antropologia interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que os outros deram – apascentando outros carneiros em outros vales – e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou.

Enquanto olhava o homem que trabalhava naquela lida que para mim significava um esforço brutal, certamente para ele parecia uma tarefa como outra qualquer, que todo homem poderia executar. O serviço em si não me causava estranheza, mas me interrogava sobre o lugar desse trabalhador dentro de uma hierarquia do trabalho bem como refletia sobre as condições dessa relação de trabalho informal, autônomo em meio ao universo avassalador do capitalismo, a sua exclusão do mercado formal de trabalho, apesar de ainda encontrar uma ocupação compatível com as condições físicas, independentemente do seu grau de instrução.

Os outros barraqueiros conversavam entre si e com os motoristas dos caminhões carregados de mercadorias, enquanto alguns, em pé ou de cócoras, fumavam e olhavam calados. Havia uma cumplicidade entre muitos deles ao oferecer um gole de cachaça discretamente, como se estivesse temendo alguma repreensão ou pelo respeito à minha presença como professora.

Pretendia ficar por mais tempo, mas o horário não convinha, conclui agradecendo-lhe pelas informações.

Numa outra oportunidade conversei com os barraqueiros dos carros-de-mão que levam até três barracas tripé de cada vez, vindo do galpão onde ficam guardadas no final da rua Pe. Valdevino a uns dois quarteirões da feira. Eles também cobram o mesmo preço por barraca montada (R\$ 2,00). Essas são colocadas sobre o asfalto em filas paralelas de quatro em quatro entre a alameda e a calçada do Mercado Público por toda a extensão dos dois quarteirões seguintes. Depois sobre a calçada do largo Mal. Floriano Peixoto, entre a frente do antigo mercado e a parte detrás do Bradesco (Banco Brasileiro de Desconto). Dessa forma se segue por toda a lateral do Mercado à rua Pref. Vitoriano Antunes, paralela à Pe. Valdevino terminando na Alameda da Av. Chanceler Edson Queiroz onde permanecem os caminhões de bananas, abacaxis, mamões entre outras mercadorias. Todo o quadrilátero do Mercado Público fica cercado de feirantes aos sábados.

Nas últimas vezes que fiz campo percebi que o número de barracas que vendem roupas vem aumentando. Conversando com moradores da cidade fui informada de que várias pessoas demitidas das indústrias locais - Pé de Ferro (fábrica de calçados) e Bermas, atual BRACOL (curtume de peles), decidiram trabalhar por conta própria inclusive na feira. Fui constatar a veracidade dessa inclusão de mais pessoas que agora estão alugando barracas de outras. Pelo que pude observar, isso se deve também ao impacto causado pela quantidade de pessoas que recebem benefícios do governo como bolsa-família, conforme relatos dos comerciantes locais, isto é o que vem aquecendo o comércio, ocasionando maior circulação de bens e mercadorias no município.

Até agora procurei dar ênfase ao ritual que precede a feira propriamente dita como lugar onde acontecem inúmeras articulações sociopolíticas e econômicas. Como Rodrigues diz (1997, p.115), trata-se de “uma abordagem processual” pois, o fazer feirante é prenhe de uma seqüência cronológica das ações que envolvem o trabalho da feira. Começa pelas armações das barracas por toda noite da sexta-feira, antecedente à chegada dos feirantes, prevista para as seis horas do dia seguinte, as exposições das mercadorias, o atendimento aos fregueses, a apresentação da qualidade dos produtos e outras situações como: vender, receber o dinheiro, passar o troco, negociar os preços, ou seja, dar descontos, vender fiado, cobrar aos que ficaram devendo, anotar no caderno os devedores, atrair clientes cantando, gritando palavras ou frases: “olhe a rapadura... tanto é doce como é dura!”. Aqui, vale o apelo pelos

sentidos como nos festivais do Bumbá, folclore de dança com coreografia e figurino bem elaborados, mas, depende do tempo previsto para a apresentação (CAVALCANTI, 2000 e 2002). Do mesmo modo o feirante verifica as horas no relógio de pulso para começar a desfazer a barraca antes das doze horas quando tudo deve terminar. É também hora de verificar o resultado do dia, se foi proveitoso ou não e de se preparar para a próxima vez, o próximo sábado. Como rotina, circularidade ou ritualização, o fato é que a feira faz parte da cultura e do rito coletivo.

Conforme Vedana (2004, p. 215-216), ao analisar as práticas cotidianas do fazer feirante da feira da Epatur (Porto Alegre – RS), ela

[...] representa uma certa marcação de ritmo no cotidiano da vida urbana, um ritmo que pode ser representado pelo seu início e fim e as imagens dos alimentos que vão se deteriorando ao longo do tempo. Um ritmo que fala da organização da vida cotidiana na temporalidade da semana, dos dias que passam até que novamente chegue o dia da feira e os alimentos da ‘cozinha’ possam ser repostos. De qualquer forma, estes rituais do tempo que se expressam nas dinâmicas propostas pela feira-livre e as práticas que relacionamos a uma ligação da vida humana ao cosmos, ou seja, os ciclos que se expressam nesta relação com o alimento também aparece na periodicidade da feira durante o ano, na mudança de estações que revela uma mudança nas frutas a serem oferecidas, ou então nas táticas dos feirantes em garantir certas provisões. É a própria passagem da vida que é celebrada na ambiência da feira –livre.

Dessa forma procedem as feiras estudadas a exemplo da rotina da feira de São Bento, que se inicia por volta das quatro horas. Os feirantes (cadastrados) começam a chegar, muitos dos quais acompanhados de suas mulheres e filhos de ambos os sexos, ainda adolescentes, pela necessidade da mão-de-obra e também pela vontade de engajar a família nas lidas pela sobrevivência. Sobre a colaboração da família no trabalho da feira, um deles respondeu que se faz necessário, pois, não pode pagar empregado. Como um ritual de passagem, um rito de separação, momento em que estes jovens abandonam as brincadeiras para serem agregados a um outro grupo no qual novos valores lhes serão sugeridos, o trabalho, as regras de convivência, as normas da instituição, as leis que regulamentam o evento como o espaço (no caso, é fixado no centro da cidade), e o tempo, o dia e a duração (sábado até o meio dia). Conforme Genep (1977, p.115), “Os ritos de agregação têm significação coletiva, quer liguem um ou outro dos indivíduos a novos grupos quer unam dois ou vários grupos”.

Os feirantes vêm cada um conduzindo suas mercadorias, acondicionadas em caixas, caixões, sacos, fardos, pacotes de papel-madeira, invólucros de plásticos, surrões de palha e outros tipos de trançados, malas etc. Transportadas em *kombis*, caminhões, carros de passeio, camionetas, carroças, motos, bicicletas. Todos procuram identificar suas barracas e dirigem-se imediatamente para elas, tiram os artigos e os organizam sobre a banca, tentando torná-las atrativas aos olhos dos fregueses que por volta das sete horas se espalham entre as barracas em busca do que adquirir.

Ao passar das horas, as ruas que dão acesso ao centro, local da feira, tornam-se apertadas por causa da intensa movimentação dos pedestres que se espremem enfileirados, sobre as calçadas e pelas coxias, numa frenética disputa pelo espaço, com motos, bicicletas e carros. Trata-se de um significativo contingente de pessoas que vão à feira para realizar negócios, prestar serviços, pagar, cobrar, comunicar-se, comer, beber, namorar, ler, cantar, enfim, comprar e vender, fazer o ritual acontecer num determinado espaço geofísico, de forma linear, como uma marcha à semelhança do desfile militar, mas que logo se transformará na circularidade da feira “uma arena no coração da cidade a ser preenchido num fragmento de tempo” (CAVALCANTI, 2000 e 2002), na qual os freqüentadores dizem estar circulando. Parece haver uma inversão do cotidiano quanto à ocupação do espaço público. As ruas que durante os dias da semana, servem de escoadouro para os mais variados tipos de transportes motorizados, deixando pouco espaço para os pedestres, num determinado momento, aos sábados, tornam-se imprópria aos primeiros e transformam-se no espaço do povo onde os transportes são substituídos principalmente pelas pessoas, ou melhor, elas ocupam os espaços e caminham pelos corredores entre as barracas da feira.

Pelas demarcações do espaço e pela limitação do tempo, aqui a linearidade e a circularidade são categorias que se entrecruzam na feitura de um “locus” de manifestações culturais, como acontece na feira.

O modelo do bumbá serve para dizer também que nem se trata de um evento para neutralizar como o carnaval (conforme a autora supra citada), nem para competir, pois, na verdade, a feira situa-se num complexo onde prevalece a ordem e a preservação de uma manifestação da cultura e da tradição do lugar.

Ao meio dia, observam-se as pessoas fazendo o caminho de volta, deixando a feira com passos mais lentos, porém, na face, a expressão é de cansaço denunciado pelo suor que

escorre, a pele irritada, vermelha, respiração ofegante, impaciência demonstrada pela fala, pouca disposição para falar, provavelmente por causa da temperatura por volta dos 28°C, mas há também um ar de satisfação com o que conseguiram adquirir.

Nas observações busquei detalhes possíveis de explicarem o que está dentro e fora do indivíduo inspirada em Leach (1978, p.10): “os empiristas afirmam que a tarefa básica do antropólogo no campo é registrar comportamentos face-a-face diretamente observados, de membros de uma comunidade local interagindo uns com os outros em suas atividades diárias”

Este autor completa meu pensamento neste trabalho, ao anotar que:

[...] esse campo localizado da atividade humana e então analisado como um campo no qual pessoas sociais, desempenhando as convenções de costume associados a seus status e papéis particulares, engajam-se em transações econômicas. As transações econômicas têm implicações para nossa compreensão do sistema de instituição políticas, legais e religiosas manifestas dentro do qual a comunidade opera (IBID. 1978, p.10).

Entendo que a feira é um mercado público a céu aberto, que reúne festa e trabalho, público e privado, mercado e cultura no mesmo ambiente em que se estabeleceu como uma celebração “sagrada” para os que vivem na cidade. Também se vincula aos seus traços o cíclico, retornando regularmente em época determinada. Parafraseando Durkheim (Op.cit.p.377), a sociedade só reaviva seus sentimentos quando se reúne. Como não é possível manter constantemente tais encontros, ela se dispersa para se reunir quando for necessário. Tais alternâncias são as bases das categorias dos tempos sagrados e períodos profanos.

É possível pensar a feira como algo que nasce e morre a cada sábado, mas que se reveste de significados intrínsecos à revitalização física e psíquica, em razão da sua finalidade de promover as trocas de bens necessários à sobrevivência, mas também as trocas afetivas, numa intensa gama de interesses múltiplos, calcados na sociabilidade em meio ao lúdico, ao simbólico, pela liberdade nas negociações que viabiliza a barganha nos preços, pela profusão de cores, pessoas se movimentando, ininterruptamente, falas, gritos, anunciando ofertas tentadoras, quanto mais tarde mais os preços são reduzidos com a aproximação do fim da feira. O próprio humor do feirante promove um certo deslocamento, contagia os fregueses por meio da espontaneidade e os atrai pela criatividade efêmera própria do espetáculo.

Um vendedor grita: “moça bonita não paga mais também não leva!”, outro rebate: “está acabando e o preço caiu, é hora de correr e comprar!” As estratégias para atrair compradores se diversificam; o que está em jogo é a sobrevivência dos que fazem da feira seu meio de vida.

Na feira existe uma hierarquia ambígua, ora o feirante se destaca pelo poder que exerce sendo o dono do estabelecimento, ora se submete aos caprichos do comprador que tem o poder aquisitivo e tudo se passa ao sabor da polaridade oferta e procura, caro e barato, venda e compra, comprador e vendedor, próprio de um sistema (capitalista) que se inscreve no crivo dos opostos para dele obter proveito.

Durante o evento em referência, o trânsito no local fica bastante prejudicado em virtude do movimento de caminhões pesados que trafegam carregados de bananas, castanha-de-caju, farinha de mandioca, rapadura e outras mercadorias. O buzinar dos caminhões se mistura aos gritos de ofertas de vendedores e triciclos com som, anunciando a quantidade, a qualidade e o preço como demonstração de competição ou de alcance promocional.

4.1 A feira como é

Problematizando uma manifestação cultural, a feira de São Bento, na sua contextualização com uma canção que retrata o universo comercial feirante, a feira como é: uma festa a céu aberto?

A Feira de Caruaru

A feira de Caruaru faz gosto a gente ver
 De tudo que há no mundo
 Nela tem pra vender
 Na feira de Caruaru
 Tem massa de mandioca
 Batata assada, tem ovo cru
 Banana laranja e manga
 Batata –doce, queijo e caju
 Cenoura, jabuticaba, guiné
 Galinha, pato e peru
 Tem bode, carneiro e porco
 E se duvidar inté cururu
 Tem cesto, balaio e corda
 Tamanco, gréia, tem tatu
 Tem fumo, tem tabaqueiro,
 Tem peixeira e tem boi zebu

Caneco, alcoviteiro, peneira
 3Boa e mel de urucu
 Tem calça de alvorada
 Que é pra matuto não andá nu (Onildo Almeida /LuizGonzaga, 1957)

Na tentativa de mostrar uma das mais interessantes manifestações culturais do Nordeste brasileiro, o cancionero popular canta em versos essa realidade, dando graça e beleza à feira de Caruaru-PE, que, de acordo com as representações dos cascavelenses, somente esta é maior do que a Feira de São Bento a partir de uma pesquisa realizada pela rede globo tempos atrás.

A sensibilidade dos autores desperta o gosto pela criatividade e diversidade de mais uma das identidades do Brasil – a feira.

Muitas feiras no Brasil ganharam notoriedade, como é o caso de Caruaru (PE) e Feira de Santana (BA), ambas no Nordeste. Quanto à feira de Caruaru, sua origem também se confunde com a da cidade por constar na sua história que, desde o século XVIII, ali se instalaram algumas famílias com o advento da inauguração de uma capela de Nossa Senhora da Conceição em 1782, na fazenda Caruaru, de propriedade do Sr. José Rodrigues de Jesus, e uma feira de gado. Contando mais de 200 anos, ela acontece no centro da cidade, no Parque 18 de Maio. Atualmente o Instituto de Patrimônio Histórico (IPHAN), realiza um levantamento para seu registro como patrimônio imaterial da cultura brasileira (ROMERO, 2006).

4.2 As cidades e suas feiras: diálogos e temporalidades

Foto - 5



Fonte: Cascavel didático – antigos barracões das rapaduras e das frutas.

Os antigos barracões situados no cruzamento das ruas Pe.Valdevino com a Pedro de Queiroz Ferreira onde atualmente funcionam, no primeiro a agência Bancária do Bradesco e no segundo, logo atrás a Telemar (empresa de telecomunicações), ladeados por lojas diversas que, segundo informações colhidas, esses barracões que serviam de abrigo e comercialização das mercadorias locais antecedem o mercado público, a feira, como forma de organização do espaço urbano.

As cidades e suas feiras se traduzem em diálogos e temporalidades, pois estão intimamente relacionadas de acordo com a história de muitas cidades de norte a sul do território brasileiro. No contexto histórico de ambas, elas se interceptam num intenso matiz, onde há uma, há a outra (feira e cidade – cidade e feira). “O aparecimento das cidades está relacionado estreitamente com as feiras, que representavam o embrião de uma nova aglomeração humana a partir da atividade comercial.” (WEBER, 1979 apud VEDANA (2004, p.11).

O comércio ambulante no Brasil se iniciou em 1591, quando as negras quitadeiras já ofereciam seus quitutes pelas ruas das principais cidades portuárias, como Rio de Janeiro e Salvador, sendo proibido por leis no século XVIII este tipo de ofício por pessoas de cor (CLEPS,1997).

Associados ao evento da feira, as quitandas populares eram praticadas por grupos de negras ao ar livre, de cócoras ou caminhando com os tabuleiros sobre a cabeça em lugares pré-estabelecidos, dispondo de produtos da incipiente lavoura, da pesca e guloseimas da indústria doméstica constituindo-se numa precária aparência com a feira. São imagens reais dos costumes das cidades brasileiras como o Rio de Janeiro retratadas nas obras de arte. Conforme Barreto F. Lima A. citado por Jesus (2005), nesta cidade havia 181 bancas de quitadeiras no final do século XVIII, o que sugere terem sido elas as precursoras da feira. Era chamada de feira africana.

Durante algum tempo, o abastecimento de pescados no Rio de Janeiro era feito de forma desordenada até que o terceiro vice-rei do Brasil, o Marquês de Lavradio em 1771, autorizou a transferência do mercado de alimentos em barracas expostas nas proximidades da igreja da Glória para o Largo da Glória. Posteriormente, por meio da Reforma de Pereira Passos, a feira livre tornou-se um evento oficial nessa localidade em 13 de outubro de 1904, pelo Decreto 997 (JESUS, 2005, p.1).

No Município de São Paulo as feiras se instalaram desde o final do século XVII – 1687, quando foram oficializadas para venda de ‘gêneros da terra’, hortaliças e peixes no local chamado Terreiro da Misericórdia. Mais adiante, no final do século XVIII e início do século XIX, as feiras foram destinadas para fora da cidade nos locais de pouso de tropas, um mercado caipira – a feira de Pilatos no Campo da Luz autorizada pelo governador Melo Castro de Mendonça. Finalmente, em 1914, foi criada a feira-livre por um ato do prefeito Washington Luiz P. de Souza, contando com 26 feirantes no Largo General Osório, uma segunda, no Largo do Arouche, com 116 feirantes e a terceira, no Largo Morais de Barros. (Prefeitura São Paulo-Histórico das Feiras Livres 5/9/2007)

Em 1915, as feiras se multiplicaram, sendo sete ao todo, duas no Arouche, duas no Largo General Osório, uma no Largo Morais de Barros, uma no Largo São Paulo e uma na rua São Domingos. A última regulamentação feita, pelo do Decreto no. 11.199, de 02/08/1974, atesta às feiras um caráter supletivo de abastecimento e determina o uso de isotérmicos para aves e pescados, uniforme para os feirantes.

Os estudos publicados sobre feiras no Brasil apresentam traços comuns e algumas diferenças, o que evidencia as diversidades regionais em virtude das suas singularidades, provavelmente causadas também pelas variações climáticas, sazonalidades que causam a abundância ou mesmo a ausência de algum tipo de frutas, legumes, verduras, aves e peixes, dentre outros fatores relacionados com a cultura de cada lugar.

Em Ceilândia-DF, a 25 km de Brasília, a “feira do Rolo” como é popularmente conhecida acompanha a história do lugar e faz parte da memória coletiva como alternativa no mercado de trabalho informal¹². Conforme o autor da dissertação, faz parte uma “pedagogia da malandragem” num clima de constante conflito. O Estado, por meio da polícia, tenta impor a ordem, controlar a vontade da população que reivindica o “status de legitimidade” para que o “Rolo” seja praticado (TAVARES, 2005, p.1).

Em Uberaba –MG, a feira se realizava sem nenhuma organização ao redor do Mercado Municipal até a década de 1980. Neste período, durante o mandato do prefeito Silvério Cartafina Filho o comércio de hortifrutigranjeiros foi regulamentado pelo Decreto 560 – Lei municipal nº 3087 de 11 de maio de 1981 (CLEPS, 2002).

¹² Entende-se por informal o trabalho sem registro na carteira do Ministério o Trabalho.

No Estado da Paraíba, várias cidades se destacam por causa de suas feiras, como nos casos de Alagoa Grande, Guarabira, Areia, Araruna, Ingá, Fagundes, Campina Grande, Alagoa Nova e Taperoá (VIEIRA [2], 2004.) “Cada povoação ou vila tinha seu dia de feira, de modo a não prejudicar as feiras das localidades vizinhas” (JOFILLY, 1977, p. 378).

No Rio Grande do Norte, a feira de Caicó se confunde com a origem da cidade e seu desenvolvimento se destaca pelas sociabilidades em um espaço socioeconômico e cultural, sendo a carne-de-sol, os queijos de manteiga e coalho, biscoitos, manteiga-da-terra, artesanato, confecções e ferragens os produtos mais comercializados (ARAÚJO, 2005).

Arapiraca - Al, data de 1848, quando famílias se instalaram com vistas a cultivar feijão, milho e algodão. Em 1884, foi criada a feira-livre, atualmente ocupando espaço de reconhecimento no Nordeste, tendo como referência as representações dos artistas populares de toda a região; inclusive Hermeto Pascoal – natural de Lagoa da Canoa - inspirou-se nos sons da feira para sua formação na arte musical de grande repercussão. Participam deste ambiente urbano os sanfoneiros, emboladores, repentistas, cordelistas, poetas e artesãos, entre outras apresentações artísticas locais e internacionais. Às segundas-feiras, a feira se instala pelas 27 ruas próximas do Mercado Municipal, com 80% dos feirantes de Arapiraca vendendo hortifrutigranjeiros e demais produtos da região. (OLIVEIRA et al. s/d).

Em Fortaleza, onde a feira percorre vários bairros da cidade durante toda a semana, uma delas se destaca pelo tamanho e variedade de produtos, Trata-se da feira de Messejana, criada em 1940, estendendo-se entre quatro quarteirões da rua Joaquim Felício, contando com 1700 feirantes cadastrados na Secretaria Regional VI, tendo outros tantos ambulantes clandestinos. Essa atividade oferece emprego e renda para cerca de cinco mil famílias nos últimos 66 anos. Funciona sempre aos domingos e “é uma espécie de Patrimônio Cultural e pólo de socialização” (DIÁRIO DO NORDESTE, 24/11/2006).

No Ceará, outras feiras têm sido estudadas nas últimas décadas, como a feira de Itapipoca, por Sulamita Vieira que, em sua dissertação de Mestrado – UFC (Universidade Federal do Ceará – 1980), deu ênfase aos aspectos socioeconômico e antropológico.

Ao iniciar este estudo me questionava, o que faz a feira de Cascavel resistir aos tempos “modernos”? Como pode sobreviver ao lado do Mercado Público Municipal, entre outros estabelecimentos comerciais que também ofertam grande variedade de produtos?

Sendo estes estabelecimentos confortáveis do ponto de vista estético e salutar, como preceituam os órgãos públicos responsáveis pela saúde, e preços tabelados sob vigilância do Instituto de Pesos e Medidas (INMETRO), fatores suficientes para competir com vantagem com o ambiente da feira que, ao contrário dos estabelecimentos comerciais da localidade, não oferece conforto nem higiene segundo as falas de alguns populares, o que faz a feira ser um ambiente que atrai tantas pessoas? Quem são elas? É a feira um lugar de pessoas das classes populares? O que significa a ausência de preços nos produtos expostos?

A feira, como uma festa a céu aberto, remete-me ao trabalho de Patrick Champagne (1977), sociólogo que trabalha as transformações do meio rural. No texto: “La Fête au Village”, o autor relata uma festa num vilarejo, onde anualmente se festejavam a colheita por ocasião das comemorações religiosas, mas centra sua observação na oralidade dos velhos habitantes insatisfeitos com as mudanças ocorridas ao longo dos anos. A evolução da festa marca o fim da autonomia camponesa no domínio cultural e simbólico, com a dominação urbana que exerce sobre o mundo camponês, tendo seu ponto-limite nas festas. Seria a feira como a “festa do vilarejo” que, ao evoluir, perde as características camponesas e “ganha” forças, oferecendo produtos manufaturados? Questiono-me sobre a dinâmica da feira, quais foram as transformações do meio rural que mais afetaram a produção e a circulação de produtos agrícolas. No caso de Cascavel, como são produzidas a mandioca e a cana-de-açúcar e como seus derivados são comercializadas no presente e até que ponto preservam características do passado? O turismo constitui importante fator de influência para a economia do Município, mas qual é sua importância para a feira? Quais são as representações sociais sobre essa feira? Até que ponto a agricultura se submete às necessidades dos consumidores da feira? Há interesse da Administração Pública em manter a feira? Por que existe a feira? Quais são as vantagens e desvantagens? Quais os códigos dos feirantes pelos quais são reconhecidos? Segundo Bailey (1971), “[...] o sociólogo tem o papel de descrever os códigos e desvendar, revelá-los. Refletir como se dá a reprodução da vida social”. Portanto, procurar reconhecer a homogeneidade do grupo de feirantes, o que os faz ser uma “comunidade” quanto aos valores comuns. Estas e outras perguntas poderão encontrar respostas ou não, mas deverão ser feitas constantemente.

A feira resiste ao tempo pelos laços de amizade e afinidade entre feirantes e fregueses, ou pela persistência dos primeiros como forma de meio de vida, por ambos os fatores ou por outros? A atração que a feira exerce no meio urbano, seria pela originalidade, pelo exótico, do

que há nela de rústico? Como uma inversão de valores como mostra Champagne (1977), “[...] nos anos cinqüenta os camponeses cediam seus móveis antigos para os antiquários em troca de móveis de “fórmica,” símbolo para eles da modernidade. Essa oposição foi atualmente substituída pelo inverso da anterior que valoriza o passado, a natureza, a agricultura tradicional e a região, contra o “rendimento” da civilização industrial”. Portanto, a feira como é e suas relações devem ser investigadas com origem nos fatores que sustentam a existência do comércio a céu aberto - feira, nos centros urbanos como na cidade de Cascavel-CE. “[...] a feira não pode ser analisada desvinculada do processo produtivo, pois se trata de uma imensa rede em cuja composição entram as relações de produção e as relações de comercialização [...]” (VIEIRA, 198, p. 13).

4.3 Aspecto da feira

O aspecto da feira como um teatro evoca a arte clássica grega, no sentido de valorizar a beleza, de representar o belo como ideal de perfeição universal, por esta se caracterizar e se distinguir pela “nobre simplicidade e uma serena grandeza tanto na atitude quanto na expressão. Do mesmo modo que as profundezas do mar permanecem sempre calmas, por mais furiosa que seja sua superfície, assim também a expressão, nas figuras dos gregos, mostra em meio às paixões, uma alma grande e sempre igual” (MACHADO, 2006, p. 11). Nietzsche prefere chamar essa serenidade “o estado de espírito apolíneo,” algo evidente nos objetos de arte, especialmente nas esculturas representando a natureza grega considerada por Winckelmann (1755), citado em Machado, (p.10), como a mais bela, por centrar-se na valorização do corpo dos jovens gregos. A base de tudo para os artistas estava em dois princípios básicos como lei, “representar a natureza o melhor possível e representar as pessoas parecidas e ao mesmo tempo mais belas do que são de fato”. (IBID, p.11).

A beleza que se pode identificar na feira parte da estética das pessoas, as quais são portadoras de características de um povo miscigenado cujos caracteres parecem se acentuar ainda mais por causa do clima tropical, pois, na região Nordeste, especialmente no Ceará, o sol não dá trégua em bronzear a pele do seu povo numa profusão de cores entre as misturas das três raças - branca, negra e indígena, que se fizeram presentes na formação dos brasileiros.

As leituras fotoetnográficas evidenciam a singularidade das estruturas corpóreas e as maneiras de vestir-se das pessoas frequentadoras da feira, onde a luz do sol e o brilho refletido

por ele completam o panorama colorido, dando ao espaço ares de alegria não somente pelo destaque dado às coisas, mas, sobretudo, pelas expressões de expectativas estampadas nos rostos.

Os feirantes do sexo masculino, estão sempre alegres e atenciosos para com os clientes. Do ponto de vista estético, em sua maioria, estão “bem apresentados” para os padrões de apresentação em sociedade. A barba feita, cabelos cortados, calças ou bermudões e camisa limpas, pés calçados em algum tipo de tênis ou sandálias afiveladas. Como adereço, usam geralmente um cordão de ouro e um relógio de pulso. Quanto às mulheres, elas vestem bermudas ou calças comprida em *jeans* ou outro tipo de tecido e blusa em malha de algodão. A maquilagem se restringe a pó compacto e batom vermelho. Os cabelos cortados curtos ou, quando longos, presos com ligas ou prendedores dentados, chamados “piranhas”. Usam brincos nas orelhas, jóias ou bijuterias, colar de contas, correntes ou cordões de ouro, pulseiras e relógios de pulso. Em ambos os sexos, o que há de sobra é o bom humor, sorrisos, anedotas, frases decoradas, ditados, versos tirados do cotidiano e cantigas são verbalizadas, certamente como artifícios de conquista, mediadores na relação entre feirante e freguês.

Como os heróis gregos, os feirantes tendem nas mais das vezes a transformar o “agradável e o sombrio” em brilho e aparência, na estética das suas fisionomias como na apresentação dos produtos que vendem; buscando na beleza ocultar o cansaço do trabalho, ou mesmo os conflitos pessoais, conscientes ou não, por meio da harmonia das cores e das formas, ao colocar tomates vermelhos em forma de quadrados feito de bolas ao lado de outro quadrado feito de pimentões verdes, logo depois, outro contendo cebolas de peles acetinadas; em baixo, um retângulo de batatas amarelas de vários formatos. É um quadro multicolor em alto relevo, mexido e remexido num eterno tira e bota, constantemente organizado a cada vez que sai uma porção pesada em quilogramas.

Os deuses olímpicos, tendo em Apolo a divindade da luz, na epopéia se traduz em prazer e alegria ao mesmo tempo em que vela o sofrimento em meio a ilusão como *principium individuationis* (MACHADO, 2006, p. 204), tal individuação que particulariza cada ser em busca da glória, da perfeição da vida criada pela competição, também o profissional feirante no cotidiano, se sustenta pela valorização da aparência na beleza estética das mercadorias que expõe à venda.

Envolvidos com as lidas da feira, os feirantes são atores, de bom humor e cheios de esperança. Parecem embriagados, esquecidos do lado trágico de sua labuta. Isto faz parte da cultura dionisiaca (helênica) da qual são signatários. Machado (2006), acrescenta ao pensamento de Nietzsche sobre o desaparecimento das fronteiras no culto dionisiaco ao dizer “[...] que desaparecem ou se atenuam ao máximo às diferenças entre masculino - feminino, bárbaro - civilizado, velho - jovem, louco-sábio [...].” A feira apresenta-se como espaço da multiplicidade individual no qual o apolíneo se faz presente mas convive com o dionisiaco, quando pessoas diferentes se relacionam umas com as outras, sem fronteiras, unificadas pelos mesmos fins.

Dada a condição festiva da feira, ela oferece encantamentos, entusiasmos, uma certa euforia, características do dionisiaco. Nesse ambiente, pode-se encontrar: jogos de azar, ponto de prostituição, músicas de forró tocadas em CDs, bares e restaurantes, que oferecem bebidas alcoólicas de vários tipos, inclusive a cachaça, bebida da preferência popular acompanhada de tira-gostos que, a pedidos, são servidos - torresmos, lingüiça assada, passarinha assada, farofa de ovos, ovos de codorna, limão, sirigüela, cajá, cajarana, queijo assado em fatias, entre outros petiscos.

Foto - 6



Fonte: Sr. Ricardo em 14.04.2007 “In loco.”

Esta fotografia é uma amostra também dos vários tipos de fregueses, além da variedade de frutas à escolha dos interessados. Como se vê, há senhores de meia idade, senhoras, jovens de ambos os sexos e crianças. As pessoas têm características físicas

mestiças, pardas, usam roupas de cores variadas, assim como as lonas que cobrem as barracas de frutas nas cores, verde, amarelo e azul, formando, por conseguinte, uma bela aquarela, dentre as distinções, observa-se a maioria das faces voltadas para baixo para escolher as mercadorias.

Nesta pesquisa de campo, tive o propósito de identificar os aspectos deste evento com observação de fora do ambiente, se é que se pode estar fora, quando toda a cidade se movimentava freneticamente no sentido de ir, circular, serpentear e vir da feira em festa. Durante este evento, pedir passagem – dá licença? Ou gritar um autoritário: “sai do mei”, buzinar insistentemente, acotovelar-se empurrar de leve, tapinhas nas costas ou nos braços, apertar-se entre os que estão na frente das barracas, escolhendo as frutas, por exemplo, são apenas algumas das formas de transitar em meio à multidão que frequenta aquele logradouro.

As observações realizadas se completam com os dados obtidos por meio de entrevistas informais, dependendo da condição do feirante entre uma abordagem ou uma venda na medida do possível. Algumas vezes contei com o auxílio de um fotógrafo – Sr. Ricardo, que me acompanhava nos trabalhos, registrando momentos considerados importantes para esta pesquisa e para possíveis esclarecimentos do universo feirante.

Associada aos instrumentos de coleta de dados, foi elaborada uma lista contendo itens indispensáveis para a pesquisa de campo, com o propósito de aproveitar melhor o tempo na apreensão do que fosse possível de ser captado durante nossa permanência naquela manhã de sábado aos dez de fevereiro de 2007 (Cf. questionário anexo).

O roteiro predeterminado se distribuía iniciando pelo registro do horário de chegada à feira, às 7h 30 minutos, em seguida, registrar as primeiras observações logo na entrada da praça do Mercado Público, onde se localiza o evento.

Fotografar os espaços sem focar diretamente as pessoas; somente fotografar barracas e/ou seus proprietários, caso as conversas informais se dessem num plano consensual de livre aceitação, até mesmo por solicitação do feirante para evitar possíveis constrangimentos.

Verificar os tipos de mercadorias nas barracas mais visitadas e as que, porventura tivessem pouco ou nenhum freguês.

Quantificar o número de barracas e seccioná-las por tipo de mercadoria, condições de exposição, se expostas sobre as barracas ou espalhadas no chão pelas ruas e nas calçadas, sem, contudo, precisar a quantidade de vendedores ambulantes que oferecem mercadorias nos próprios ombros ou nas mãos, como: vestidos, panos-de-prato e chão, bijuterias, relógios do Paraguai, quadros, espelhos, bonecas de pano, rói-rói, carros-de-mão (brinquedos de madeira) e muitos outros; também o cafezinho e os bolinhos (o bulim) e demais guloseimas. Há mercadorias dentro dos carros, caminhões carregados de bananas, cocos, caminhonetas, *Kombis* contendo bolos inteiros, doces caseiros, queijo de coalho entre outras iguarias da farta diversidade local e regional.

As fotos seguintes são do logradouro onde acontece a feira no centro da cidade em local já mencionado.

Foto - 7



Fonte: av. Prefeito Vitoriano Antunes c/ av. Chanceler Edson Queiroz Cascavel - Ce).

O caminhão fica estacionado em frente ao prédio do Banco do Brasil enquanto os clientes deste utilizam os caixas eletrônicos e o feirante do veículo carregado de ovos os aguarda como estratégia de realizar suas vendas.

Foto - 8



Fonte: Lateral esquerda da alameda da av. Prefeito Vitoriano Antunes (sentido norte).

Início da feira sobre a alameda da av. Pref. Vitorino Antunes com a av. Chanceler Edson Queiroz no sentido de quem segue para o centro onde acontece a feira. Como se vê, as pessoas caminham para frente, de cara para o sol ainda “cedo da manhã” por volta das sete horas, apenas uma encontra-se parada diante de uma barraca de utensílios domésticos (um homem de chapéu). Como costume dessa região litorânea, as pessoas usam bermudas e camisetas ou blusas curtas de alças em razão da temperatura tropical apesar de ainda o relógio marcar 7h 30.

Foto - 9



Fonte: Local dos mais movimentados da Feira.

Esta é uma das partes mais freqüentadas da feira, onde se encontram as barracas de frutas, verduras, plantas ornamentais, entre outras. O local é coberto e as pessoas demonstram em suas fisionomias as faces também voltadas para baixo, na altura das barracas, atenção e

expectativa diante dos produtos expostos; algumas carregam sacolas, outras discutem o preço com o vendedor. Pelo menos uns três ambulantes carregam as mercadorias nas mãos. Nota-se que alguns homens usam boné.

Numa pesquisa anterior a esta, apliquei um questionário em uma parte dos feirantes dadas as condições destes em dividir suas atenções entre um pesquisador e sua clientela. Nesta entrevista, tentei traçar um perfil dos mesmos, com vistas a identificar a escolha deste meio de vida, do ponto de vista econômico, grau de escolaridade, sexo, idade, tempo na atividade, qual a fonte dos produtos, se exerce outra atividade e qual a renda média mensal, como se sente na feira e qual é o seu significado. Nas respostas, verifiquei a ausência de uma associação ou mesmo vínculo com algum tipo de previdência social que ofereçam apoio aos profissionais da feira. Os dados serão apresentados mais adiante.

Procuro compreender a feira em meio aos ares festivos, qual é o seu significado consciente ou não para os que fazem dela seu ganha-pão e para os que a freqüentam em busca de atender suas necessidades pessoais, qualidade dos produtos e barganha nos preços. Os possíveis conflitos entre produtores e intermediários, comerciantes fixos (os já estabelecidos nos boxes do mercado) e os ambulantes feirantes aos sábados (ELIAS, 2000), entre estes e o próprio poder público do lugar. Também o consenso no que tange aos interesses mútuos no campo comercial por todos que se inserem neste contexto.

4.4 Intensidades e movimentos dos que vão ou vêm da feira

Nas proximidades da feira observei uma quantidade significativa de pessoas indo em direção ao local da feira de São Bento. Conforme abordei, o contingente de pessoas se deslocando naquela direção chama a atenção de qualquer visitante por evidenciar intensidades e movimentos dos que vão ou vêm da feira, portando sacolas, pacotes debaixo do braço, fardos na cabeça, nos ombros e mesmo nas mãos. Bicicletas, motocicletas, carroças e carros também se misturam no espaço e no barulho que produzem, conduzindo gente e mercadorias.

No cruzamento das avenidas Chanceler Edson Queiroz com Prefeito Vitoriano Antunes, no meio do asfalto, próximo à esquina do lado esquerdo de quem vem pela entrada da cidade pela CE-040, encontrei a vendedora ambulante, Maria da Conceição, com sua venda. Nela há muitas peças de utilidades domésticas, panelas de alumínio, bacias de plástico

em vários tamanhos. Indagada sobre sua trajetória feirante, informou fazer até quatro feiras por semana, mas a melhor é a de Cascavel. Por ela ser mais bem freqüentada, aumenta as chances de vendas. Sua mercadoria vem transportada por uma caminhoneta F-1000 fretada por um grupo de feirantes.

Enquanto visualizo os aspectos do ambiente, pelo menos três bicicletas conduzindo aparelho de som circulavam entre as barracas. Uma delas sonorizava um *show* de humor e as outras duas publicavam uma festa animada ao som de uma banda de forró para aquela noite.

Observei que, ao centro da avenida Prefeito Vitoriano Antunes, existe uma estreita alameda dividindo os lados. No direito, o trânsito de carros é liberado no sentido sertão-praia, apesar dos transeuntes andando e atravessando às carreiras, enquanto o lado esquerdo é totalmente interrompido em razão dos feirantes acomodados ocupando espaços de vários tamanhos, pouco mais ou menos de 1m², pagando por ele a cifra de R\$ 2,00 (dois reais) ao fiscal da Prefeitura que recolhe todos os sábados.

4.5 Opiniões dos homens e das mulheres feirantes

Entrevistei vários homens e mulheres feirantes, dando-lhes a oportunidade de serem escutados, mesmo sendo do meu interesse colher todas as informações possíveis. Mas, as suas opiniões certamente são de grande valia para que se possa refletir sobre a realidade dessas relações e sobre a escolha dessa atividade profissional.

Ao longo da av. P_e. Valdevino encontram-se vários tipos de mercadorias (Miudezas) dentro de bacias, bancas de bolos de receitas variadas, como o Luís-felipe, de milho, de mandioca, de chocolate, entre outros sabores apreciados pelos fregueses.

Das mercadorias não perecíveis, segundo alguns entrevistados, as sobras ficam para a próxima feira armazenadas em local alugado nas proximidades.

Uma barraca medindo uns 3m², logo adiante, espalha os utensílios por itens, louça depois, plásticos em seguida artigos de alumínio “tendo de tudo para o lar.”

Continuando, fiquei um pouco na banca da Sra. Fátima, sobre a calçada, que também vende em Pindoretama, outra cidade próxima de Cascavel. Indagada sobre a feira, respondeu com um largo sorriso:

Ah, minha filha, esta é a terceira melhor do mundo, já foi pesquisada por outros! Estou aqui há dez anos, eu era enfermeira de profissão, deixei pela feira, já possuo casa e carro. Aqui é meu divertimento e trabalho, isso tira o estresse, tenho que sorrir para todos! (encerrou o discurso sorrindo olhando para cima e para o alto).

Noutra abordagem, uma senhora morena de uns 40 anos de idade disse chegar todos os dias às três horas para levantar a barraca: “não posso deixar por causa dos turistas”.

Respondendo sobre sua renda em termos de salário mínimo vigente em 2007 -(R\$ 380,00) ela disse: “Uns três mais ou menos”. Com bastante animação ela concluiu: “aqui é muito sol e axé!” Surpreendeu-me o emprego do termo *axé* utilizado na expressão. Seria para esboçar uma fé no trabalho talvez ou numa divindade para alcançar o sucesso?

4.6 O que é que a feira tem?

Na busca de conhecer o que é que a feira tem, encontrei barracas enfileiradas, tomando todo o resto do lado esquerdo da referida via pública, na mesma faixa, expondo peças de vestuário em *jeans*, calças para ambos os sexos, os manequins vão do número 36 ao 46, tendo unidades de jaquetas, saias, minissaias, *shorts* e bermudas de tamanhos e etiquetas diversas. Essas mercadorias são adquiridas de fabricantes diferentes, o que sugere certa liberdade na consecução dos artigos, não se vinculando a único produtor, podendo, assim, oferecer maior variedade, possivelmente de mais fácil aceitação no mercado popular.

Caminhando pela lateral direita, encontram-se as barracas com temperos (especiarias), como pimenta-do-reino, erva-doce, cravo, canela, gengibre, colorau de urucum, molho de pimenta malagueta, raízes e folhas de plantas para manipulação de remédios caseiros. Esses costumes foram inseridos na culinária brasileira, principalmente, pelos europeus e africanos. (CASCUDO. 2004, p. 194).

Entre o prédio do Banco do Brasil e o Mercado Público, há um beco totalmente ocupado pelas barracas de verduras, legumes e frutas, peixes frescos, carne de porco, de gado, carneiro e frango abatido. Este local é bastante movimentado, especialmente nas primeiras horas pela população local e após as nove horas, pela população rural.

Retornando pela outra ala da avenida, deparei-me com as barracas de roupas femininas. Nestas havia muitas mulheres, jovens, senhoras de idades variadas, tentando encontrar umas calcinhas, uns *soutiens*, uma *lingerie* compatíveis com o seu manequim e com a bolsa, numa verdadeira disputa, ”um-puxa-para-cá-puxa-para-lá” e quem decide mais rápido sai “ganhando”. Há artigos para copa e cozinha (copos, pratos, xícaras, talheres), há brinquedos e uma com verduras (alface, coentro e cebolinha). O que chama a atenção e faz a feira ser feira parece ser esta desproporcionalidade das exposições das mercadorias, as assimetrias dos tipos e das cores, da profusão, enfim.

No que diz respeito à simetria das barracas deixa a desejar, numa visão organizacional sistematizada, e se caracteriza pela abundância de mercadorias numa mistura integradora das diversidades de artigos regionais naturais hortifrutigranjeiros e industrializados, principalmente roupas e calçados devido à delimitação espacial. Logo após, há uma barraca com uns 4m², contendo vários brinquedos de plástico nas cores vermelha, azul, amarela e verde, baldes de praia, bolinhas, carros e bonecas. Atravessando o Mercado Público, há vários boxes, onde seus permissionários oferecem comidas típicas: baião-de-dois, cuscuz com caldo de carne, buchada, panelada, mão-de-vaca, PF – prato-feito, contendo arroz, feijão, farofa, verdura e carne cozida de gado, carneiro ou porco e um pouco de macarrão, ao preço de R\$ 3,00 (três reais), suco de fruta ou refrigerante a R\$ 0,50 (cinquenta centavos) e R\$ 1,00 (um real) o copo de 200 ml para acompanhar.

Na outra parte do Mercado, depois dos sanitários, são vendidos produtos como farinha de mandioca, feijão, goma de mandioca, milho, rapadura, queijo de coalho, manteiga da terra, nata, mel de abelha, alfenins, mel de cana, carne-de-sol, farelo para ração animal e peixes salgados e secos, óleos comestíveis de soja e de caroço de algodão.

Na lateral de fora do Mercado, estão as barracas contendo mochilas, carteiras, cintos e outros produtos do gênero. Próximo dali está o Sr. Francisco Carlos, com a sua banca de verduras (cheiro-verde) que, afirmou chegar à feira às quatro horas para armar a barraca que deixa guardada num quarto de aluguel. Está neste ramo de negócio há dez anos. Disse ser ele

quem produz numa localidade fora do município, em Aquiraz, mas, durante a semana, trabalha em uma granja ganhando um salário mínimo mensal. Na feira, chega a vender cerca de 2.000 pares de coentro e cebolinha. O pimentão que vende é adquirido na Central de Abastecimento Sociedade Anônima (CEASA). Na ocasião de nossa conversa, surge um engenheiro-agrônomo oriundo do Rio Grande do Sul, que aconselhou evitar arrancar a cebolinha em folha com o bulbo, ou seja, cortá-la no caule para utilização, deixando a raiz fincada para soltar outros brotos. O feirante retrucou, “compreendo a orientação do senhor, mas aqui ninguém compra se separar, também sem a raiz ela murcha e perde a qualidade, deixa de atrair o cliente”. O engenheiro aquiesceu cabisbaixo, dizendo: “é uma questão de cultura”

Adiante, encontrei o Sr. Mauro, que vende bolos, uva, queijo de coalho que compra na CEASA. “Meu queijo vem do Jaguaribe, Brejo Santo e Iracema” (região que faz divisa e os Estados da Paraíba e Rio Grande do Norte).

Noutra barraca vizinha, é oferecido peixe de água doce – tilápia. O feirante afirma obter o produto em outras localidades do Estado como Banabuiú, Choró, Pacoti e às vezes no Mercado São Sebastião em Fortaleza. Apenas cerca de cem quilos vem da Priaoca – povoado próximo a Cascavel, outras duas barracas vendem pescada e sardinha salgadas.

À frente, estende-se uma barraca enorme contendo bananas. A proprietária possui duas, que divide com uma filha ao lado. São barracas de 3m² e das mais freqüentadas pelos compradores. Esta senhora informou que adquire a fruta nos sítios de Baturité. Tâmara Helena, outra senhora também vendedora de banana, “faz a feira de Pacajus,” expressão muito usada por eles. Parte vem de um sítio de sua propriedade em Pacoti. Trabalha há 15 anos e não pretende mudar.

Um camelô passa entre as barracas, oferecendo sabonetes, gel, “doutorzinho” e creme contendo sebo de carneiro. Vende como ambulante há um ano no centro de Fortaleza e Pacajus. Agora, disse ter descoberto a feira para tentar aumentar as vendas. “Exercer o trabalho ambulante nas feiras representa uma saída para aqueles que estão desempregados e procuram uma forma de garantir sua sobrevivência. Um dos traços marcantes do feirante é a sua itinerância, pois no espaço da feira circula de um lado para o outro” (CLEPS, 2002, p. 9). É o caso de um dos ambulantes da feira em estudo, como mostra a foto abaixo.

Com um megafone, o Sr. João do Colorau, pessoa bastante conhecida, anuncia seu produto, e é citado por outros pesquisadores dos meios de comunicação - tv e jornal, ele mesmo diz, “Saí na televisão. Mas foi por bondade, não foi por maldade não,” frisa bem. Aos 79 anos de idade, trabalhou como barbeiro, mas, há quatro anos vende numa barraca somente durante o verão, pois, a semente de urucum, sua matéria-prima para a fabricação do corante precisa secar para depois ser torrada no óleo e adicionada a um pouco de sal e farinha para ser moído.

Foto - 10



Fonte: Sr. Ricardo: (fotógrafo)

“Hoje estou com meu megafone anunciando a venda dos outros, vim para cá rever meus amigos...”. “Visto camisa vermelha e chapéu na cabeça para enfrentar o sol”. A camisa é uma forma de identificação com o produto que anuncia para vender – o colorau.

Dona Valda, em outra barraca, oferece banana. Ela disse que produz e compra para vender, conta com a ajuda de uma filha que é estudante, que senta em meio às bananas, enquanto os fregueses escolhem e pagam. As bananas são apreciadas pelo povo brasileiro desde a época da colonização, conforme relatos dos primeiros exploradores. Pero de Magalhães Gandavo, antes de 1570, identifica a banana como ‘huma planta se dá também nesta Província, que foi da ilha de San Tomé ... A fruita dela se chama bananas’ (GANDAVO apud CASCUDO, 2004, p. 115).

Foto 11



Fonte: Sr Ricardo (fotógrafo).

Ainda ao centro desse corredor, existe um quiosque de madeira coberto, contendo uma janela por onde o vendedor fixo serve lanches, sucos de frutas, batidas ao liquidificador na hora, acompanhado de sanduíches, bolos e salgados. É aberto diariamente às seis horas, sendo que o movimento cresce aos sábados por causa da feira.

O Sr. Lindocácio Honorato compra as frutas na sexta-feira na CEASA.

-“Faço as feiras de Pacajus e Cascavel com a ajuda de três empregados”.

Na rua Coronel Biá, algumas lojas abrem às seis horas aos sábados. Seus proprietários reconhecem que as vendas aumentam por causa da feira que atrai os fregueses, mas, reclamam dos gritos e da falta de respeito dos vendedores que ocupam as calçadas, impedindo a passagem das pessoas.

Numa esquina, sobre a calçada, ainda com uma faixa de sombra, por volta das nove horas, encontra-se uma jovem universitária que utiliza este espaço com a permissão do proprietário da loja para colocar os recipientes de zinco contendo leite que mede em litros. Com uma caneca, enche os saquinhos de plástico, com o auxílio de um funil. O produto vem das fazendas de Barbalho, Município de Cascavel. O volume vendido se aproxima dos 200 litros. O preço do litro é de R\$ 1,00 (um real)¹³, Ela exerce essa atividade há treze anos. Neste lado da rua, existem lojas de miudezas, armarinho, lanchonete e uma loja maçônica.

¹³ Valor monetário vigente no Brasil em 2007

4.7 Informações dos Srs. Antônio Barão e Antônio Carlos

Seguindo ainda por esse logradouro, cheguei ao final da feira, no cruzamento com a avenida Pedro de Queiroz Ferreira, onde funciona nessa esquina o Bar Barão de propriedade do Sr. Antônio Barão, ao entrar no referido estabelecimento procurei entrevistar este senhor por tratar-se de pessoa sábia, reconhecida pelos cascavelenses. O rapaz atendeu-me dizendo que seu pai estaria em poucos minutos, eis que surgiu um homem de estatura mediana, branco, de olhos claros, voz baixa, que se apresentou como Antônio Manuel de Sousa – conhecido como Antônio Barão - contando 75 anos de idade com muita serenidade me forneceu importantes informações sobre a feira.

Foto - 12



Fonte: Graça (pesquisadora), Sr. Antônio Barão e seu filho Antônio Carlos.

Na ocasião, o entrevistado acentuou tratar-se do primeiro sistema de feira no Ceará, instituída pelo Governador Barba Alardo em 1811. Falou sobre a fundação de Cascavel em 1694, tendo sido emancipada em 1833. A primeira feira se chamava Feira Velha, mas, desde 1909, a Feira de São Bento foi designada a funcionar neste local, atual.

Sobre o significado da feira para a cidade, o Sr. Antônio e o seu filho Antônio Carlos (acadêmico do curso de Historia da Universidade Federal do Ceará-Fortaleza), expressaram ser de grande importância econômica.

— “É uma riqueza do ponto de vista cultural para o setor primário, agricultura, pecuária, pesca, artesanato, bem como as manifestações populares inseridas na música, na literatura de cordel, encontradas no ambiente feirante” - disse o Sr. Antônio Carlos.

Concluindo, o Sr. Antônio, assinalou: “trata-se de um evento tradicional da região desde os primórdios”. Este senhor é um dos autores do livro *Cascavel 300 anos*, uma das primeiras obras consultadas quando da idealização deste trabalho por conter valiosas informações sobre a fundação e desenvolvimento dessa cidade. O encontro foi produtivo e prazeroso, devendo ser repetido em outras ocasiões para ensejar mais informações.

As feiras populares são consideradas como verdadeiro museu autêntico representativo da cultura do povo nordestino [...] a feira museu voltado para a realidade cultural da região, pois, o que nela emerge é a própria cultura que alimenta este ciclo e dela recebe informações preciosas para suas mudanças e adaptações às novas realidades do tempo e do espaço. (PEREIRA JR. 1977, p. 33 apud VIEIRA[2])

Neste contexto cultural, a feira envolve todos os aspectos da ação humana no lugar em que os seres vivem e se transformam, para nele adaptar-se a partir das mudanças que produzem coletivamente como uma reação aos fatores naturais. Faz parte da história do homem a criação e recriação de suas condições de vida em todas as épocas e em todos os lugares.

4.7.1 Estrada Real: passagem de pessoas ilustres.

Os primeiros produtos comercializados na encruzilhada de Cascavel, oriundos de outros lugares, vindos de navio ou em cargas trazidas em lombos de animais do interior do Estado, eram conduzidos pela Estrada Real, por onde passaram pessoas ilustres do período colonial, tais como: Padres Francisco Pinto e Luís Figueira e Pero Coelho de Sousa.

A feira nos seus primórdios abastecia a cidade com rapadura e farinha, produzidos no local. Atualmente não é suficiente a produção de farinha, sendo necessário adquirir em outros locais do estado: “quase tudo vem de fora...” Disse o Sr. Antônio, com o tom de voz e fisionomia esboçando saudosismo. Conforme o entrevistado, Cascavel é atualmente a 14ª economia do Ceará, o comércio já foi mais atrativo, hoje sofre com a concorrência. O comércio de confecções, roupas prontas, fechou muitas lojas de tecidos. Ao todo, eram 15 lojas.

O primeiro prédio do Mercado Público, foi erigido pelo primeiro prefeito, José Irineu, que realizou este feito para dar lugar de trabalho aos feirantes, apenas tirando a feira dos

animais vivos, gado, muares, caprinos e ovinos, para local fora do espaço urbano. “Logo ali pode-se encontrar” - disse apontando para o local.

Afirmou ainda que os aposentados dão maior impulso à feira. A primeira quinzena é tida pelos feirantes como o período de maior fluxo de fregueses, o que possibilita a realização de negócios à vista, por ser este o momento em que recebem seus benefícios. Bem ao lado, estão três agências bancárias: do Banco do Brasil e Bradesco, antes Banco do Estado do Ceará-BEC e Caixa Econômica Federal.

4.8 Relações pacíficas e concorrência.

As relações entre comerciantes móveis e fixos são pacíficas, no entanto, isto não quer dizer que não existam conflitos, antagonismos (MARX, In: IANNI, 1979, p.14), tanto ocasionados pela concorrência, quando ambos vendem produtos iguais ou similares, como pelo espaço geofísico utilizado por ambos. Verifica-se o descontentamento entre os vendedores de confecções e os fabricantes, que também aproveitam o evento para vender seus produtos na mesma faixa de preços que seus clientes feirantes vendem. E, o que é pior, as barracas são maiores, o volume de peças é significativo, diversificadas em tamanhos, textura e modelos. Estas condições chamam a atenção dos fregueses que se aglomeram ao redor da barraca, fazendo muito alvoroço na seleção e aquisição de peças do vestuário feminino, sendo que são as minissaias de *jeans* preferidas pelas garotas que dizem freqüentar os forrós à noite animadas pelas bandas musicais vindas de Fortaleza.

Nos espaços próximos das calçadas, há vendas de CD's, DVD's, rádios e bíblias. Nas calçadas próximas do mercado, estão as bancas de ferragens, facas, correntes, chocalhos e muitos outros objetos, o quem nem sempre é bem-visto pelos lojistas.

Os feirantes reclamam da falta de assistência por parte da Prefeitura, pelo descaso com as instalações do Mercado Público, onde eles utilizam os banheiros em precárias condições; denunciam também a falta de bebedouros.

4.9 A “Banda Podre” da feira

Durante as entrevistas, vários lojistas, feirantes e freqüentadores da feira reclamavam do mau cheiro, tampavam o nariz e mostravam o esgoto do Mercado Público a transbordar salmouras e detritos escorrendo pela lateral da calçada na avenida Pe. Valdevino. Algumas dessas pessoas saíam do seu estabelecimento comercial para me mostrar como funcionam os galpões onde vendem carnes, peixes e aves, para os mesmos, os restos desses produtos são responsáveis pelo entupimento das calhas subterrâneas.

Acredito que as reclamações tenham um teor de súplica, pedido de socorro, uma forma de enviar um recado às autoridades municipais, no sentido de que viabilizem soluções para o problema.

Noutros momentos de observações, pude constatar problemas de falta de assepsia, pois os feirantes normalmente cortam, pesam, embalam as mercadorias escolhidas pelos fregueses, recebem o dinheiro com as mãos sujas e logo depois atendem outro cliente.

Os camburões descobertos, receptores de lixo ficam distribuídos ao longo da alameda da referida avenida, recebem parte do lixo espalhado no asfalto durante a feira, mas, nem sempre sua coleta ocorre no mesmo dia o que também contribui para deixar o ambiente fétido. Na estação chuvosa, a podridão aumenta e os moradores das proximidades dizem sentirem-se prejudicados.

Falar de podridão, acrescenta-se às insatisfações com o poder público que, segundo vários munícipes, “pedem” explicações sobre o montante arrecadado dos permissionários e dos feirantes e sua aplicação nas obras em benefício desses trabalhadores e da própria população.

Numa proposta ambígua sugerida pelo vocábulo “podridão”, dá para se incluir a dúvida que paira no ar quando o assunto é política devido à falta de transparência do poder público, no sentido de que este deve apresentar com clareza suas receitas e despesas, possibilitando aos cidadãos o acompanhamento dos gastos públicos no exercício de suas cidadanias. Talvez por esta razão, um certo cidadão me encontrou e indagou: “Você está pesquisando a feira? Pois é bom que saiba, essa feira pelo que a prefeitura apresenta, está sendo um prejuízo para o Município. Primeiro, porque a arrecadação se realiza sem nenhum controle; dizem que há 1.500 feirantes, se colocar na base de R\$ 2,00(dois reais) cada um, a arrecadação seria de R\$ 3.000 (três mil reais). Dentro do mercado são 350 boxes, vezes R\$

5,00 (cinco reais), o que daria R\$ 1.750,00 (um mil setecentos e cinquenta reais); cada abate de boi custa R\$ 7,00. Em 100 abates, daria R\$ 700,00 (setecentos reais) multiplicando pelo número de sábados que são 52 ao todo (de janeiro a dezembro de 2006), e o que consta na declaração da prefeitura é o valor de R\$ 1.001,13 por sábado. Será que este valor é suficiente para arcar com a limpeza pública do lixo provocado pelo acontecimento da feira?”.

Diante da argumentação do referido cidadão, dá para pensar que o evento da feira gera também conflitos de ordem política, dada a insatisfação dos que acompanham o balanço anual das contas públicas desse Município.

Vale ressaltar que no momento atual (mês de abril/2008) a prefeitura realiza reforma em um dos pavilhões do Mercado atendendo às reivindicações dos permissionários.

Foto-13



Fonte: Ricardo em 19/04/2008 “in loco”

Este pavilhão encontra-se equipado para a comercialização de carnes, de acordo com os padrões de higiene estabelecidos pela Secretaria de Saúde do Estado.

5 DADOS ECONÔMICOS, ESTÉTICOS E ETNOGRÁFICOS DA GASTRONOMIA, MODA, PAQUERA E FORRÓ NA FEIRA

5.1 Economia do Município

O Município de Cascavel depende das atividades econômicas da indústria, do comércio, da pesca, da agricultura, do artesanato e do turismo.

Conta com cerca de 31 indústrias, distribuídas em atividades química, bebidas, metalúrgica, perfumaria, produtos minerais não metálicos, mobiliário, sabões e velas, alimentos, madeira, calçados, vestuário, artigos de cana-de-açúcar e peles de animais, e serviço de construção civil.

Encontra-se entre os 34 melhores municípios, conforme o Índice de Desenvolvimento Municipal de 1997 – IPLANCE. Cascavel ocupa o 1º. lugar, exclusive a região metropolitana de Fortaleza, e o 3º. como um dos maiores municípios exportadores do Ceará em 2005. IDM – 2004: 38,42 (14º. no Ceará) em 2000: 0,673 (22º, no Ceará e 3.410º. no Brasil). Índice de Exclusão Social 2003: 0,372 (3.595º. no Brasil). PIB 2003: 281.097.000 e PIB *per capita* em 2003: R\$ 4.609,00. Receita Orçamentária Arrecadada em 2005: R\$ 35.530.245,91. (Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior – (MDIC) (SECEX).

Exclusive os municípios da região metropolitana de Fortaleza, Cascavel ocupa o 6º. lugar entre os municípios do Ceará no Produto Interno Bruto, conforme o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE 2007), a preços de mercado da região metropolitana de Fortaleza, representando 354.054, enquanto o Ceará representa 40.923.492. Nas pesquisas de 2005, o Ceará possui PIB *per capita* de R\$ 5.054 e Cascavel, R\$ 5.605.

As indústrias representadas pela Cascavel Castanha de Caju - CASCAJU, outras de cerâmica, tijolos e telhas (construção civil), CIPA, BRACOL empresa de tratamento de peles de animais, entre outras de menor porte, dão expressão no que diz respeito às mudanças significativas, especialmente na absorção de mão-de-obra local: confecções de *lingerie*, *jeans*, algodão e malha.

Os principais produtos agrícolas são cana-de-açúcar, produzindo rapadura e outros derivados o que também vendem a cana para engenhos de Pindoretama-CE (onde produzem e até exportam rapaduras). Cera de carnaúba, mamona, mandioca, algodão, feijão, milho, arroz, batata-doce e frutas como, coco muito utilizado na culinária, caju, banana, manga, goiaba, melancia, laranja, maracujá, tangerina, abacate, sapoti, mamão, murici, cajá, tamarindo e outras.

Na pecuária, existem rebanhos de bovinos e caprinos que fornecem leite, suínos, ovinos, eqüinos, muares, asininos e aves domésticas. Há granjas produzindo aves de corte e ovos, pequenas fábricas que produzem aguardente, farinha de mandioca e rapadura.

Na extração marítima de peixes, lagostas e mariscos, encontra-se mais uma das fontes de emprego e renda tradicional do litoral leste.

No artesanato, destacam-se os produtos de barro, confeccionados na localidade de Moita Redonda, e de cipó, extração e confecção, pela comunidade de Bica, sendo comercializados no Município e exportados através do Pólo de Artesanato local pela SEART; há trançados de palha, rendas e bordados.

O comércio, especialmente aos sábados, com a “agitação da feira,” nos primeiros dias do mês, coincidentes com dia em que os aposentados recebem os benefícios previdenciários, o movimento aumenta consideravelmente, o que fez uma senhora proprietária de uma boutique fazer o seguinte relato: “Aqui se diz que Cascavel tem 14 dias na semana. Os sete dias, mais o sábado que vale outros sete”.

5.1.1 Cadastro dos feirantes

Os feirantes cadastrados na Secretária de Turismo do Município são ao todo 639 (conforme dados fornecidos, embora haja casos em que um feirante possua mais de uma barraca), dentre os que moram no Município de Cascavel, somando-se a outros que vêm de Fortaleza, municípios vizinhos e da zona jaguaribana.

Foto - 14



Fonte: Ricardo em 19/04/2008 “in loco.”

Constata-se que muitos ambulantes vendem o que produzem ou compram de outros produtores do mesmo município, para vender, principalmente, hortaliças, frutas, farinha e goma, rapaduras, peixes, mariscos, artesanato de barro, cipó, palha, retalhos de tecidos, conchas. Os potes, panelas e demais utensílios de barro são produzidos nos municípios em vários povoados inclusive nas laterais da CE-040. (Estrada que liga Cascavel a Fortaleza).

No total, 48% dos feirantes residem em Cascavel, tendo a feira como a única fonte de renda. Sendo 52% de fora isto, evidencia, portanto, que vender na feira é “um bom negócio”, pois atrai ambulantes de localidades diversas. Numa pesquisa realizada pela Prefeitura foram constatados os seguintes dados:

Quadro 1

Cidades	Nº
Cascavel	304
Fortaleza	130
Pacajus	111
Maracanaú	07
Aquiraz	19
Pindoretama	12

Horizonte	07
Aracati	02
Beberibe	07
Acaraú	02
Jaguaruana	10
Caucaia	03
Maranguape	01
Quixadá	05
Baturité	10
Pacoti	03
Chorozinho	02
Morada Nova	04
TOTAL	639

Quadro 2

Categoria	Nº. Analisado
1. Confeções	304
2. Calçados e Bolsas	48
3. Tecidos	09
4. Utensílios domésticos (Plast. e Alum.)	13
5. Brinquedos	10
6. Redes	20
7. Fitas e CD's	07
8. Relógios e bijuterias	37
9. Ferramentas	12
10. Merendas	17
11. Artesanatos	06
12. Frutas e Legumes	93
13. Alimentos e Temperos	45
14. Madeira	06
15. Diversos	12
TOTAL	639

Dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Cascavel. 2007.

Creio que estes dados carecem de atualização, pois, só nos ramos de confecção e calçados, foram contados na última pesquisa de campo 510 barracas, restando 162 para outras variedades e mais 53 pontos de venda no chão, 6 pontos dentro de sacos, 2 de peixes de água doce, 2 de peixes do mar e 2 de mariscos (6 pontos com peixes), 9 caminhões de frutas - abacaxi, maçã, banana, abóbora, melancia e 42 bancas de artesanatos, estas ao redor do mercado ao longo de uns seis quarteirões.

Contando ainda com os boxes dentro dos galpões do mercado, consoante informações dos comerciantes, são 60 pontos fixos para cereais e para alimentos cozidos e 33 para verduras e frutas; 30 para cereais em sacos, rapaduras, queijos e derivados, feijão, goma, farinha, derivados da cana e do leite vindos do sítio Prata a 11 km de Cascavel. Na parte mais antiga do mercado, há doze pontos que funcionam como barbearias. Em seguida, há um galpão próximo aos boxes destinado à venda de carne, peixe e aves, com quinze bancas de hortaliças.

Na seqüência, em paralelo a este, há mais um galpão com carne bovina, outro com peixes e mariscos e o terceiro contendo carne de ovinos e suíno, sendo 350 boxes em área coberta.

A quantidade de barracas e pontos sobre o solo nas laterais ou ao redor do mercado são de aproximadamente 780, contadas na feira do sábado, aos 26 de janeiro de 2008. A quantidade supera os registros da Prefeitura. Nas observações realizadas nos meses de fevereiro e março, verifica-se maior quantidade de barracas ao longo da av. Pe. Valdevino, no cruzamento da av. Chanceler Edson Queiroz. No chão, entre os caminhões e o galpão do mercado, espalham-se milho verde, jerimum, feijão verde, pneus e uma Kombi com bolos, pontos já inclusos na contagem que resultou em 812 pontos, mais 350 (trezentos e cinqüenta) boxes, num total de 1.162 pontos de venda. A contagem foi realizada com cuidado, porém, é possível que algo tenha passado despercebido. Estima-se que circulam cerca de 8.000 pessoas (método: quatro pessoas por m²) durante toda manhã, 80% (6.400 pessoas) destas, gastam em média, R\$ 30,00, resultando num total de R\$ 192.000,00 (cento e noventa dois mil reais); multiplicado pelos 52 sábados ao ano, chega-se à cifra de R\$ 9.884.000,00 (nove milhões, oitocentos e oitenta e quatro mil reais) ao ano, valor bastante significativo para o Município.

Os ambulantes produzem ou compram de produtores circunvizinhos para vender: hortaliças, frutas, peixes, mariscos, rapadura, farinha, goma de mandioca, artesanato de barro, cipó, palha, conchas, retalhos de tecidos de algodão e lycra.

Foto - 15



Fonte: Ricardo em 19/04/2008 “in loco.”

Esse intercâmbio acontece com produtores e feirantes, certamente numa relação de solidariedade intrínseca aos costumes camponeses, uma certa parceria entre pequenos produtores. Nesse sentido, aproveito as palavras introdutórias da pesquisa: Feiras do Jequitinhonha no semi-árido de Minas Gerais, efetuada por Ribeiro (2007),

Feira livre é um momento excepcional para compreender as sociedades rurais. Enquanto vendem e compram, lavradores e lavradoras criam um fato maior que o comércio; uma experiência ampla envolvente de trocas sociais que gera uma série de efeitos, [...] (2007.p.25).

O autor continua o texto referindo-se à complexidade da feira livre, dizendo que, além disto, há de se conhecer a sociedade onde ela se insere, daí a necessidade de compreender as relações possíveis “neste rural e nestes pequenos e aparentemente modestos mercados locais”. Embora a população de Cascavel seja predominantemente urbana, 75,10%, mesmo assim, não se isenta das trocas entre rural e urbano.

Em meio à circulação de pessoas que serpenteiam pelas barracas para adquirir produtos de subsistência ou outro qualquer que seja, as relações não se restringem à mera comercialização, mas, sobretudo, a trocas de culturas, articulações políticas de uma economia, associada aos demais fatores de sobrevivência intrínsecos ao cotidiano.

Nessa perspectiva, a feira reúne valores de uma tradição que a distingue de outras, pois, além de tratar-se de um dos lugares, populares nele se encontra uma dada igualdade de gostos e preferências expressos nas espécies de alimentos, quantidade suficiente para a semana, até mesmo a quantia em dinheiro a ser gasta em cada feira, numa demonstração de que as rendas da maioria dos fregueses se equiparam.

A preferência se intensifica no primeiro sábado do mês, quando os segurados têm recebido seus benefícios previdenciários (aposentados, pensionistas e outros amparados pelos benefícios do Instituto Nacional do Seguro Social), tornando-se “consumidores” estáveis que regularmente vêm adquirir mercadorias.

Feirantes e comerciantes fixos (lojistas) fazem referência ao crescimento do fluxo de compradores nesse período, assim como os meses de maior volume de vendas, exceto em janeiro e fevereiro. Assim, aqueles que dependem da agricultura, do artesanato, da pesca ou de outras atividades relacionadas ao setor primário, bem como do comércio urbano e consumidores, se beneficiam dessa dinâmica da economia; pois, a geração de receitas impulsionada pela circulação de recursos possibilita a muitas pessoas a aquisição de alimentos associados à satisfação nutricional.

5.1.2 Pesquisa sobre o feirante.

Como técnica de pesquisa sobre o feirante, se fez necessário buscar dados cadastrais no órgão municipal, Secretaria de Turismo de Cascavel, para proceder a uma possível amostra por categorias, com base nos tipos de mercadorias e organização das barracas no espaço da feira.

Na oportunidade, procurei realizar observações importantes, como o número de fregueses que perguntavam sobre o preço das peças, examinavam a qualidade dos produtos expostos, principalmente frutas e verduras, os que realmente compravam, os que saíam e depois retornavam com outras sacolas nas mãos e compravam e os que olhavam, passavam e

voltavam de outras barracas com os produtos adquiridos. Nas averiguações, compreendi que as amizades entre feirantes e fregueses contam na hora dos negócios. Por isso há preferência, inclusive, quando o fator é qualidade. Foram aplicados questionários em fregueses e comerciantes fixos próximos ao mercado.

Desconfiei dos dados obtidos na Prefeitura e empreendi esforços no sentido de melhor captar a realidade, tendo que contar uma a uma todas as barracas independentemente de estarem cadastradas ou não. Finalizo obtendo os resultados expressos na seqüência.

Comparando os dados oficiais da Secretaria de Turismo, dos 639 feirantes, 304 são de Cascavel e que representa 47,57%, enquanto 335 deles pertencem a outros municípios, significando 52,42%, ou seja, mais da metade dos feirantes vêm de fora. Isto quer dizer que a população de Cascavel não utiliza a feira como ocupação principal.

De acordo com a minha pesquisa, os dados acima não correspondem à realidade. A amostra tomada aleatoriamente para aplicação dos formulários apresenta dados a seguir enumerados.

Considerando a quantidade de feirantes, fregueses e comerciantes fixos, tentei entrevistá-los por meio de uma amostra não-probabilística (portanto, não serve como amostragem), distribuídos por tipos de mercadoria, levando em conta o fato de que, apesar de mostrarem-se simpáticos e favoráveis à pesquisa, muitos não conseguiram me atender, em razão do fluxo de fregueses.

O objetivo deste trabalho centrou-se também em dimensionar a importância da feira como meio de sobrevivência para os feirantes e sua família, ou seja, os motivos que os levaram a essa atividade econômica. Quanto aos comerciantes fixos das proximidades da feira, busquei conhecer suas relações com os feirantes, a importância da feira para o aumento das vendas, inclusive para os próprios feirantes, aos sábados.

As entrevistas com os fregueses ensejaram-me traçar-lhes um perfil bem como de sua renda familiar, quantia que gastam nas compras, o que compram, quem vem do meio rural, de outras cidades ou residem em Cascavel.

O local da feira, sua estrutura e organização, tendo como referência, as mesmas normas atribuídas ao Mercado Público, também foram observados, havendo eu solicitado informações sobre o que pensam a respeito do Mercado Público e da feira.

Os participantes diretos que responderam aos questionários foram 30 feirantes (4,69% dos 639 cadastrados), 80 fregueses (1% do público estimado) e 15 comerciantes fixos (20% dos estabelecidos) para amostragem não probabilística. De acordo com Mattar (1996), ela não permite generalizações, embora, para Curwin e Slater (1991), “a amostragem não probabilística às vezes é preferível à probabilística, pois ela sendo bem conduzida pode produzir resultados satisfatórios mais rápidos e com menor custo ...”

5.1.3 Feirantes: dados pessoais

A faixa etária varia entre 19 e 66 anos, sendo sete entre 19 e 30 anos, dez entre 31 e 40; quatro entre 41 e 50, sete entre 51 e 60 e apenas dois entre 61 e 70 anos. A inserção das pessoas na feira ocorre em qualquer idade a partir dos dezoito anos. Nesse caso, se evidencia, portanto, maior participação dos jovens e adultos nas faixas compreendidas entre 19 e 40 anos e 51 e 60 anos; num total de 24 pessoas, apresentando no primeiro caso 56,6% e, no segundo, 23,3%, o que significa 79,9% com intervalos, no que se encontrou nas faixas entre 41 e 50 13,3% e 61 e 70 anos 6,6%.

Tabela 1

<u>IDADE</u>	<u>FEIRANTES DE CASCAVEL</u>	<u>%</u>
19 - 30	7	23,3%
31 - 40	10	33,3%
41 - 50	4	13,3%
51 - 60	7	23,3%
61 - 70	2	6,6%
Total	100,00	100,00

Na feira pesquisada, encontram-se cerca de 23,3% de mulheres e 76,6% de homens o que atuando nessa atividade, obviamente, faz predominar a presença masculina.

As pessoas entrevistadas responderam que são 19 de Cascavel (sede) e 3 delas são de comunidades do mesmo município, equivalendo a 22 feirantes, portanto, 73,3%; mais quatro de Fortaleza, 13,3%; dois de Aracati, 6,6%; um de Jaguaruana, 3,3%; um de Pacajus, 3,3%. Assim, 26,5% são de outras localidades do estado do Ceará, portanto, a maioria pertence ao município pesquisado.

No quesito sobre o grau de escolaridade, quatro são analfabetos, (13,3%), nove sabem ler, (30%); oito têm o ensino fundamental incompleto, até a 6ª série, (26,6%), três concluíram o ensino fundamental (10%); um tem o ensino médio incompleto (3,3%); quatro concluíram o médio, (13,3%) e um é universitário (3,3%). Conclui-se que, dos feirantes, cerca de 66,6% têm leitura, restando 13,3 de analfabetos e 29,9 entre o ensino médio e o superior.

Gráfico 1

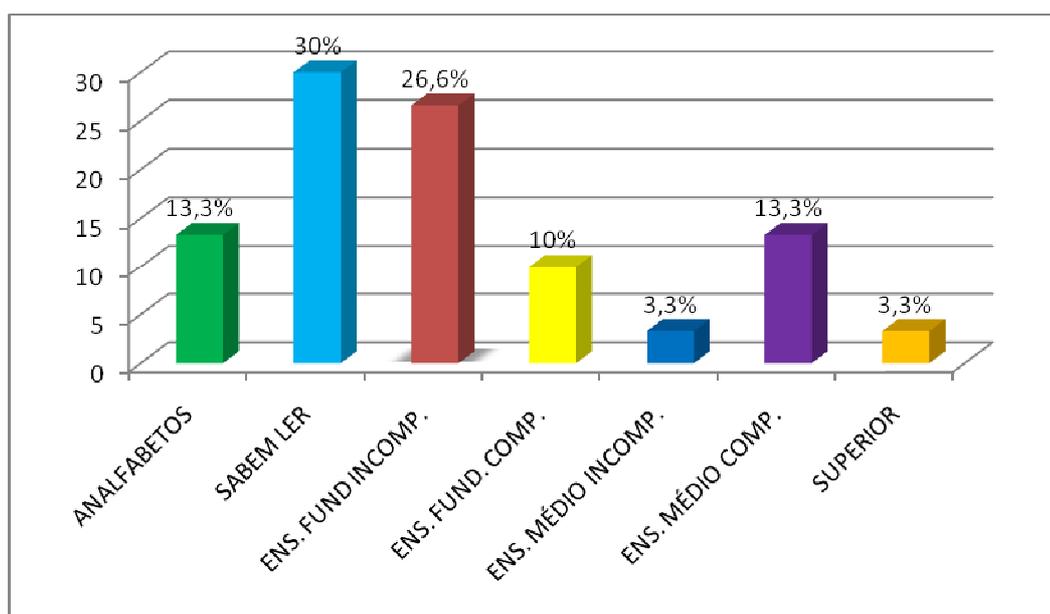


Gráfico 1 – Grau de escolaridade de feirantes pesquisados em percentuais.

Como mostra este gráfico, a maioria dos entrevistados (86,7%), sabe ler, desde os alfabetizados aos universitários, restando 13,3% de analfabetos o que prejudica a contabilização e a prestação das contas após as vendas realizadas.

Durante as entrevistas, alguns me diziam que conheciam dinheiro e sabiam fazer contas; também traziam os filhos ou as esposas para ajudarem a passar troco.

Dos entrevistados, 63,3% dos homens são chefes de família enquanto 6,6% não são, pois responderam que trabalham para si mesmos. Enquanto isso, das nove mulheres, sete são chefes de família, representando, portanto, 23,3%, mas 6,6% disseram ser “independentes”.

A média do número de dependentes por chefe de família encontra-se entre duas até cinco pessoas, por habitação. Apenas três feirantes responderam sustentar oito pessoas, sendo que em sua maioria os entrevistados são auxiliados pelos filhos nas lidas domésticas e com os trabalhos na feira, assim como fizeram seus pais, que também foram ou, ainda são feirantes. No total, 86,6% vivem apenas do seu trabalho e renda, enquanto 13,3% afirmaram que têm outro tipo de renda, dentre os quais aposentadoria e bolsa-família.

Para o deslocamento até a feira, alguns enfrentam dificuldades de transporte, por falta de estrada ou má conservação delas. Também não há transporte coletivo que faça a linha de rotina. Muitos possuem seu transporte ou alugam em parceria com outros feirantes do Município. Quando são de outras cidades, usam ônibus de linha ou caminhão, dependendo do tipo da mercadoria. Doze deles disseram que possuem transporte (40%), cinco utilizam ônibus de linha (16,6%), três vêm à pé (10,0%), dois vêm de “Topic” (6,6%), três usam camionete fretada (10,0%), três caminhão fretado (10,0%) e dois (6,6%) utilizam a bicicleta.

Muitos reclamam da Administração Pública no que se refere à abertura e conservação de estradas. “Se tivesse estradas, os donos das empresas de ônibus acabavam colocando transporte coletivo para a população já que o prefeito não se interessa” - disse um ambulante.

5.1.4 Por que trabalhar na feira

Abordados sobre o motivo de trabalhar na feira, muitos disseram as seguintes frases:

“Gosto de ser autônomo.”

“Ganho melhor do que numa empresa.”

“Necessidade de sobrevivência.”

“Único meio de sobreviver.”

“Dificuldade de conseguir emprego.”

“É meu ramo de vida.”

“Por tradição familiar.”

“Vendo à vista, fico com o dinheiro no bolso.”

“Meio de sobreviver.”

“Vivo disso.”

“Melhor do que em casa de família.”

“É um bico.”

“Não posso pagar ponto fixo.”

“Melhor oferecer para turista.”

“É lugar bom de cliente.”

”Não tenho estudo.”

“Fiquei velho e não tinha emprego.”

“É um meio de trabalho que traz muito conhecimento.”

Nesses depoimentos singulares e espontâneos, ao mesmo tempo, percebe-se a falta de perspectiva de mudança. É como se este “meio de vida” fosse determinado, não havendo outra possibilidade de ocupação e obtenção de renda; mesmo porque parecem conformados com a situação.

Embora os motivos sejam os mais diversos, deixam transparecer a dificuldade de conseguir emprego no mercado de trabalho, ao que se associam a baixa escolaridade e a falta de qualificação profissional. Ante os poucos recursos confirmados pelos dados, 83,3% possuem apenas um ponto de venda, enquanto 16,6% disseram possuir dois pontos na mesma feira.

A renda obtida por cada feirante nessa atividade varia entre R\$ 30,00 e R\$ 1.300,00 por feira, dependendo do tipo de mercadoria que vende. Numa banca de café, a senhora F consegue apurar cerca de R\$ 30,00 em cada evento; as barracas de calçado e vestuário ficam entre R\$ 150,00 e R\$ 500,00; mas a carne bovina chega a R\$ 1.300,00 por feira. Ao final do mês, a renda apurada segue numa escala de R\$ 280,00, no mínimo, em média R\$ 400,00 a R\$ 600,00, elevando-se de R\$ 2.000,00 a R\$ 8.000,00, sendo estes últimos relacionados à venda de carne e a cereais em maiores quantidades, sacos de feijão, farinha, milho e outros (informações dos feirantes). Em geral, os meses de janeiro, fevereiro e março, assim como os dois últimos sábados dos meses são apontados como “fracos”, significando o período em que as vendas são reduzidas tendo como fator determinante a falta de dinheiro, a baixa de poder aquisitivo para as classes de renda inferior. Creditam aos gastos excessivos nos meses que se sucedem às festas natalinas e às despesas escolares, inclusive o carnaval.

Parte dos feirantes oferece mercadorias adquiridas em outros mercados, como CEASA, fazendas, engenhos, sítios e indústrias do próprio Município e fora dele. Menos da metade produz o que leva para vender (43,3%). Cerca de (56,6%) compram para revender. Alguns fregueses são permanentes e outros variáveis. Os negócios se realizam à vista (76,6%) e fiado (23,3%), uma vez que os feirantes relatam que existem laços de amizade, confiabilidade entre eles e os fregueses, principalmente os compradores costumeiros, conhecidos aposentados e pensionistas da vizinhança.

5.1.5 Mercadorias, preços e negócios

Conversando com um vendedor de utensílios doméstico de alumínio, este me revelou que leva cerca de cinquenta peças e chega a vender quase tudo. Os preços são de R\$ 5,00 a R\$ 10,00 por peça; entretanto, pode fazer uma diferença: “tiro cinquenta centavos para ganhar o cliente, né?”.

Um feirante, senhor R, que leva camisetas, vende até oitenta peças para igrejas, escolas e ao povo em geral. As camisetas femininas custam R\$ 5,00 e as masculinas custam R\$ 7,00, Durante a entrevista, chegou uma jovem que olhou as camisetas e escolheu duas delas. Sorrindo, disse:

- Quero duas, mas você vai fazer por oito reais?

R, olhou a jovem e respondeu:

- Vai ser o seguinte: pague oito reais e na próxima feira venha deixar os dois reais, tá certo?

A jovem concordou; seu sorriso denotava satisfação com o voto de confiança a si dispensado pelo feirante.

Noutra barraca de sandálias, parei para conhecer as transações efetivadas no local. A vendedora disse que leva pares de calçados com numeração, modelos e cores variados para “sair” uns 20 pares por preços entre R\$ 10,00 e R\$ 35,00. Outra barraca chega a vender 70 pares em dias de maior movimento. Para isto, leva maior variedade para atender todo tipo de

cliente - homens, mulheres e crianças, com preços variando entre R\$ 5,00; R\$ 10,00 e R\$ 20,00.

As barracas de vestuário podem conter peças em *jeans*, calças, blusas, *shorts*, minissaias e jaquetas. De acordo com o proprietário, vende próximo de duzentas peças, com preços que variam entre R\$ 10,00 e R\$ 30,00. Há outra que vende roupas de tecidos leves por R\$ 8,00, R\$ 10,00 e R\$ 12,00. Não vende, porém, mais do que 30 peças por feira; assim como moda-praia, as peças são de R\$ 5,00 e R\$ 10,00 reais.

O vendedor de alface, coentro e cebolinha em folha, leva dois mil molhos que vende a R\$ 0,30 (trinta centavos) cada qual.

A senhora M vende peças artesanais de palha que traz de Aracati: são chapéus, bolsas, porta-papéis, descansos de prato, pisos e painel, e os preços variam entre R\$ 1,50 a R\$ 10,00, dependendo da quantidade adquirida pelo freguês.

Peças de crochê, filé, bordados, rendas e tapetes (confeccionados com retalhos de tecido) são vendidos por R\$ 10,00, R\$ 25,00 e R\$ 30,00. “Vende mais quando têm turistas; eles dão mais valor”, disse uma feirante.

Como merenda, saem: café, suco, bolo, tapioca, vendendo-se cerca de 12 unidades; um bolo fatiado sai a R\$ 0,50 (cinquenta centavos) cada fatia.

Dentro dos boxes do mercado, a carne bovina é vendida por R\$ 5,00 e R\$ 8,00 o quilograma. Chega-se a vender até 360 quilos por feira.

O peixe do mar vem de Barra Nova – Município de Cascavel. Vende até 3.000 quilogramas, a R\$ 4,00 o quilo. Frango vende cerca de 6.000 quilos. As frutas - maçã, goiaba e melancia custam R\$ 2,00 o quilo. Cada barraca vende cerca de 15 quilos por feira. A rapadura tem tipos e formatos variados. Por exemplo, há pacote de rapadurinha quadrada de 100 gramas – vendidos três por R\$ 1,00; uma rapadura de 200 gramas, temperada, sabor coco, goiaba, maracujá, custa R\$ 0,80 cada. Há rapadurinhas que custam, o pacote com 10, com o sabor de chocolate, por R\$ 2,00. O queijo do Jaguaribe vende até 100 quilogramas a R\$ 8,00.

Os feirantes que vendem miudezas, brinquedos, artigos de plástico, canecas, jarros, pentes e pratos compram nas fábricas e chegam a vender cerca de 30 (trinta) peças que variam de preços, de R\$ 1,00 até R\$ 30,00.

Castanha-de-caju *in natura* é vendida na feira pelos pequenos produtores da região aos compradores que colocam uma balança no meio da alameda Chanceler Edson Queiroz, onde recebem os clientes em pé, pesam os pacotes e negociam os preços conforme a cotação do dólar. Este comércio é sazonal, durante os meses de outubro, novembro e dezembro.

O feijão vem de Pernambuco, carradas contendo sacos de 60 quilos cada um. O feirante compra 200 sacos que são vendidos a R\$ 120,00 cada qual e o milho, que vem de Brejo Santo – CE, em sacos de 60 quilos é vendido a unidade a R\$ 27,00, considerado impróprio para o consumo humano, destinando-se, portanto, à alimentação animal.

Vendedores de farinha, goma de mandioca e feijão adquirem parte desses produtos em Barreira – CE. Vendem no varejo – o feijão a R\$ 3,20 o quilo, a farinha a R\$ 0,70; a goma a R\$ 1,50 o quilo.

Estes produtos são comercializados dentro dos galpões do mercado público, ficando, após a feira, cobertos com lonas em espaços divididos para cada feirante. Eles comparecem durante todos os dias da semana, exceto aos domingos.

A farinha é adquirida em sacos de 50 quilos, ao preço de R\$ 30,00, assim como a goma (amido) sendo esta mais cara, cerca de R\$ 55,00 o saco. A melhor época de comprar nos locais de produção é o mês de julho e a melhor para vender é outubro, novembro e dezembro.

Os feirantes desses produtos reclamam a falta de segurança dentro do galpão do mercado, afirmando que há furtos constantes; pagam até vigilante particular. Citaram a concorrência com o arroz vindo do Piauí, que é vendido mais barato do que a farinha.

Dentro do galpão, há pelos menos três locais de vendas de rapadura. Seis comerciantes adquirem no engenho Tijucussu, de propriedade do Des. Edmilson Cruz. Compram pacotes de 50 unidades, pesando 15 quilos e vendem a R\$ 10,00 cerca de cinquenta pacotes por feira. Dizem que o lucro é pouco, 20%; “tirando o transporte e o trabalho, não fica nada”, disse um deles.

Os feirantes de peixe agora estão dentro de um galpão destinado a essa finalidade, mas ainda existem barracas fora do mercado, perto do galpão de cereais, na rua Pref. Vitoriano Antunes, vendendo peixes secos e salgados. Um dos feirantes respondeu que vende até 600 quilos a R\$ 2,00 o quilo. Lamenta o fato de ser, nos meses de janeiro a abril, proibida a pesca no açude de Banabuiú. “O que salva é não pagar impostos dentro do Estado” – concluiu.

A respeito das sobras, durante a pesquisa ficou constatado que parte dos produtos não perecíveis fica armazenada em depósitos alugados nas proximidades do mercado para ser exposta no sábado seguinte. Outra parte retorna com o proprietário para expor noutra cidade, logo no domingo. Enquanto isso, os produtos perecíveis, como frutas e verduras, voltam com os feirantes para serem oferecidos em “mercadinhos” ou mesmo na própria residência. O que se estraga servem aos animais como galinhas e porcos.

Questionados sobre o que fazem com a renda da feira, os colaboradores responderam o seguinte: reinvestem nas mesmas mercadorias e o que sobra compram gêneros alimentícios, 40% deles; só compram os alimentos para a semana. “Faço a feira, né?” (33,3%); compram tudo para casa, alimentos, produtos de limpeza, algum utensílio (16,6%); a maior parte do que apuram compram material para fabricar os artesanatos, (6,6%) e apenas 3,3% responderam que lancham e levam para a mãe o apurado dia.

A maior parte dos feirantes comercializa produtos adquiridos fora do Município de Cascavel, 73,3% do total, sendo que 26,6% adquirem ou produzem no próprio Município. Este dado refuta a idéia de que a feira expõe basicamente os produtos do seu município.

Em geral, afirmaram que adquirem produtos alimentícios, remédios, material de construção, material escolar, de limpeza, de higiene. Utilizam vários tipos de serviço, tais como pequenos consertos de instrumentos agrícolas, barbearias, salão de beleza, lanchonetes, oficinas de carro, bicicletas e motor, compram tecidos, roupas, calçados, óculos e utensílios domésticos no comércio local.

Responderam, ainda, que às vezes, procuram algum serviço oferecido pela Prefeitura, vão ao banco, ao hospital, mas, 70% afirmaram não procurar nenhum tipo de serviço na cidade. A maioria dos entrevistados responderam que não pertence a nenhum tipo de

associação, (90%). Apenas 10% pertencem à Associação dos Artesãos e não encontram-se segurados pela Previdência Social (INSS).

5.1.6 O que os feirantes acham da feira.

Indagados sobre o que acham da feira, as respostas foram bem diversificadas: 36,6% acham divertido; 10% (3) responderam que não estressa; 10% acham cansativa; 23,3% entendem como boa para vender e conversar; 6,6% acham boa para conhecer e aprender coisas novas e 13,3% dizem que é ambiente para fazer amizades.

No quesito sobre o que deve melhorar na feira responderam o seguinte: melhorar a segurança para evitar roubos, pois há muito turista, (20%); consertar o esgoto, (13,3%); maior organização das barracas, (16,6%); mais assistência, água, higiene, (23,3%); ficar até mais tarde - quatro horas, (6,6%); não cobrar taxa (9,3%); colocar boxes nos fundos do Bradesco, (10%); (6,6%) não quiseram opinar.

5.1.7 A feira de móveis rústicos e animais

O comércio de móveis rústicos de madeira como cadeiras, bancos e mesas, acontece logo após a esquina e em seguida o de animais vivos numa rua sem denominação, depois da feira do Mercado à direita da av. Chanceler Edson Queiroz, a uns 100 metros depois do Banco do Brasil. O local é menos movimentado, sendo freqüentado por um público predominantemente masculino. Os animais oferecidos são porcos, galináceos (galinha, pato, peru, capote), ovelhas, caprinos e eqüinos.

Na feira de animais verifiquei que os comerciantes não são sempre os mesmos. Os mais assíduos são os vendedores de galinhas, ovelhas e cabras. Às vezes há eqüinos à venda, mas há uma ou outra pessoa vendendo cães recém-nascidos.

Observei que, no ambiente, acontecem discussões, até mesmo brigas violentas. Presenciei duas delas motivadas por críticas que os fregueses teriam feito sobre as condições físicas dos animais. Em um dos casos um senhor havia dito que o burro estaria cego e não

servia para puxar carroça. O dono retrucou veementemente contra as palavras do pretendente, dizendo que cego era quem não tinha dinheiro para comprar burro. A discussão arrefeceu com a chegada da guarda municipal, ameaçando chamar a polícia. Noutras pesquisas, observei que os fregueses que compram aves vêm antes das 9 horas e os que procuram outras espécies de animais, aparecem durante todo o período da feira. Em geral os preços são reduzidos com o passar das horas.

Outro dia, ao perceber uma correria em direção a discussão entre um senhor idoso e um homem jovem aparentando uns 25 anos afastei-me um pouco, mas, logo retornei dando continuidade às entrevistas e observações. Ao contrário da feira mencionada anteriormente, essa parte da feira de animais se diferencia bastante. Ela se estabelece em matagal em meio aos cacarejos das aves e os berros dos caprinos. Feirantes e fregueses aparentam fisionomias sérias e os negócios se realizam com rapidez. Indagados sobre isto, muitos afirmaram que a pressa se deve ao fato de que os animais se cansam na viagem, têm fome e sede. Permanecendo mais tempo nessa condição perdem a aparência dificultando as vendas.

5.2 Quem são os fregueses

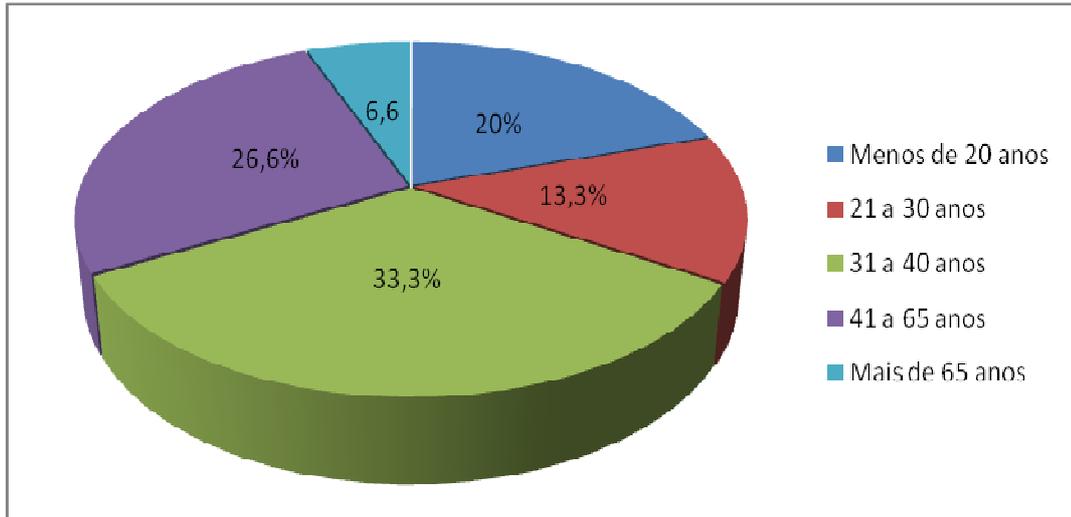
Durante todo o período da pesquisa de campo ficou evidente a participação de homens e mulheres de todas as faixas etárias – crianças e idosos acompanhados ou desacompanhados, no caso de crianças acima de dez anos, como pude verificar algumas vezes.

Das entrevistas (em amostragem não probabilística), obtive os seguintes resultados: 33,3% dos frequentadores da feira são do sexo masculino e 66,6% são do sexo feminino. Deste universo, 46,6% residem em Cascavel, 46,6% moram no meio rural do município e 6,6% são de Beberibe e Pindoretama. Portanto, 93,2% pertencem ao Município, sendo apenas 6,6% de fora deste.

A maioria consiste de pessoas casadas, 66,6%, restando 13,3% que disseram ser juntos (união consensual) e 20%, solteiros. Do total, 16,6% são aposentados, enquanto 83,3% não são.

Encontram-se nas faixas etárias de 18 a mais de 65 anos de idade. Com menos de 20 anos, 20%; de 21 a 30 anos, 13,3%; de 31 a 40 anos, 33,3%; entre 41 a 65, 26,6%; maior de 65 anos, apenas 6,6%.

Gráfico 2



Sobre a renda mensal familiar, parte dos entrevistados encontra-se na faixa de até um salário-mínimo atual, R\$ 415,00 (quatrocentos e quinze reais – moeda vigente no Brasil em 2008), (46,6%); enquanto isso 26,6% estão na faixa de um e meio até dois salários; 6,6 % entre dois e meio a três salários e outros afirmaram obter renda acima de três salários vigente no país (20,2%). Desse total, 66,6% são chefes de família e 33,3% são “independentes”, trabalham somente para si. Os dados colhidos apontam para uma realidade que é a redução do tamanho da família. 13,3% habitam apenas duas pessoas na mesma moradia: Em 20%, há até seis pessoas; 40%, o casal mais um filho, três pessoas; 26,6% moram sozinhos. Portanto, 79,9% dos colaboradores vivem com três pessoas por casa. Desses, 13,3% recebem bolsa-família e 86,6% vivem apenas do seu trabalho e renda.

Para o consumo cotidiano, vão à feira aos sábados para abastecer a despensa – 66,6%, assiduamente, enquanto 33,3 somente vão à feira no fim do mês.

Os gastos com os produtos da feira vão de R\$ 30,00 a R\$ 600,00 em média. 66,6% dos fregueses gastam cerca de R\$ 30,00; 13,3% até 40,00; 33,3% até R\$ 50,00; 20% até R\$ 60,00; 13,3% até R\$ 70,00; 6,6% até R\$ 130,00 e 6,6% cerca de R\$ 600,00. Os que gastam mais de R\$ 600,00 adquirem artigos para revender em outras feiras da região.

As mercadorias que mais compram são: feijão, arroz, farinha, açúcar, goma, frango carnes, peixes, frutas e verduras.

A população que usa verdura em sua dieta entra na faixa dos 66,6% e as que usam pouco são 33,3%.

Disseram que escolhem os produtos, principalmente, frutas, verduras, carnes e peixes pela qualidade, (40%); pelo preço, (20%); e pela qualidade e preço, (20%). 60% preferem os produtos de melhor qualidade, embora haja quem diga que a feira oferece produtos de todo o jeito, dependendo de quem escolhe, para conseguir comprar bem, pois na feira há produto de média qualidade, disse um dos colaboradores. Por esse motivo, prefere a feira em vez de lojas do comércio local. Nesse item, responderam: é mais barato, 60%; porque é mais perto de casa, 13,3%; para manter a tradição 20%. 6,6% disseram que acham a feira atualizada. Entenda-se por atualizada tratar-se de produtos frescos.

Frequentar a feira também depende de muitas razões. Além de comprar, ver pessoas, pagar dívidas, adquirir informações – jornal de concurso, jogar no “bicho”, por ser popular, passear, só comprar. 73,3% acham os produtos bons e 26,6% acham razoáveis. Ninguém disse que os produtos são ruins, mas alguns alertaram para a idéia de que é bom “saber escolher”.

Apontaram que a feira tem problemas para serem solucionados, tais como: roubos, falta de higiene, falta de organização das barracas, esgoto do mercado descoberto exalando “mau cheiro;” outros disseram que não vêem problemas na feira.

5.3 O significado da feira para os fregueses

Para muitos fregueses, a feira representa um evento da cultura, que se firma cada vez mais, pelas circunstâncias econômicas da época, enquanto transmite os costumes do lugar, agrega outros que vêm de fora, “culturas diferentes trazidas pelos turistas de outras regiões que chegam e juntam seus saberes com os daqui, mesmo assim, os daqui permanecem embora

misturados a outras tradições”. Como disse uma vendedora de tapioca “a gente comia tapioca só com leite de coco, agora inventaram com carne de sol, leite condensado, com doce de goiaba, com queijo e vão inventando!...”

Para os freqüentadores da feira, ela é:

- tudo.
- ponto de referência,
- é muito importante,
- é a alma da cidade,
- é ótima,
- trabalho e diversão,
- boa para paquerar
- ver amigos,
- rever amigos,
- promove renda e cultura,
- meio de sobrevivência,
- facilidade de compra,
- bom para o comércio,
- lugar apertado com gente esbarrando nos outros.

Essas frases foram as mais repetidas pelos fregueses durante a pesquisa de campo.

Pelos relatos, o evento faz parte da vivência da Cidade como imprescindível, pois os próprios fregueses falam da feira com orgulho e alegria, como se sua participação pessoal em comprar na feira servisse para perpetuá-la.

5.4 Comerciantes fixos: opinião sobre a feira.

No intuito de conhecer as opiniões dos comerciantes fixos, dos estabelecimentos comerciais das ruas laterais e seqüenciais do mercado público, entrei em vários deles em horários diferenciados, observei, conversei e, por fim, apliquei um questionário sucinto, porque o vendedor prioriza o atendimento ao cliente, pouco interessando outras abordagens no momento em que a feira acontece.

As entrevistas se realizaram em lanchonete, farmácia, boutique, padaria, mercadinho, miudezas de R\$ 1,99; óptica, loja de artigos esportivos e de estivas, num total de 15 (quinze) estabelecimentos comerciais.

Indagados sobre a possível mudança no volume de vendas aos sábados, 80% dos colaboradores responderam que o aumento chega a 30% nas vendas em relação a outros dias da semana, enquanto 20% disseram que não sentem mudanças nas vendas.

Segundo os comerciantes, os produtos mais vendidos são: cereais, lanches, instrumentos de corte (facas, foices, machados, enxadas), bolos, bolas, meias e chuteiras, cosméticos, utensílios domésticos (baldes, bacias e vasilhas para mantimentos e garrafas térmica), pães, bolachas e almoços - “self-service”, vendido na padaria a R\$ 5,00 o prato feito ou conforme o peso.

Todos afirmaram o início de cada mês e o final de ano como períodos em que o volume de vendas aumenta.

As vendas em geral são à vista; dificilmente alguém vende a prazo.

Opinando sobre a feira, responderam:

- É uma coisa positiva.
- Aumenta a circulação de pessoas e de dinheiro.
- Acho desorganizada, principalmente o trânsito.
- Falta segurança, vem gente só para roubar.
- A feira é ótima.
- Sem a feira o comércio morre e como vamos manter empregados e se sustentar?

Pelas respostas, compreende-se a desconstrução da representação de que a feira prejudica o comércio fixo. Transparece, portanto, a importância do evento como propulsor do comércio local, gerando emprego e renda para várias famílias. Confrontando as respostas dos clientes anteriormente citadas com as dos comerciantes, observa-se que ambas as partes atribuem à feira parcela significativa da economia do Município por oferecer emprego e ensejar renda a várias famílias.

As sugestões oferecidas para melhoria foram as seguintes:

- solicitam organização das barracas. Segundo um comerciante lojista, “elas estão aumentando e apertando os poucos espaços (corredores) entre as mesmas, se uma pessoa parar numa barraca, outra que vier atrás não pode passar, ai vai cotovelada, furto e bate-boca.”

O quesito segurança foi o mais sugerido, embora, durante todo o período em que estive em campo, jamais presenciei qualquer reclamação de furto ou mesmo algum ato infracionário, sequer xingamentos ou discussões na local da feira ao redor do Mercado Público. Ao contrário da feira de animais que se localiza na periferia, freqüentado principalmente por homens. Neste local, presenciei algumas desavenças.

5.5 Gastronomia da feira

“Festa começa na boca e termina no pé [...]. Para Luís Câmara Cascudo (2004), “a arte de comer, cerimonial festivo e íntimo, é um patrimônio que orgulha o homem, distinguindo-o do gorila, do orangotango e do chimpanzé, senhores de uma norma nutricionista bem superior à dos humanos. Comer é um ato orgânico que a inteligência tornou sociável.” (CASCUDO, 2004. p.37, 278).

O autor procura dar ênfase ao ato de alimentar-se que, embora seja intrínseco à sobrevivência de todo e qualquer ser vivo, a Antropologia reconhece nos humanos a criatividade de fazer desse momento algo de sagrado, prenhe de uma ritualidade festiva e íntima no âmbito das sociabilidades. Na gastronomia da feira, encontra-se a alegria de comer e oferecer aos conhecidos um pouco desse “banquete” que, se é desprovido de etiquetas, não deixa de obedecer a outras modalidades ritualísticas. Por exemplo, os alimentos são servidos numa seqüência, após a refeição principal (almoço), serve-se sobremesa e/ou café. Nunca antes.

Para enfatizar os sabores da feira, cito um verso de um poeta popular, J. Cleiton Loureiro:

Nesta terra abençoada
 Tem cachaça e rapadura
 Tem coco para cocada
 Tem, melancia madura
 Cana de açúcar moendo
 Caldo de cana escorrendo

Para fabricar o mel.
 É tudo muito gostoso
 O povo fica orgulhoso
 Com as coisas de Cascavel.”

Desde as primeiras horas da manhã, os feirantes e fregueses iniciam seu desjejum nos boxes dentro do mercado, geralmente os barraqueiros e feirantes, que chegam para iniciar os trabalhos. E a gastronomia começa com caldo de carne moída, temperado com pimenta-do-reino, alho, sal, cheiro-verde (coentro e cebolinha), colorau e um pouco de óleo de soja ou de caroço de algodão. Os permissionários já trazem os alimentos cozidos de casa, põem para esquentar no fogão a gás e servem em pratos fundos, com uma fatia generosa de cuscuz de milho. Se o cliente desejar, acrescenta-se um ovo frito na manteiga que ele saboreia às colheradas, seguido de meio copo de café. Como diz Bourdieu (2007),

A propósito das classes populares, seria possível falar de comer sem formalidades [...] a refeição é colocada sob o signo da abundância – que não exclui as restrições e os limites – e, sobretudo, da liberdade: são preparados pratos ‘elásticos’ e ‘em fartura’, tais como as sopas e os molhos, as massas ou as batatas [...], e que servidas com uma concha ou colher, evitam a preocupação de ter que medir e contar – ao contrário de tudo o que tem de ser fatiado, por exemplo, os assados [...]. (P. 185).

Após esta merenda, com o estômago forrado, os trabalhadores dão início às arrumações das mercadorias sobre os tabuleiros com maior “sustança”. Tendo em vista que estas práticas se conformam às suas próprias condições e estilos de vida, como práticas classificáveis, o *habitus* proporciona por sua vez, o elemento diferenciador, classificatório, no espaço da distinção pelos estilos de vida, com base na situação econômica e social. De acordo com esse estudioso, as maneiras de tratar os alimentos, servi-los, apresentá-los e oferecê-los são diferentes entre as classes sociais, considerando as diferenças de renda, notadamente entre a burguesia e as classes populares, assim como a forma de tratar o próprio corpo (IBID, 2007. p.162-168-184). Se os alimentos consumidos pela burguesia são considerados mais leves, ingeridos com formalidades, o contrário acontece na outra, consistindo de alimentos mais gordurosos e doces, suficientes para uma verdadeira refeição “sem formalidades”, porém, substanciosa, rica em calorias, e mais baratas, capaz de fornecer nutrientes necessários ao corpo que produz pelo trabalho, ao mesmo tempo em que reproduz a cultura, no que diz respeito ao “gosto de classe”.

Estes agentes sociais encontram-se no campo determinado pelas circunstâncias do jogo constitutivo da economia de mercado, onde se expande cada vez mais a chamada economia da auto-subsistência, que, caracterizada pela baixa lucratividade, também ocasiona bolsões de pobreza subemprego e, conseqüentemente, precárias condições de vida. Constatase pelos depoimentos que o tempo se arrasta, sem, contudo, trazer quaisquer melhorias na qualidade de vida. O tempo que passam exercendo a mesma atividade demonstra persistência, pois mesmo que consigam apenas meios de sobrevivência, os bens adquiridos são estritamente de natureza doméstica de baixa qualidade.

Durante a pesquisa, conversei com a senhora Maria, que está há oito anos vendendo comida no mercado. Para o café da manhã ela oferece caldo de carne ou de frango, cuscuz arroz, café, sucos de fruta da época, como caju, manga, maracujá, goiaba ou cajá, refrigerantes como cajuína, coca-cola, guaraná, laranjada, uva e limão. “Qualquer um bem gelado, do jeito que o freguês gosta”. Também serve tapioca, “gostosinho” (pão com carne moída) e bolos Luís-felipe (mole) e Sousa-leão (fofo).

Para o almoço, serve guisado de boi, frango, carneiro cozido e sarrabulho acompanhados com um pouco de feijão, arroz, macarrão, farofa e verduras, tudo no mesmo prato, e noutra as carnes, podendo haver até duas opções. Costuma-se ingerir os alimentos alternando com algum dos líquidos citados, inclusive, água.

As sobremesas são doces caseiros de leite, de goiaba, de mamão com coco e cravo-da-índia para dar um sabor mais requintado. Há sempre um vidro contendo pedaços de rapadura que Dona Maria serve tirando de dentro com a ajuda de uma colher para adoçar a boca do freguês.

O sarrabulho muito apreciado pelos clientes que vão à feira, é preparado com as víceras do suíno ou ovino/caprino e misturados com pedaços de carne e toucinho, temperados com sal, alho, pimenta-do-reino, cebolinha e cheiro verde, um pouco de corante para dar boa aparência. Mistura tudo numa panela de pressão por uns 20 minutos e está pronto. Serve com acompanhamentos a gosto - arroz e farinha de mandioca. Cada porção custa R\$ 3,00 (três reais).

No box de número 78, encontra-se Dona Leninha com sua saborosa panelada, feita de bucho e tripas do boi, bem limpas, escaldadas em água fervente com suco de limão, cortadas

aos pedaços e cozidos em panela de alumínio ou de barro. Coloca uns dez quilos durante umas três horas em fogareiro de carvão em brasas. Quando está quase cozida, põe cebola, chuchu, temperos, alho e folhas de louro. Deixa mais tempo para terminar de cozinhar e serve com arroz por R\$ 3,00 (três reais) a porção. Neste mesmo lugar, pode-se tomar sopa de carne com verduras e legumes com fatias de pão por apenas R\$ 2,00 (dois reais).

Mais adiante, outra senhora oferece baião-de-dois, paçoca e frango assado e uma porção de lingüiça pelo mesmo preço das porções anteriores.

Em outro box , Dona Marlene vende bolo-mole cuja receita é:

- 2 copos de farinha de trigo
- 1 litro de leite de gado
- 2 copos americanos (200ml) de açúcar
- 3 ovos
- 4 colheres de manteiga da terra
- 1 copo de leite de coco.

Modo de fazer

Colocar tudo no liquidificador e deixar bater bastante. Untar com margarina e polvilhar com farinha de trigo uma forma redonda com furo ao centro. Levar ao forno pré-aquecido por uns 40 minutos, deixar esfriar um pouco e retirar da forma. Rende até 15 fatias que vende a R\$ 1,00 (um real).

No galpão dos boxes de alimentos cozidos dentro do Mercado, há cerca de 80 pontos especializados nesta atividade, enquanto outros vendem alho e demais especiarias, num total de 91 pontos de vendas bastante freqüentados em todos os horários da manhã.

Do lado de fora do galpão, se encontram queijo assado, lingüiça, frango com tripa de porco assado no espeto, pé-de-moleque na folha de bananeira, milho verde assado e cozido, tapioca, cafezinho, abacaxi em rodela servido na ponta da faca, melancias e melão em fatias, laranjas e tangerinas, uvas e murici que as pessoas puxam umas e saem mastigando, depois decidem se compram.

Nas barracas de queijos e rapaduras, costumeiramente, os donos oferecem pedaços dos alimentos para que se comprove a qualidade. O mesmo acontece nas barracas de frutas, uma espécie de “marketing” comercial. Há odores cítricos e adocicados, diferentes e agradáveis, chamando a atenção de adultos e crianças ao consumo.

Nas proximidades, os bares vendem bebidas alcoólicas, o que vem causando problemas, mas as autoridades vêm discutindo e solicitando aos comerciantes que essas vendas sejam evitadas aos sábados.

Vale ressaltar que as lanchonetes ao lado do mercado possuem melhores condições estéticas e de higiene como o piso, revestimento e *freezer*, onde se acondicionam os alimentos prontos, mesas em granito e demais condições capazes de satisfazer os clientes mais exigentes. Conforme as preferências, podem ser servidas saladas de frutas, sucos, refrigerantes, tortas, bolos, salgados diversos, sanduíches quentes de queijo, presunto, frango e camarão.

5.6 Moda e paquera

A moda como parte integrante da cultura imiscui-se no âmbito da feira. Pode-se constatar grande aglomerado de pessoas, notadamente o público feminino, ao redor das barracas de roupas em *jeans* sendo as minissaias as peças de maior preferências. Cada vez menor o tamanho da saia, como já cantava Luís Gonzaga (Facilita): “[...] tua saia, Bastiana, termina muito cedo. Tua blusa, Bastiana, começa muito tarde [...]. (RAMALHO, 1973)” Parece menor do que o tamanho “normal.” Os modelitos enfatizam o brilho dos adereços metalizados como botões, fivelas e “fecho eclair” entre outros enfeites.

As blusas preferidas possuem cortes especiais, decotes profundos na frente para valorizar o busto, costa nua e barriga de fora. Os “shorts” têm cintura baixa e pernas bem curtas. Calcinhas fio-dental e “soutiens” com bojo para aumentar os seios.

Para um público diversificado como parece ser o da feira, os feirantes procuram trazer peças de qualidade e preços populares. Como diz Bourdieu (2007):

As diferenças de pura conformação são reduplicadas e, simbolicamente, acentuadas pelas diferenças de atitudes, diferenças na maneira de portar o corpo, de apresentar-se, de comportar-se em que se exprime a relação com o

mundo social. A esses itens, acrescentam-se todas as correções intencionalmente introduzidas no aspecto modificável do corpo, em particular, pelo conjunto das marcas relativas à cosmética – penteado, maquiagem, barba, bigode, suíças, etc. – ou ao vestuário que, dependendo dos meios econômicos e culturais suscetíveis de serem investidos aí, são outras tantas marcas sociais que recebem seu sentido e seu valor de sua posição no sistema de posições sociais... (p. 183).

Nesse contexto, verificam-se a moda e os modos da população jovem feminina, em particular, que reinventam em cada peça o traje ideal para as suas condições físicas e econômicas, sabendo-se que, associados ao vestuário, outros artifícios se integrem no sentido de proporcionar melhoras consideráveis do ponto de vista estético. Assim, a cultura se refaz por meio de cada uma personagem que visa a se apresentar em conformidade com o desejável à medida do possível.

Enquanto acompanhava o movimento, fui conversando com as jovens, olhava cada um,a que sorria levantando as peças, outras puxavam-nas debaixo das pilhas de roupas, perguntavam os preços, mostravam às amigas, à mãe e até para os namorados, quase sempre acompanhadas, pareciam necessitar de opiniões para decidir a aquisição. Algumas colocavam a saia na frente do próprio corpo, se olhavam de um lado, de outro, perguntavam as colegas o que achavam, se gostavam do modelo, da cor, e findavam comprando.

- Quanto é mesmo?
- Pra você é doze real.
- Tenho não, ei, deixa por dez
- Tá bom, da próxima vez já sabe, o preço é esse mesmo.

Parei noutra barraca onde uma jovem pegou uma blusa, perguntou se havia de outras cores, ou outros modelos, vestiu por cima da peça vestida, se olhou no espelho oferecido pela vendedora, que disse: “está ótimo, ficou linda em você”, mas a freguesa não decidiu, tirou e saiu prometendo retornar. Mais mulheres se aproximam, elas tocam as peças tentando identificar os tecidos, dizendo, essa é “suplex”, essa é “viscolycra”... provam e compram.

Durante o tempo da pesquisa de campo, observei mudanças nos modelos das blusas, se antes eram feitas de malha coladas ao corpo, de alças ou tomara-que-caia, agora elas ganharam uma pala até abaixo do busto de onde sai um saíote franzido à altura do quadril. Há outras em tecido de algodão com abertura de botões na frente, colarinho e manguinha curta com debrum no acabamento.

Para combinar, os calçados variam entre tamancos com saltos Anabela, sandálias em couro com saltos grossos de vários formatos; talas largas sobre os pés com abotoaduras afiveladas. Há também com tiras finas cruzando entre os dedos de entrada livre. Estas são preferidas em relação aos sapatos. Disse a vendedora: “sapato sai pouco”.

Nos dias em que o forró é anunciado através das radiadoras ambulantes, o movimento se intensifica, levando a crer que para ir ao forró carece de roupa e calçados novos.

Três garotas aparentando terem uns dezesseis anos cada uma chegaram alegres e uma delas dizia:

- Chega mulher, me mostra um tamanco que hoje é dia de ganhar uns “gatinhos”, vamos p’ro forró com a banda “Forrozeiro Todo”, só da boa minha filha... Desarrumaram a barraca toda, calçavam um par, tiravam, jogavam lá por cima, calçava outro, pediam um número maior, diziam que estava apertado, “traz outra”, “não gostei da cor”. Duas delas compraram e uma saiu triste porque não gostou de nenhum dos calçados apresentados. Foi tentar noutro lugar.

Perguntei a um rapaz se ele freqüentava as festas noturnas como o forró. Respondeu:

- Quando tem vou dar uma olhada, às vezes paquero, danço, depende...
- Depende de quê?
- Das meninas, (sorriu) elas só querem quem paga bebida, comida e possui carro...
- Você tem preferência por alguma?
- Bom, tem umas com umas sainhas (sorrindo) de dar água na boca...

5.7 O sertão: está em todo lugar?

Uma coisa é por idéias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... Tanta gente – dá susto saber – e nenhum se sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza, ser importante, querendo chuva e negócios bons... (GUIMARÃES ROSA).

Para pensar o sertão, é preciso conhecer este mundão de tanta gente com tamanha complexidade.

Na arte barroca do Brasil, se evidenciam características do povo brasileiro e expressa as dobras de uma *performance* helênica, entre outras influências européias que atravessaram mares e marcaram nossa cultura. Por isso me questiono: assim como a cultura helênica, o sertão está em todo lugar?

As leituras de obras selecionadas no âmbito da sociologia, com a finalidade de trazer conhecimentos sobre o universo artístico, conferindo-lhes importância no ato de refletir sobre a humanidade do ponto de vista filosófico, sócio-antropológico, pedagógico e científico, foram profícuas pelo fato de resvalar na abertura de outros saberes e, para melhor alcance, quando do olhar inquiridor na pesquisa de campo, na análise e possível compreensão das formas de vida, das ações do homem tão impregnadas de territorialidades que se recriam e se transformam cotidianamente. Portanto, é a feira quem evoca o sertão e este se faz presente em todo lugar.

No ambiente feirante encontram-se os produtos naturais, alimentos que são cultivados no meio rural e distribuídos para os centros urbanos, para as feiras, acompanhados pelas pessoas que, se não produzem diretamente, estão de alguma forma atrelados a eles, a cidade passa a ser o espaço onde se aglomeram outras pessoas, sendo que muitas delas têm raízes camponesas e parecem encontrar na feira não só os produtos dos quais necessitam, mas, também, sensação de prazer, talvez inconscientemente, como diz Guimarães Rosa, “o sertão está dentro da gente”. E a feira se apresenta como se fosse um palco a expressar o sertão na cidade. Como diz Fernando Pessoa citado por Paulo Sérgio do Carmo (2007, p. 22), “o mundo social metaforizado como representação teatral, é um mundo superficial e artificial, um ambiente de dissimulações, ilusões e frivolidades”.

Penso isto, porque, ao sentir o cheiro do mel da cana-de-açúcar fervendo na caldeira dos engenhos à beira da CE 040, em Pindoretama -CE, ou ao apreciar uma pilha de rapaduras postas aos pares numa banca de algum mercado público, é possível reviver instantaneamente a doce infância; sentir a presença dos entes queridos que atuaram no sertão nordestino. Acredito, portanto, que, sendo o Brasil um país “provinciano” e, até meados dos anos 1950, grande parte da sua população vivia no meio rural, esses sentimentos camponeses certamente perseguirão as emoções de boa parte dos cidadãos brasileiros. No mais, percebe-se facilmente esse sertão, na linguagem, no vestir e calçar; nas preferências gustativas das frutas, carnes e iguarias à base de vísceras de animais comestíveis, nos produtos da caça e pesca de água doce e do mar, na forma de preparar, cozinhar e servir os alimentos e de portar-se à mesa. Enfim,

nas preferências por algum tipo de programa de rádio ou televisão que apresenta conteúdo próximo aos folguedos e costumes em que possa haver alguma semelhança com o meio em que vivem.

Foto - 16



Fonte: Ricardo, Trio Forró de Cheiro, em maio de 2008.

A música, em especial, vem a cada dia ocupando os espaços festivos das cidades brasileiras, onde as populares têm tido repercussão, como o forró no Nordeste e as sertanejas no Centro-oeste e Sudeste do país. A que se deve essa popularidade? Em que tempo se encontra o sertão?

Em meio a este contexto, creio que se pode compreender como o sertão sobrevive no urbano, vivenciando as tragédias intrínsecas à própria condição humana em um intenso “hibridismo” de suas culturas, enquanto permanece em meio às diversidades dessa urbe industrial globalizada.

Ao estudar a Arte, com os autores, Charles Feitosa e Giulio C. Argan, inicio pelo conceito de estética, definido como a capacidade de apreciar a beleza por meio dos sentidos, da inteligência, para percebê-la na obra de arte, embora Platão em “A República”. tenha apontado para o seu efeito ilusório, da *mimesis*, e partido para a criação da cidade ideal em que sua organização centra-se nas necessidades básicas e trocas, sendo o “agricultor, alfaiate,

pedreiro, artesão, soldado e político, profissionais úteis à complexidade do sistema social por desempenharem seus papéis em colaboração e solidariedade,” comparada a um organismo no qual, cada um participante contribui para o bem comum.

A feira, como espaço de territorialidades, sociabilidades e reprodução social e econômica da vida, mediante as dinâmicas dos agentes sociais que se apropriam material e simbolicamente dos espaços, promove uma certa “catarse” pelo “efeito purificador” contido nas diversas representações artísticas, na música, na literatura de cordel, assim como do próprio teatro montado a céu aberto, ao mesmo tempo em que “fortalece o sentimento de comunidade a partir das articulações de trocas materiais e afetivas, no ver e no sentir, por meio de uma estética que não se limita ao belo, mas, ao atraente, ao significado muitas vezes obscuro pela feiúra, mas que pode vislumbrar os devires do mundo real.

A feira congrega esses aspectos do belo e do feio de várias maneiras, na assimetria das barracas, nos tipos de mercadorias. Um balaio de caranguejos, por exemplo, não é tão belo quanto um tabuleiro contendo melancias inteiras, cortadas ao meio, mostrando em sua casca listrada e mesclada de verde-claro e verde-escuro uma polpa rosa-choque pontilhada com sementes pretas, no entanto, caranguejos e melancias fazem parte da gastronomia, por demais importante para a nutrição dos habitantes do Município de Cascavel.

Nesta pesquisa, encontram-se muitas características de uma cultura “transcontinental” desde a organização das mercadorias nas barracas, nos tabuleiros que contêm frutas, legumes, verduras e demais mercadorias, até as expressões faciais dos homens e mulheres feirantes. Neles, a barba bem raspada, o bigode bem aparado, os cabelos cortados baixo, unhas aparadas e as roupas limpas. Nelas, os cabelos, embora longos, em algumas estão penteados e presos; o rosto maquiado com pó facial e batom. Com as unhas e as roupas limpas, ambos se calçam com sandálias baixas ou tênis. (A apresentação como exigência da higiene pessoal).

No ideal da arte grega como representação da beleza universal, conforme Winckelmann citado por Machado (2006, p.11), “é uma nobre simplicidade e uma serena grandeza [...], tanto na atitude quanto na expressão”. Assim como os gregos, os feirantes demonstram em seu jeito de ser, o espírito “apolíneo”, pois, apesar do trabalho árduo, muitas vezes, embotado no produto como a pesca em alto mar ou artesanal de mariscos, o trabalho agrícola, da plantação e da colheita, o transporte dos gêneros alimentícios e do artesanato para o local da feira sob o sol quente, permanecer em pé durante todo o evento por longas horas,

tudo isso leva a crer que, apesar das belas aparências, apolíneas, individuais, tais posturas foram aprendidas, ressemantizadas e transmitidas culturalmente de geração em geração. Conforme Nietzsche, “a beleza é uma sensação de prazer que nos oculta em seu fenômeno as verdadeiras intenções da vontade [...] o homem individual está tranqüilo, apoiado e confiante no *principium individuationis*” (MACHADO, 2006). É na ocultação do sofrimento que se demonstra a grandeza de alma, como perfeição do indivíduo nas relações sociais.

O dionisíaco também é vivenciado nesse ambiente, que se caracteriza pelo aspecto lúdico, representado pelas cores fortes do vermelho, verde e amarelo das frutas, legumes e verduras; assim como suas texturas diferentes, lisas, ásperas, aveludadas, espinhosas e pelas falas e frases de efeito atrativo. Tudo conta e encanta, alegre, contagia e finda integrando todos os diferentes no mesmo espírito no qual, ao contrário do apolíneo, o dionisíaco promove a reconciliação nesse universo de economia de mercado e se inscreve na tragédia social do desemprego, da falta de meios de produção de parte considerável do povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente da feira como espaço de sociabilidades agrega interações de indivíduos na busca de reunir forças para efetivar as trocas econômicas e simbólicas. Com isso, adquirem também o sentimento de grupo unificado pelo mesmo desejo. Formam, conseqüentemente, uma “sociedade” na luta pela sobrevivência.

No que diz respeito à sociabilidade como processo de interação, compreende em si uma “forma de sociação, para entender o ser humano se faz necessário atentar para o seu caráter complexo, incompleto de conteúdo, formas e possibilidades “[...] sendo membro de uma família ou de uma profissão, ele é cada vez mais uma elaboração *ad hoc*”. (SIMMEL, 2006. p.65). Para os feirantes essa interação ou sociação, pode ocorrer em razão ao senso de igualdade entre eles. Iguais nas dificuldades enfrentadas nas lidas diária, parte de um e ao mesmo tempo por todos, no conjunto em que se tecem as relações intrínsecas às suas condições sociais.

Ao abordar a perspectiva do lúdico na feira, sendo o dia de compras percebido como dia de lazer pelos freqüentadores, parto do efeito contagiante das coisas multicoloridas, das pessoas em movimento, falando, gesticulando, sorrindo, as faces por demais diversificadas. Toda essa profusão certamente mexe com as emoções somando-se aos contatos e laços afetivos desenvolvidos entre os indivíduos que fazem a feira, entre estes e sua clientela, entre os que não “fazem a feira”, enfim, todos os que participam, de alguma forma se inserem nesse universo no qual as relações de amizade sucedem independentemente de suas particularidades subjetivas. Ao encontrarem-se na feira, as pessoas se cumprimentam e, em seguida, comentam sobre o preço e a qualidade dos produtos. Até apontam barracas com melhor qualidade e preço acessível. Discutem sobre política, reclamam do aumento nos preços dos produtos, criticam as autoridades locais e nacionais e até comentam sobre notícias veiculadas pelos meios de comunicação.

Durante as negociações, o freguês relata para o vendedor que o feijão está caro, pede um desconto: “baixa aí o preço, tá muito caro! Se baixar o preço, levo mais... dinheiro tá difícil”. Outras frases de efeito são conhecidas, como: meu dinheiro é muito suado, mas nunca

se diz como ganhou o dinheiro, pois as formas de aquisição de renda encontram-se submersas na subjetividade, se ganhou carregando pedra ou se utilizou menor esforço, se o intelecto ou a força física. O que fica evidente é a dificuldade das pessoas em adquirir o suficiente para o seu sustento.

Saber usar o dinheiro é uma forma de conseguir comprar mais, ou diversificar mais, sobrar para o corte de cabelo, para adquirir um batom, no caso das mulheres. Elas representam a maior parte dos fregueses, contrastando com o número de feirantes do sexo masculino.

A feira enquanto espaço de domínio público, seu controle pertence à Prefeitura Municipal, mas, cada permissionário procura defender seu pedaço com respeito e colaboração com os demais apesar do individualismo. Cada feirante evita conflitos explícitos, brigas, discussões, cuida do serviço e administra bem o tempo destinado ao trabalho.

Dependendo das circunstâncias, a feira pode elevar as vendas ou reduzi-las. Trata-se de um sistema socioeconômico heterogêneo, pois são muitas as diferenças culturais, assim como a própria acumulação de capital. Para uns, ali é apenas um lugar que possibilita poucos recursos, uma vez que o patrimônio é pequeno. Para outros, há possibilidades de maiores lucros, pois, há maior investimento material capaz de vender mais, como as carnes e os cereais em grosso.

Observei um dado interessante, embora os sábados apontados como dias “mais fracos”, terceiro, quarto ou quinto, dependendo do mês, o fluxo de freqüentadores aparentemente não se reduz, o que diminui são as quantidades de compras, principalmente dos mais idosos, pois o maior volume de compras acontece quando recebem seus “aposentos” (benefícios da aposentadoria) no início de cada mês.

Busquei respostas para as questões que me inquietavam no início deste trabalho entendendo que a feira, para não perder suas características camponesas, apesar de receber grande quantidade de produtos manufaturados, sobretudo roupas e calçados, continua mantendo a tradição de oferecer frutas, verduras, legumes, animais domésticos, artesanato de várias espécies entre outras mercadorias e serviços. Compreendo que o conjunto dos produtos motiva a população a ir ali pela diversidade de mercadorias expostas, ensejando barganha nos

preços e mais opção no quesito qualidade entre os competidores, sendo fator positivo para os compradores.

Sobre a importância do turismo para a feira, acredita-se que o turismo representa fator de maior circulação da moeda e aumenta as vendas, principalmente de alimentos, nos meses de janeiro, julho e dezembro, período considerado de alta estação. A rede hoteleira e as casas de praia são ocupadas por famílias de várias partes, turistas ou não, por um significativo contingente de pessoas de vários lugares que dão preferência ao litoral cearense e vêm à feira para adquirir e conhecer produtos variados, frutas, verduras e o artesanato.

As representações sociais sobre a feira residem basicamente no imaginário popular, havendo a idéia de que ela significa uma atração profunda, além de grande importância para a economia, e abastecimento de alimentos, enquanto viabiliza afetos aos que a freqüentam costumeiramente.

Conforme o que foi pesquisado, a agricultura do Município de Cascavel não se desenvolve o suficiente para abastecer conforme a demanda local. Nos relatos colhidos, a causa dessa baixa produtividade resulta da precariedade em que se encontram as pequenas propriedades, da falta de incentivos financeiros e técnicos que poderiam se efetivar por vias de políticas públicas de investimentos, no intuito de atender as demandas da feira. Exemplo disso é o cultivo de cana-de-açúcar, cultura tradicional do Município que poderia receber melhorias dando azo à maior produção de rapadura, mel e alfenim; assim como o cultivo da mandioca continua abastecendo o mercado e a feira local, porém, a demanda exige que os comerciantes e feirantes saiam para adquiri-la fora do Município, em outras feiras do Estado nas localidades de Barro e Morada Nova.

A pesca é apontada como insuficiente para a demanda local. A ausência de maior quantidade de peixes e mariscos em oferta na feira, de acordo com os relatos dos vendedores dessas mercadorias, depende do número cada vez mais reduzido de pescadores na “barra”, quer dizer, na área litorânea do Município; dadas às transformações de empregabilidade que gradativamente ocorrem no lugar, devido ao aumento de casas de veraneio, construídas por pessoas de Fortaleza, de outros estados da Federação e mesmo “gringos” que vêm e empregam os trabalhadores como caseiros, oferecendo carteira de trabalho assinada, entre outros direitos trabalhistas. Este pode ser um dos fatores de absorção da mão-de-obra disponível, por ser mais atrativo do que a atividade pesqueira, como ocupação de grande parte

dos moradores do sexo masculino das praias de Caponga, Barra Nova, Barra Velha, Águas Belas e Balbino.

Procurei verificar se a Administração Pública tem interesse em manter a feira e, de certa forma, a resposta é positiva, pois o mercado foi ampliado recentemente e, segundo, uma senhora entrevistada, já existe projeto elaborado para efetuar reforma no sistema do Mercado Público, com vistas à padronização das barracas e locais organizados por tipo de mercadoria. Do ponto de vista dos feirantes, faltam melhorias no sistema de água, esgotos e fossas do edifício que deixam vazar dejetos e exalar odores desagradáveis.

De acordo com as representações dos moradores da Cidade e dos próprios feirantes, a existência da feira se traduz num evento necessário ao abastecimento de produtos para consumo da população, associada à vantagem de preços acessíveis, frutas, verduras, peixes, aves, carnes frescas, incluindo o aspecto divertido do ambiente. Conta-se, sobretudo, com a empregabilidade direta e indireta – como outros setores da economia de mercado. Apesar das trocas acontecerem ali, a produção na sua totalidade ocorre em outros locais, nas fábricas, no mar, nos sítios, fazendas, engenhos, na roça, na casa de farinha etc.

No que diz respeito às desvantagens, no ambiente feirante, conta-se com a desorganização das barracas, com o barulho produzido pelos ambulantes, as vias de acesso ao mercado e feira obstruídos aos sábados, bem como as dificuldades enfrentadas pelos feirantes para transportarem suas mercadorias, pois poucos possuem meio de transporte. As estradas que ligam os sítios até Cascavel também carecem de pavimentação ou consertos.

Sobre os códigos dos feirantes, verifica-se que, no geral, a convivência é pacífica, evitam apontar as infrações dos outros. Por exemplo, em um sábado de fevereiro quando estava chovendo, algumas barracas que vendem roupas estavam vazias. Perguntei a alguns feirantes o porquê dessa ausência e fui informada de que não compareceram por problema de transporte. O interessante foi que todos os feirantes abordados me olharam com ares de desconfiança e demoravam a esboçar uma resposta, temendo responder algo que viesse a prejudicá-los numa pura demonstração de cumplicidade; como se talvez eu fosse da Prefeitura e que poderia ocupar aquele espaço com outro feirante novato.

Durante meu trabalho de campo, observei várias vezes feirantes preocupados com a barraca do vizinho, sempre atentos quanto a furtos que, via de regra, acontecem

costumeiramente. A solidariedade entre os feirantes é fator de interação e amizade, como o ato de dividir o transporte entre dois feirantes, trazer a mercadoria em consignação do outro quando por algum motivo não pode vir “fazer” a feira, vender uma parte e devolver o que não foi vendido na prestação de conta.

Por tudo o que pude observar durante essa pesquisa sobre o universo feirante, ainda permanecem as estruturas de dominação centradas nos que detêm o poder, da propriedade privada, sobretudo, da terra e dos meios de produção contra aqueles que se inscrevem no mundo da economia informal, condição engendrada pela precariedade em que se encontra o meio rural excludente, por vezes, industrializado, sem, contudo, apresentar nenhuma possibilidade de absorção da mão-de-obra excedente produzida pelo capitalismo. Deixando cada vez mais estes trabalhadores sem perspectiva, portanto, vulneráveis, prestando-se a abraçar qualquer tipo de serviço que lhes possa render alguns trocados.

Observei que, nas últimas feiras, encontram-se mais barracas ocupando todo o espaço, inclusive com pessoas novatas. Procurei saber o que acontece e fui informada nas entrevistas que se trata de locação, os permissionários alugam para outros. Assim, as pessoas não deixam de simplesmente ser feirantes, “possuir” um ponto de comércio, dependendo do local significa um patrimônio do ponto de vista econômico. Ela pode ser vendida, cedida ou alugada. Portanto, negociável, independente, particular, em que o proprietário pode usar para expor as mercadorias ou negociar sem a interferência do órgão municipal.

No âmbito da globalização da economia, seria de suma importância dar maior ênfase à produção de alimentos, haja vista as condições geofísicas do País, quebrar paradigmas no que se refere ao enfrentamento das políticas econômicas verdadeiramente voltadas para as camadas mais pobres da população, viabilizando uma nova conjuntura política, econômica e cultural. Assim, espera-se que as feiras possam gozar de estatutos relacionados ao mundo do comércio sem restrições em qualidade, preço de mercado e estruturas físicas em que possam competir com os modernos supermercados em condições de igualdade, ainda que pertençam ao setor informal da economia urbana pela própria contradição capitalista. Ainda assim, acredita-se que a feira venha a se modificar, adaptando-se às constantes exigências do mercado no sentido de que a sociedade possa gozar dos efeitos dessa transformação, ao mesmo tempo em que preserva os traços de sua cultura.

A temática, obviamente, não se esgota nessa análise, pois há possibilidade de muitas outras abordagens de estudos que venham a traçar outros perfis com esteio na tradição e no “habitus,” nos saberes coletivamente desenvolvidos em conformidade com as necessidades humanas, com base nas condições do mercado, nas relações sociais, na força de trabalho, nos recursos disponíveis necessários à produção, inclusive nas relações tecidas entre os meios rural e urbano, como prática para a consecução dos meios de subsistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo R. **Fotoetnografia da Biblioteca do Jardim**. Editorial, Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004

AGAPIO, Roberto. **Feira Livre**. Fortaleza. Disponível em: <http://www.robetoagapio.fot.br/texto01.htm>. Acesso em 15/11/2007.

ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. **Território e Sociabilidades na Feira Livre da Cidade de Caicó (RN)**. Natal, UFRN, 2005, Dissertação (Mestrado em Geografia) Departamento de História e Geografia da Universidade federal do Rio Grande do Norte. Disponível em < <http://www.ig.ufu.br.revista/caminhos.html>. Issn 1698 - 6343> Acesso em 15/08/2007.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna do Iluminismo aos Movimentos contemporâneos**. São Paulo: Companhia das Letras. 1992

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR14724**: informação e documentação-trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro,2001.

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola – o que é e como se faz**. 13 edição. São Paulo: Loyola 2003.

BASTOS, Núbia Maria Garcia. **Introdução à Metodologia do Trabalho Acadêmico**. Fortaleza: Nacional, 2005.

BESSA, Evânio Reis et al. **Cascavel 300 Anos** / Fortaleza: Universidade de Fortaleza: 2001.

BHABHA Homi K. **O Local da Cultura** (trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves) Belo Horizonte: Ed. UFMG. 1998.

BÍBLIA SAGRADA, **São Marcos**. São Paulo: Stampley Publicações LTDA. 1974 p 1021.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas**, Campinas: Papyrus, 1994.

_____, **Lições de aula**. São Paulo: Ática, 1994

_____, **O Poder Simbólico**, 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____, **Questions de Sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984

_____, **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____, **Economia das Trocas Simbólicas**, 3 ed. São Paulo: Perspectiva S.A.1992.
 _____, *Réponses*, (com Loïc D. J. Wacquant), Paris: Éditions du Seuil. 1992

_____, **A Distinção – crítica social do julgamento**, Trad. Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira São Paulo: Edusp; Porto Alegre RS: Zouk, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos meios de vida. 8 ed. São Paulo: Ed. 34, 1997.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Sociologia e sociedade pós-industrial**: uma introdução. São Paulo: Paulus, 2007. Coleção (Ciências Sociais)

CASCAVEL DIDÁTICO – Disponível em: <http://litoralleste.wordpress.com/2006/12/04/fotos-historicas-de-cascavel/> Acesso em 23/11/2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. 3. Ed. São Paulo: Global, 2004.

CAVALCANTI, Maria Laura V.C. Os sentidos do espetáculo. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP. 2002. v 45. n° 1.

CHAMPAGNE, Patrick. “La Fête au Village. In: **Actes de Recherche** – Paris: 1977.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez,1991.

CLEPS, Geisa. D. G. **O Comércio Atacadista de Uberlândia (MG): Mudanças Tecnológicas e Estratégicas Territoriais**. Rio Claro: UNESP, IGCE, 1997, Dissertação (Mestrado em Geografia) Rio Claro: 1997, 181p.

COHEN, Y. História Oral: uma metodologia, um modo de pensar, um modo de transformar as ciências sociais? **Ciências Sociais Hoje**. São Paulo: 1993.

CURWIN, Jon & SLATER, Roger. **Quantitative methods for business decisions**. 3ª. ed. 1991.

DA MATTA, R. **Relativizando**: uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro,

ROCCO, 1987.

_____, **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

DIÁRIO DO NORDESTE- **Messejana**: Falta de estrutura prejudica a feira – 24/09/2006. (a/d).

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

ELIAS, Norbert, **Norbert Elias por ele mesmo**, São Paulo: Jorge Zahar Editora, 2001.

_____, **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores, R. de Janeiro, 1994

- _____, **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.
- _____, **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994
- _____, **Os Estabelecidos e os *Outsiders***, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000.
- ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA – 1995, vol. 8 p. 508
- FEITOSA, Charles. **Explicando a fotografia com arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- FERNANDES, Francisco. **Dicionário Brasileiro Contemporâneo**. 4 ed. Porto Alegre: Globo. 1975.
- FELDMAN-BIANCO, Bela, LEITE, Miriam L. Moreira (Orgs.) **Desafio da Imagem: Fotografia, Iconografia e Vídeo nas Ciências Sociais**, 3 ed. Campinas, Papyrus Editora, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. e Tradução de Roberto Machado, 12 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GENNEP, Arnaud Van. **Ritos de passagem**. Petrópolis RJ: Vozes, 1977.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.
- _____, Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das Culturas**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 13-41, 1978.
- GONDIM, Linda M. P. (Org.) **Pesquisa em Ciências Sociais: O projeto da dissertação de mestrado**. Fortaleza: UFC, 1999.
- HALL, Stuart . **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade** (Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro), 3 ed. s/l: Editora DP&A, 1999.
- HEREDIA, Beatriz M.A. – “**Política família e Comunidade**” In: Palmeira e Goldman (eds) **Antropologia, voto e representação política**. Contracapa – Rio de Janeiro: 1996.
- HISTÓRICO DAS FEIRAS LIVRES NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Disponível em <http://www.rio.rj.gov.br/clf/feiras/historia.htm>.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **Ordenando o Espaço Público: A criação das Feiras livres na Cidade do Rio de Janeiro**, Scripta Nova Revista eletrônica de Geografia y Ciências Sociales. Barcelona: Universidade de Barcelona, 1º. De agosto de 2005. Vol. IX num. 194 (62) Disponível em <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-62.htm>>[ISSN:1138-9788] > Acesso em 15/08/2007. Rio de Janeiro: UERJ – Dep. Geografia. 2001
- JOFFILY, Irinêo. **Notas sobre a Paraíba**. Brasília: Thesaurus. 1977.
- KERÉNYI, Carl. **Dioniso: imagem arquetípica da vida indestrutível**. Trad. Ordep Trindade Serra; Rosana Citino. São Paulo: Odysseus, 2002.
- LABAN. Rudolf. **Domínio do movimento**. Org. Lisa Ulmann. São Paulo: Summus, 1978.

LAPLATINE, François. **Aprender Antropologia**. (S/D)São Paulo:Brasiliense, 1988.

LEACH, E. **Cultura e Comunicação**: a lógica pela qual os símbolos estão ligados. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LESKY, Albin. **A tragédia grega**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LOUREIRO, J. Cleiton. **Cascavel em verso e prosa**. Fortaleza: Gráfica Editora R. Esteves Tipoprogresso LTDA (s/d).

MACHADO, Roberto **O nascimento do trágico**: de Schiller a Nietzsche. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 2006.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**: uma história de amos e ódio. São Paulo: Campanhia das Letras. 2001.

MARTINS, Heloisa H.T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa** e-mail: heloisah@usp.br.

MARX, Karl. **Introdução [à crítica da economia política]**. Os Pensadores . São Paulo: Abril Cultural, 1974, vol. XXXV.

_____ **Sociologia/org.** [da coletânea] Otavio Ianni, São Paulo: Ática, 1979.

MATTAR, F. **Pesquisa de marketing**. Ed. Atlas. 1996.

MEYER, Doris Rinaldi. **A Terra do Santo e o Mundo dos Engenhos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

MILLS, C.W. **A imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1959.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social – Teoria, Método e Criatividade**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, s/d.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História**: Suas origens, Desenvolvimento e Perspectivas. 2 ed. São Paulo: Martins Fortes, 1982.

NASCIMENTO, Hélio de Oliveira. **As intermediações comerciais da Empasa-Campina Grande**: produção de espaço, redes e consolidação dos territórios. Dissertação (mestrado em Geografia) Universidade Federal de Sergipe. Aracaju-SE. 1999.

NEVES, Clarissa E. Baeta & CORRÊA, Maíra Baumgarten. “Pesquisa social empírica: Métodos e Técnicas “(org). **Caderno de Sociologia/Programa Pós-graduação em Sociologia**, v. 9 (1998). Porto Alegre: PPGS/UFRGS. ISSN 0103-894X.

OLIVEIRA, Alex Robério Carvalho. **Feira Livre de Arapiraca**. Disponível em: <<http://www.candeeiroaceso.org.br.online.arapiracaal>. s/d. Acesso em: 23/11/2007.

ORTIZ, Renato – **Pierre Bourdieu**, Ática, São Paulo: 1983.

PEREIRA JR., F. **Feira de Campina Grande**: um museu vivo da cultura popular e do folclore nordestino. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB. 1977.

PREFEITURA DE SÃO PAULO **História das Feiras Livres**. Online, São Paulo: 5/9/2007. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br.secretarias/abastecimento/organização/estrutura/0054>. Acesso em: 10/11/2007.

QUEIROZ, Maria Isaura P. **Bairros Rurais Paulistas**. São Paulo: Duas cidades, 1973.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães (Org.). **Feiras do Jequitinhonha**: mercados, cultura e trabalho de famílias rurais no semi-árido de Minas Gerais. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil; Universidade Federal de Lavras, 2007 – (Coleção BNB Projetos Sociais; n. 1).

RODRIGUES, Lea Carvalho. **Rituais na Universidade**, Uma Etnografia na UNICAMP. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

ROMERO, Pedro. **Feira de Caruaru é patrimônio brasileiro**. *Jornal do Commercio*, Recife: 27 dez. 2006. Caderno C, p.1

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 2 ed. Campinas S.P: brasiliense, coleção primeiros passos, 1988.

SANTOS, José Vicente T. dos. “**A Construção da Viagem Inversa**: ensaio sobre a investigação das ciências sociais”. **Caderno de Sociologia**, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFRGS: Porto Alegre: Vol. 3 n. 3 jan/jul/ 1991.

SOUTO MAIOR, Armando. **História Geral**. São Paulo, Ed. São Paulo. 1978

SILVA, Edna Lúcia da, MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e elaboração de dissertação**. 3 ed. revisão. atual. Florianópolis: Laboratório do Ensino a Distância da UFSC, 2001.121p.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais da Sociologia**: indivíduo e sociedade (tradução Pedro Caldas). – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

TAVARES, Breitner Luis. **Feira do rolo na pedagogia da malandragem**: memória e representações sociais no espaço urbano de Ceilândia – DF. Brasília: UnB, 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília DF.

TURNER, V. **O processo ritual**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1974.

VEDANA, Viviane. “**Fazer a feira**”: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da feira livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre/RS. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2004.

VIEIRA, Maria Sulamita de A. **Feira: espaço de liberdade ou de ilusões?** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Desenvolvimento, Dep. Ciências Sociais e Filosofia, UFC – 1980.

VIEIRA[2].Rute. **Dinâmicas da feira livre do município de Taperoá – PB** – DAGEOC _UFPB disponível em: http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo1/e1_024.htm

VOCÁBULO – **FEIRA** disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Feira>. 2007)

ZALUAR, A. Teoria e Prática do Trabalho de Campo: alguns problemas. In: CARDOSO, R. (Org.) **A Aventura Antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 107-123, 1986.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO - SOCIOLOGIA
APOIO - FUNCAP

Pesquisa sobre a feira / Questionário para feirante

aplicado _____ por _____ dia/local: / /

1. Informações pessoais do (a) feirante:

- 1.1 Nome: _____ 1.2: Idade: _____
 1.3 Naturalidade: _____ 1.4: Aposentado(a): Sim () Não ()
 1.5 Sabe ler: Sim () Não () 1.6: Anos de escola: _____
 1.7 O Sr (a) é chefe de família: Sim () Não ()
 1.8 Quantas pessoas dependem de sua renda? _____
 1.9 Recebe outro tipo de renda? Sim () Não () Qual _____ Quanto? _____
 1.10 Que meio de transporte usa para vir à feira? _____

2. Informações sobre a feira e o feirante

- 2.1 O sr (a) vende na feira toda semana? Sim () Não ()
 2.2 Vende em outras feiras da região? Sim () Não ()
 2.3 Há quanto tempo vende na feira? _____
 2.4 Porque vende na feira? _____
 2.5 Quantos pontos de vendas o sr.(a) possui? _____
 2.6 Qual é a renda de cada feira? _____ média mensal _____ meses piores _____
 meses melhores _____

3. Informações sobre o sistema de produção

- 3.1 O sr (a). faz outras atividades fora a feira? Sim () Não ()
 Quanto recebe? _____
 3.2 O sr. produz o que vende? Sim () Não ()
 Meios próprios? Sim () Não () Como? _____
 Qual (is) produto (s)? _____ Só vende? _____ Consome e vende? _____

4. Informações sobre a feira

- 4.1 Aqui na feira seus compradores são fixos ou variam muito?
 Fixo () Variável ()
 4.2 O que está vendendo hoje são sempre os mesmos produtos? S() N ()
 Produto Atividade Preço/Unidade de Medida Classificação

- 4.3 O sr(a). vende que quantidade por feira? _____ À vista? Sim () Não ()
 fiado? Sim () Não () O que faz com as sobras? _____
 4.4 O que compra com a renda da feira? _____
 No mercado de Cascavel? _____
 4.5 No dia da feira, usa algum serviço da cidade? Banco () hospital ()
 Prefeitura () Farmácia () Sindicato Rural ()

5. A organização da feira

- 5.1 Pertence a alguma Associação? Sim () Não () Qual? _____
 5.2 O sr (a). acha a feira um lugar divertido? Sim () Não () porquê _____
 5.3 O sr (a) tem sugestão para melhorar esta feira? _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO - SOCIOLOGIA
APOIO - FUNCAP

Pesquisa sobre a feira / Questionário para os fregueses

aplicado _____ por _____ dia/local: / /

Caracterização do (a) freguês(a)

1 Dados do (a) freguês (a):

Nome: _____ Sexo M () F ()

1.1 Onde mora _____ Cidade () Meio rural ()

1.2 Estado civil: _____

1.3 Aposentado: Sim () Não ()

1.4 Idade: Menor ou igual a 20 () 21 a 30 () 31 a 40 () 41 a 65 () Maior de 65 anos ()

1.5 renda familiar mensal: até 1 s. m. () 2 s. m. () 3 s.m () acima de 3 s. m ()

1.6 O sr (a) é o chefe da família? Sim () não ()

1.7 Mora com quantas pessoas? _____ Aposentados Sim () Não () Quantas? _____

1.8 Recebe auxílio do governo? Sim () Não () Qual? _____

2. Hábitos de consumo:

2.1 O sr (a) vem todas as semanas à feira? Sim () Não ()

2.2 Quanto gasta em média por semana? _____

2.3 Quais os produtos que compra? _____

2.4 Tem preferência por verdura? S () N () porque? _____

2.5 O que é mais importante para escolher o produto? _____

2.6 Porque prefere a feira e não o comércio lojista? _____

2.7 O (a) sr (a). vem à feira só para comprar? Sim () Não () se não cite outros motivos _____

2.8 Qual a sua opinião sobre os produtos? _____

2.9 Quais os problemas que percebe na feira? _____

2.10 O que significa a feira para o(a) sr(a). _____
e para a cidade? _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO - SOCIOLOGIA
APOIO - FUNCAP

Pesquisa sobre a feira/Questionário para o(a) comerciante

Aplicado por _____ dia ___/___/___ local _____

Objetivo: verificar o consumo do feirante e a importância da feira para o comércio de Cascavel-Ce.

1. Identificação

Nome do estabelecimento: comercial: _____

Tipo: _____ setor de estabelecimento _____

Entrevistado (a) _____

2. Impactos da feira

2.1 Há aumento de vendas no comércio local em dia de feira? _____

2.2 O que o feirante compra no seu estabelecimento comercial? _____

2.3 As vendas no seu estabelecimento aumentam quanto por cento? _____

2.4 Há época em que o feirante compra ou gasta mais? _____

2.5 O(a) sr(a). vende a crédito para o feirante? Sim () Não ()

2.6 Sua opinião sobre a feira: Positiva _____

Negativa _____

2.7 O que poderia ser feito para melhorar a feira? _____

ANEXOS

